

CLAVIS LIBRI · GUIA DE LEITURA

MADAME BOVARY

Gustave Flaubert · 1857

A mulher de um médico de província troca a vida que tem pela que leu nos romances, e paga em dinheiro.

A OBRA

TÍTULO ORIGINAL	Madame Bovary: mœurs de province
PUBLICAÇÃO	1856, em folhetim; 1857, em livro
GÊNERO	Romance realista
CENÁRIO	Tostes, Yonville-l'Abbaye e Rouen, na Normandia
ÉPOCA	A França provinciana da primeira metade do século XIX
NARRADOR	Terceira pessoa, com estilo indireto livre; o primeiro capítulo abre num "nós" de colegas de escola
PROTAGONISTA	Emma Bovary

TEMA CENTRAL

Uma mulher educada por romances espera da vida o que só existe em romance, e o mundo cobra a diferença. O que faz o livro sobreviver não é o adultério, é o mecanismo: Flaubert mostra que o desejo de Emma **não é dela**, é copiado do que ela leu e do que viu uma noite só, e que o preço dele não se paga em moral, se paga em dinheiro. A ironia final não pune o vício nem premia a virtude, premia quem nunca arriscou nada por ninguém.

O FIO QUE ATRAVESSA A OBRA

1. **O desejo copiado.** Emma não deseja um homem, deseja o que leu. O baile do capítulo 8 da Parte I não a seduz, a envenena, porque lhe mostra por uma noite o que ela vai passar o resto do livro tentando repetir. É o mesmo mecanismo já montado por outra porta, em René Girard: o desejo que vem de um modelo, não do objeto.
1. **A repetição que ela não vê.** O vocabulário romântico de Léon reaparece quase idêntico na boca de Rodolphe, e o caso com Léon na Parte III repete o tédio do casamento que ela fugiu. Emma troca de homem três vezes e chega três vezes ao mesmo lugar, e o romance nunca a deixa perceber isso.
1. **A conta chega em dinheiro.** Lheureux é o personagem que decide o desfecho, e ele nunca discute moral. O romantismo de Emma termina em planilha, e é a dívida, não a culpa, que a mata.

O primeiro fio é disputado.

DESENVOLVIMENTO: O VAZIO, E O QUE EMMA PÕE NO LUGAR DE DEUS

as partes comentadas leem o romance por dentro. Esta seção o põe diante de quatro perguntas que a obra não formula e que outros autores formulam por ela, e em cada uma a passagem vem da casa de quem a disse.

O VAZIO VEM ANTES, E O QUE DECIDE É O QUE SE FAZ COM ELE

O que o torna trágico não é existir, é a resposta de Emma a ele, e é aqui que ela se afasta das duas saídas que Albert Camus descreve para o mesmo começo:

O absurdo não nasce de uma tese, nasce de um estado, e Camus o descreve com a palavra que a tradição reservava para a origem da filosofia, o assombro: “Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo.”

O Mito de Sísifo

Emma não volta aos grilhões nem desperta. Ela procura objeto. O assombro que em Aristóteles vira pergunta e em Camus vira lucidez vira nela fome, e é essa a distância que a nota Thaumazein mede.

VÍCIO OU INCONTINÊNCIA

O romance mostra Emma dos dois lados de uma distinção que Aristóteles faz pela escolha:

“Com efeito, a incontinência é contrária à escolha, enquanto o vício segue o que escolheu.”

Ética a Nicômaco

E São Tomás de Aquino dá o teste que separa os dois lados na prática:

“intemperatus non est poenitivus [...] Omnis autem incontinens de facili poenitet” (lib. 7 l. 8 n. 2) O intemperado não se arrepende, mas todo incontinente facilmente se arrepende.

Comentário à Ética a Nicômaco (São Tomás de Aquino) - Livro VII - A incontinência e o prazer

“Malitia enim latet [...] Sed incontinentia non latet eum cui inest; scit enim per rationem malum esse id in quod a passione ducitur” (lib. 7 l. 8 n. 4) A malícia se oculta de quem a tem, mas a incontinência não se oculta de quem a tem, pois ele sabe, pela razão, que é mau aquilo para onde a paixão o conduz.

Comentário à Ética a Nicômaco (São Tomás de Aquino) - Livro VII - A incontinência e o prazer

No adultério, Emma está do lado do vício: o mal não se mostra a ela como mal, porque o vocabulário dos romances o vestiu de virtude, e diante do espelho ela o celebra.

“Tenho um amante! Um amante!”

Parte II, capítulo 9

Na devoção depois de Rodolphe, no **capítulo 14 da Parte II**, e nos momentos em que reconhece a filha, ela se arrepende e tenta voltar, que é o sinal do incontinente pelo critério de Tomás. As duas fases convivem, e nenhuma explica a outra.

Se é doença, Emma é vítima; se é vício, é responsável; se é incontinência, é as duas coisas em momentos diferentes.

A CAVERNA

O baile não tira Emma da caverna. É a fogueira tomada pelo Sol, uma sombra mais luminosa, e por isso envenena em vez de libertar. Toda vez que a realidade dói, ela faz o gesto do prisioneiro:

“se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objectos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam” (515e)

A República (Platone) - Livro VII - A alegoria da caverna e o currículo do filósofo

A cena que poderia virar o olhar de Emma é a do padre, no **capítulo 6 da Parte II**, e ele a devolve às sombras tratando a angústia dela como fome ou frio. O que ali falta é exatamente o que Platão chama de educação:

Um ponto conceitual crucial, e menos citado que a imagem em si. “A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correcta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso” (518c-d)

A República (Platone) - Livro VII - A alegoria da caverna e o currículo do filósofo

E o livro termina premiando o melhor leitor de sombras da vila, como a caverna premiava os seus:

“E as honras e elogios, se alguns tinham então entre si, ou prémios para o que distinguisse com mais agudeza os objectos que passavam” (516c)

A República (Platone) - Livro VII - A alegoria da caverna e o currículo do filósofo

“Acaba de receber a Legião de Honra.”

Parte III, capítulo 11

O QUE É POSTO NO LUGAR DE DEUS

Pelo critério de Santo Agostinho, Emma não sofre de falta de amor, sofre de amor fora de ordem: põe criaturas concretas, um amante depois do outro, no lugar que era do absoluto. É a primeira das três formas que a nota Ordem do Amor separa, e a razão de nenhuma delas encher é a imagem que Platão já dava da alma intemperante:

“a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter, comparou a um tonel furado, por isso mesmo que nunca revela saciedade”

Górgias

ENREDO

Na Normandia do século XIX, uma moça criada entre romances e orações casa-se com um bom homem e descobre que a vida real não se parece com o que leu. O romance acompanha, em três partes, o caminho que vai do tédio ao adultério e do adultério às dívidas e à morte.

PRIMEIRA PARTE

O médico Charles Bovary, que na escola foi o "novo aluno" ridicularizado pelo boné, é chamado de madrugada ao Bertaux, fazenda do pai Rouault, para consertar uma perna quebrada. Ali conhece a filha do fazendeiro, Emma, que ainda não se chama Bovary. Viúvo da primeira mulher, Charles volta ao Bertaux com frequência, o fazendeiro percebe o rubor dele e aceita o pedido, e o casamento se faz na primavera seguinte, com banquete sob o galpão das carroças. Em Tostes, onde o casal se instala, Emma encontra no quarto o buquê de flores de laranjeira da noiva morta, que Charles, ao perceber o olhar dela sobre as flores, leva para o sótão.

O romance volta então ao passado de Emma. No convento, ela confundia religião e romance, amando a igreja pelas flores e o langor, e lia às escondidas os livros baratos que uma velha costureira lhe passava. Em Tostes, o marido a decepciona: conversa banal, nenhuma ambição. Charles trata um abscesso do Marquês de Andervilliers, e o casal é convidado para um baile no castelo de La Vaubyessard. Emma vê ali a linhagem, o champanhe, as romãs e os abacaxis, dança a valsa com o Visconde e volta tonta. Charles encontra na estrada uma cigarreira de seda verde que ela guarda no armário. Emma compra um mapa de Paris, assina revistas de moda, abandona o piano e o bordado, e cai doente de nervos. Charles, para curá-la, decide mudar-se para Yonville-l'Abbaye, e Emma, grávida, queima o próprio buquê de noiva antes de partir.

SEGUNDA PARTE

Em Yonville, os Bovary conhecem o farmacêutico Homais, que se convida para o jantar de chegada, o mercador Lheureux e o jovem escriturário Léon Dupuis, com quem Emma descobre os mesmos gostos. Nasce a filha, Berthe. Emma e Léon se aproximam nos serões da farmácia, mas Emma se faz de esposa exemplar e Léon, sem esperança, parte para Paris. Pouco depois, o proprietário Rodolphe Boulanger conhece Emma e decide seduzi-la. No dia dos comícios agrícolas, enquanto um conselheiro discursa e distribui prêmios de gado, ele lhe faz a corte e toma-lhe a mão. Seis semanas depois se declara, e Emma, que passa a cavalgar por recomendação do marido, cede na floresta.

Nos meses seguintes, os dois se encontram em segredo, trocam cartas e se veem à noite no jardim. Emma gasta com presentes comprados a crédito de Lheureux e cada vez mais exige de Rodolphe que fujam juntos. Enquanto isso, Homais convence Charles a operar o pé torto do cavaliário Hippolyte; a operação sai errada, a perna gangrena e é amputada, e Emma olha o marido com desprezo. Rodolphe aceita a fuga, marcada para 4 de setembro, e dois dias antes da data decide não partir: manda-lhe a carta de ruptura escondida numa cesta de damascos. Emma cai desacordada e passa quarenta e três dias em febre. Convalescente, quer ser santa, mas não acha satisfação. Charles a leva a Rouen para ouvir a ópera Lucia de Lammermoor, e no intervalo Charles reencontra Léon, agora escriturário em Rouen, e o traz ao camarote.

TERCEIRA PARTE

Em Rouen, Léon, já sem timidez, declara-se a Emma. Ela o encontra na catedral, e os dois percorrem a cidade num fiacre de estores descidos. De volta a Yonville, Emma arranja uma procuração para gerir os bens do casal e, sob o pretexto de lições de piano, passa a viajar a Rouen toda quinta-feira para ver Léon no hotel. As despesas crescem: cortinas, tapete, vestidos, e Lheureux a faz assinar letras que o banqueiro Vinçart desconta. Quando uma das letras chega a casa, a sogra de Emma interfere, e a relação com Léon esfria, até que Emma volta a Yonville depois de uma noite de máscaras e encontra uma intimação para pagar oito mil francos em vinte e quatro horas.

Lheureux nega qualquer prazo, o oficial Hareng faz o inventário dos bens, e um cartaz anuncia a venda dos móveis. Emma percorre Rouen atrás de dinheiro, pede socorro ao tabelião Guillaumin, que se aproveita da aflição dela, ao tesoureiro Binet, que recua, e por fim a Rodolphe, que recusa com calma. Ela volta a Yonville, pede a Justin a chave do gabinete de Homais e come o arsênico do frasco azul. Deixa uma carta a Charles, vomita, e os doutores Canivet e Larivière nada podem fazer. Depois da extrema-unção dada pelo abade Bournisien, o cego da estrada passa cantando, Emma ri com riso atroz e morre.

Charles manda enterrá-la de vestido de noiva, em três caixões, de carvalho, mogno e chumbo. Endividado, vende a prata e os móveis, acha a carta de ruptura de Rodolphe e as cartas de Léon, e morre no caramanchão segurando uma mecha de cabelo de Emma. Berthe é mandada a uma tia pobre, que a põe numa fiação. Homais, por fim, vence o cego com uma campanha no jornal, afugenta três médicos de Yonville e recebe a Legião de Honra.

RESUMO E ANÁLISE

PARTE 1 • CAPÍTULO 1

Charles Bovary entra no romance como "novo aluno", visto por um colega de classe: ridicularizado desde a primeira cena por um boné que o narrador descreve com a mesma atenção clínica que depois vai dedicar a Emma Bovary, e rebatizado "Charbovari" pela turma quando grita o nome na chamada. Esse boné é o primeiro objeto do romance a carregar mais sentido do que deveria, um hábito de estilo que Flaubert repete até o fim.

“one of those poor things, in fine, whose dumb ugliness has depths of expression, like an imbecile's face”, uma daquelas pobres criaturas, enfim, cuja feiura muda tem profundezas de expressão, como o rosto de um imbecil.

A infância de Charles é puxada em duas direções por pais que nunca concordam: o pai, ex-cirurgião militar arruinado, quer um filho espartano, e a mãe sonha um filho ilustre. A indiferença do pai ao estudo, resumida numa fala que fecha com o critério que vai reger a vida inteira do filho, segura a educação dele por anos, até que a mãe impõe as lições aos doze anos. Charles não tem vocação nem rancor, tem só aquiescência. Reprova o primeiro exame de medicina, passa no segundo por repetição mecânica, e a mãe o instala como médico em Tostes e escolhe a primeira esposa por ele, a viúva Dubuc, mais velha, de aspecto ingrato e com renda declarada, que o domina.

“with cheek a man always gets on in the world”, com descaramento um homem sempre se dá bem no mundo.

O ponto central dos três primeiros capítulos: Charles nunca decide nada por vontade própria. Ele obedece à mãe, depois à primeira esposa, depois, no capítulo seguinte, ao próprio desejo pela primeira vez na vida, sem perceber a diferença.

Para pensar: O narrador examina o boné de Charles peça por peça e diz que a sua "feiura muda" tem "profundezas de expressão", como o rosto de um imbecil. Por que o romance abre com um objeto que parece dizer mais do que o rapaz que o carrega?

Para pensar: Charles imagina que o casamento com a viúva escolhida pela mãe o tornará mais livre, mas é a mulher quem passa a mandar nele. O que essa sequência mostra sobre o modo como Charles entra em cada fase da vida e sobre quem decide por ele?

PARTE 1 • CAPÍTULO 2

Uma noite, um camponês chega a Tostes com um bilhete que chama o doutor ao Bertaux, a fazenda do pai Rouault, para consertar uma perna quebrada. Charles Bovary faz o caminho de madrugada, acha a fratura simples e conhece a filha do fazendeiro, Emma Bovary, que o recebe à porta: ele repara nas unhas dela, e o narrador diz que a beleza verdadeira estava nos olhos. A

cura dura quarenta e seis dias, e Charles passa a voltar ao Bertaux duas vezes por semana, e mais.

O motivo das visitas é um desejo que Charles ainda não reconhece. “Quant à Charles, il ne cherche point à se demander pourquoi il venait aux Bertaux avec plaisir”, quanto a Charles, não procurou perguntar a si mesmo por que ia aos Bertaux com prazer.

Héloïse, a esposa, descobre que a moça foi criada no convento das Ursulinas, enciuma-se e faz Charles jurar, com a mão sobre o livro de orações, que não irá mais lá. Na primavera o tabelião que guardava o patrimônio dela foge com o dinheiro do escritório, e a fortuna anunciada se revela uma mentira: a casa de Dieppe estava hipotecada até os alicerces. Depois de uma cena com os sogros, oito dias mais tarde ela cospe sangue, e morre no dia seguinte.

Para pensar: O narrador diz que Charles "não procurou perguntar a si mesmo" por que ia com prazer aos Bertaux, e que, se pensasse nisso, atribuiria o zelo à gravidade do caso. O que significa um desejo que se recusa a ser nomeado, e quem o percebe antes do próprio Charles?

Para pensar: Quando se descobre que a fortuna anunciada da primeira esposa era mentira, o casamento desmorona e ela morre logo depois. O que o narrador sugere sobre aquilo que sustentava esse casamento, e como isso se compara com o que leva Charles de volta aos Bertaux?

PARTE 1 • CAPÍTULO 3

O pai Rouault traz a **Charles Bovary** os setenta e cinco francos pela perna, mais um peru, e o consola da viuvez contando o próprio luto. A morte da primeira esposa libera Charles para desejar sem culpa, e ele volta ao Bertaux, mais livre e mais bem visto na região. Numa tarde de calor, com a casa vazia, **Emma Bovary** lhe oferece um licor de curaço na cozinha, ri por não ter sobrado quase nada no próprio copo e lambe o fundo dele. Rouault, que não se incomodaria de se livrar da filha, percebe o rubor de Charles e decide aceitar o pedido. Charles passa três dias adiando o pedido, e é o próprio fazendeiro, na estrada, que combina o sinal: se a resposta for sim, escancarará o postigo da janela, e, passada meia hora e mais dezenove minutos no relógio, ele se abre. O casamento só pode ser feito depois do luto, na primavera seguinte.

O noivado se arranja entre os dois homens, e o desejo de Emma já aparece fora da medida do mundo dela. “Emma eût, au contraire, désiré se marier à minuit, aux flambeaux; mais le père Rouault ne comprit rien à cette idée”, Emma teria preferido, ao contrário, casar-se à meia-noite, à luz de tochas; mas o pai Rouault não entendeu nada dessa ideia.

Para pensar: Numa tarde de calor, com a casa vazia, Emma serve o licor, quase não põe nada no próprio copo, ri por não sentir nada e lambe o fundo dele, enquanto Charles a olha em silêncio. Quem conduz essa cena, e o que ela mostra sobre o desejo de cada um dos dois?

Para pensar: Emma teria preferido casar-se "à meia-noite, à luz de tochas", e o pai dela não compreendeu nada dessa ideia. O que esse desejo revela sobre o que ela espera do casamento, e por que o narrador o registra só de passagem, no meio dos preparativos de todos os outros?

PARTE 1 • CAPÍTULO 4

Os convidados chegam cedo, de toda a região, em carroças e charretes, e o cortejo segue a pé até a prefeitura e à igreja, com o violinista à frente e **Emma Bovary** erguendo de vez em quando o vestido comprido. O banquete é servido sob o galpão das carroças, com assados e fricassés e uma sobremesa montada pelo confeiteiro de Yvetot, um templo de papelão com um Cupido num balanço de chocolate no alto. Comem até a noite, cantam, exibem força e beijam as mulheres, e, ao partirem, as carroças disparam pelas estradas; **Charles Bovary**, sem veia para gracejos, responde mal às piadas que lhe disparam desde a sopa. Dois dias depois o casal parte, com Rouault acompanhando-os até Vassonville, onde se despede da filha e lembra o próprio casamento e a mulher morta. Chegam a Tostes às seis da tarde.

O dia seguinte inverte os papéis dos noivos, e quem se entrega é Charles. “C’est lui plutôt que l’on eût pris pour la vierge de la veille, tandis que la mariée ne laissait rien découvrir où l’on pût deviner quelque chose”, é ele, antes, que se tomaria pela virgem da véspera, enquanto a noiva não deixava transparecer nada em que se pudesse adivinhar alguma coisa.

Para pensar: O confeiteiro de Yvetot traz de sobremesa um templo de papelão com colunatas, um torreão de bolo e, no alto, um Cupido num balanço de chocolate, e os convidados soltam gritos de admiração. O que essa peça diz sobre a ideia de amor que circula no casamento, e por que o narrador a descreve andar por andar?

Para pensar: No dia seguinte, o narrador diz que é Charles quem se tomaria pela “virgem da véspera”, enquanto a noiva não deixa transparecer nada. O que essa inversão revela sobre os dois, e por que a cena chega até nós pelo olhar dos convidados?

PARTE 1 • CAPÍTULO 5

O narrador percorre a casa de Tostes cômodo a cômodo, e o casamento com **Emma Bovary** seria a virada feliz do enredo, se não fosse pelo detalhe que o capítulo planta com cuidado: no quarto do casal ainda está o buquê de flores de laranjeira da noiva morta. **Charles Bovary** o leva para o sótão sem perceber o que fez. Emma olha e pensa em seu próprio buquê, imaginando o que seria feito dele se ela morresse. É a primeira vez que o romance liga casamento a morte pela imagem, e não vai ser a última.

Nos primeiros dias Emma reforma a casa, e Charles, que nunca sonhou com tanto, vive cercado de felicidade: um gesto das mãos dela nos cabelos, o chapéu de palha na janela, a vida inteira cabendo na circunferência da anágua. O capítulo fecha com a frase que resume o problema de Emma antes mesmo do baile.

O casamento não entrega o que o amor prometia, e Emma conclui que errou ao julgar-se apaixonada. “Avant qu’elle se mariât, elle avait cru avoir de l’amour; mais le bonheur qui aurait dû résulter de cet amour n’étant pas venu, il fallait qu’elle se fût trompée, songeait-elle. Et Emma cherchait à savoir ce que l’on entendait au juste dans la vie par les mots de félicité, de passion et d’ivresse, qui lui avaient paru si beaux dans les livres”, antes de casar-se, ela acreditara ter amor; mas, como a felicidade que

deveria resultar desse amor não veio, era preciso que se tivesse enganado, pensava. E Emma procurava saber o que se entendia ao certo, na vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que lhe haviam parecido tão belas nos livros.

O casamento não decepciona Emma por ser ruim, decepciona por não corresponder a um vocabulário que ela aprendeu antes de ter vida própria para aplicá-lo.

Para pensar: No quarto do casal, Charles leva para o sótão o buquê de flores de laranjeira da primeira esposa sem perceber nada, e Emma se pergunta o que fariam com o dela "se por acaso viesse a morrer". Por que o romance liga casamento e morte por meio de um objeto, e por que é Emma quem faz essa ligação?

Para pensar: Emma conclui que errou ao julgar-se apaixonada, porque a felicidade que devia nascer do amor não veio, e passa a procurar o que se entende "ao certo" por felicidade, paixão e embriaguez, palavras que lhe haviam parecido tão belas nos livros. O erro está no casamento, em Emma ou nas palavras?

PARTE 1 · CAPÍTULO 6

O capítulo volta ao passado de **Emma Bovary**, a começar pelo convento, para explicar de onde vem o vocabulário do capítulo anterior. Ela entra aos treze anos, e não perde a fé por descrença, perde por saciedade sensorial: gostava da igreja pelas flores, da música pelas letras das canções, da religião pelo langor místico, nunca pela doutrina, e inventava pecados para ficar mais tempo no confessionário. Ao mesmo tempo, uma velha costureira que vem remendar a roupa branca contrabandeia romances baratos para o dormitório, cheios de amor, amantes e damas perseguidas desmaiando em pavilhões solitários, e Walter Scott e os livros de lembranças com gravuras completam o repertório. Emma consome os dois registros, devocional e romanesco, sem jamais distingui-los.

O efeito é uma sensibilidade treinada para reconhecer apenas emoções em forma de clichê, e é a chave de leitura do capítulo e do livro inteiro: Emma não é sensível ao mundo, é sensível ao que o mundo pode lhe dar de sensação.

“She wanted to get some personal profit out of things, and she rejected as useless all that did not contribute to the immediate desires of her heart, being of a temperament more sentimental than artistic, looking for emotions, not landscapes”, ela queria tirar das coisas algum proveito pessoal, e rejeitava como inútil tudo que não contribuísse para os desejos imediatos do coração, sendo de temperamento mais sentimental que artístico, em busca de emoções, não de paisagens.

A fé do convento cai pelo mesmo critério. “This nature, positive in the midst of its enthusiasms, that had loved the church for the sake of the flowers, and music for the words of the songs, and literature for its passionnal stimulus, rebelled against the mysteries of faith”, esta natureza, positiva no meio dos seus entusiasmos, que amara a igreja pelas flores, a música pelas letras das canções e a literatura pelo estímulo passionnal, revoltou-se contra os mistérios da fé.

Quando a mãe morre, Emma chora nos primeiros dias, manda fazer um quadro fúnebre com o cabelo da morta e escreve ao pai pedindo para ser enterrada no mesmo túmulo; depois se cansa do luto lamartiniano e continua por hábito. As freiras percebem que ela lhes escapa, o pai a tira do convento sem que ninguém lamente, e em casa ela logo enjoa do campo. Quando **Charles Bovary** aparece pela primeira vez no Bertaux, ela se julga sem nada mais a aprender ou a sentir, e a perturbação da novidade basta para convencê-la de que enfim sente a paixão que vira nos livros.

Para pensar: No convento, Emma amava a igreja pelas flores e a música pelas palavras das canções, e inventava pequenos pecados para ficar mais tempo ajoelhada no confessionário. Isso é devoção ou apetite? O que muda na leitura da cena se a resposta for apetite?

Para pensar: Emma procura "emoções, não paisagens", e rejeita como inútil tudo o que não serve aos desejos imediatos do coração. Que tipo de observadora do mundo isso produz, e o que ela deixa de ver?

PARTE 1 • CAPÍTULO 7

Antes do baile, Flaubert mede a distância entre marido e mulher com uma imagem que virou referência crítica do romance. **Emma Bovary** imagina a lua de mel que não teve, em terras de nomes sonoros, e não encontra palavras nem coragem para contá-la a **Charles Bovary**, cuja conversa a decepciona.

“Charles's conversation was commonplace as a street pavement, and everyone's ideas trooped through it in their everyday garb, without exciting emotion, laughter, or thought”, a conversa de Charles era banal como uma calçada, e as ideias de todo mundo desfilavam por ela com suas roupas de todo dia, sem despertar emoção, riso ou pensamento.

Charles não sabe nadar, nem esgrimir, nem atirar, e acha que a mulher é feliz, o que ela ressentia. Emma cuida bem da casa, desenha, toca piano, e Charles sobe na própria estima por ter uma esposa assim; a mãe dele, que desaprova os modos finos demais da nora para a posição deles, trava com ela uma guerra de gentilezas trêmulas de raiva. Emma tenta amar Charles por teoria, recitando versos ao luar, e descobre que a vontade de sentir não produz o sentimento. Um guarda-caça curado por Charles lhe dá uma galga italiana, Djali, e nos passeios até o pavilhão abandonado de Banneville ela se pergunta por que se casou. Compara a própria vida com a das companheiras de convento que moram na cidade.

“her life was cold as a garret whose dormer window looks on the north, and ennui, the silent spider, was weaving its web in the darkness in every corner of her heart”, sua vida era fria como um sótão cuja clarabóia dá para o norte, e o tédio, aranha silenciosa, tecia sua teia na escuridão de cada canto do seu coração.

É nesse vazio, sem nenhum evento ainda ter acontecido, que chega o convite do Marquês de Andervilliers para o baile em **La Vaubyessard**, motivado por um acaso quase cômico: as cerejas do jardim de Tostes, que o mordomo do Marquês viu ao pagar pela operação de um abscesso que Charles curara. Na quarta-feira o casal parte de charrete, com o baú amarrado atrás.

Para pensar: A conversa de Charles é "plana como uma calçada de rua", e as ideias de todo mundo desfilam por ela "sem despertar emoção, riso ou devaneio". Essa monotonia está em Charles, em Emma, ou no que ela espera de uma conversa?

Para pensar: O narrador compara a vida de Emma a um sótão cuja janelinha dá para o norte, onde o tédio, "aranha silenciosa", tece a sua teia em cada canto do coração. Por que a imagem do narrador é mais dura do que qualquer queixa que Emma faça em voz alta?

PARTE I • CAPÍTULO 8

Este é o capítulo que muda o eixo do romance. Não é o rapaz bonito que seduz **Emma Bovary** (o Visconde só aparece quando a convida duas vezes para a valsa), é o excesso material e social do castelo: os retratos com nomes de séculos de linhagem, o duque de Laverdière decrépito à mesa, que Emma observa como algo extraordinário por ter vivido na corte, o champanhe gelado, as romãs e os abacaxis que ela nunca tinha visto ou provado, a valsa que ela não sabia dançar e que dança ali mesmo, tonta, com a cabeça apoiada no peito de um estranho. **Charles Bovary**, que ensaia dizer que as tiras da calça atrapalhariam a dança, ouve de Emma que o lugar de um médico não é lá, e passa cinco horas em pé diante das mesas de uíste sem entender o jogo.

"He had lived at court and slept in the bed of queens!", ele tinha vivido na corte e dormido na cama de rainhas!

Na estrada de volta, Emma julga reconhecer o Visconde entre cavaleiros que passam rindo, de charuto na boca. O gesto que decide o resto da Parte I acontece quase sem comentário: Charles encontra, entre as patas do cavalo, uma cigarreira (ver **A cigarreira verde**) debruada de seda verde, com um brasão no centro, que ele guarda para fumar depois do jantar. Em casa, passa mal com o charuto, e Emma atira a cigarreira para o fundo do armário e a guarda. É o primeiro objeto fetiche do romance, o primeiro fragmento físico de uma vida que não é a dela e que ela começa a habitar por procuração.

No dia seguinte à volta, de passeio pelo jardim de Tostes, Emma mede o que o baile fez com ela.

"Her journey to Vaubyessard had made a hole in her life, like one of those great crevices that a storm will sometimes make in one night in mountains", sua viagem a Vaubyessard (ver **La Vaubyessard**) tinha aberto um buraco em sua vida, como uma daquelas grandes fendas que uma tempestade às vezes abre numa única noite nas montanhas.

Para pensar: Emma passa o baile diante de retratos antigos, de champanhe gelado e de romãs e abacaxis que nunca tinha visto, e depois valsa, embora não soubesse valsar, com um homem que mal conhece. Em que sentido o baile a seduz mais pelas coisas do que pelas pessoas?

Para pensar: Depois do baile, Emma sente que a viagem abriu "um buraco" em sua vida, como as grandes fendas que uma tempestade abre numa só noite nas montanhas. O que precisava faltar a essa vida para que uma única noite bastasse para rasgá-la?

PARTE I · CAPÍTULO 9

Aqui o baile deixa de ser memória e vira doença. **Emma Bovary** abre a cigarreira (ver **A cigarreira verde**) sozinha, cheira o forro, pergunta-se de quem seria, se do Visconde, e inventa uma história de amor para o dono: talvez um presente da amante dele, bordado durante horas.

“A breath of love had passed over the stitches on the canvas; each prick of the needle had fixed there a hope or a memory, and all those interwoven threads of silk were but the continuity of the same silent passion”, um sopro de amor passara sobre os pontos da tela; cada picada da agulha ali fixara uma esperança ou uma lembrança, e todos aqueles fios de seda entrelaçados eram apenas a continuidade da mesma paixão silenciosa.

Compra um mapa de Paris e o percorre com o dedo. Assina revistas de moda. Lê Balzac e George Sand procurando nos livros o mesmo que já buscava neles quando criança, satisfação por procuração, agora com um nome próprio de cidade e um rosto (o Visconde) para fixar o desejo. **Charles Bovary**, enquanto isso, trota pelos campos de médico sem ambição, lê um jornal de medicina que o faz dormir em cinco minutos, e Emma, que gostaria de ver o nome Bovary ilustre, irrita-se com ele até no modo de tomar a sopa.

O tédio que segue não é ausência de acontecimento, é a certeza de que o único acontecimento real da vida de Emma já passou e não volta. Ela abandona o desenho, o bordado, o piano, toda habilidade de convento que só fazia sentido como espetáculo para um público que Tostes não tem.

“What was the good of playing? Who would hear her?”, de que adiantava tocar? Quem a ouviria?

O capítulo, e a Parte I, fecham em dois gestos simétricos. Primeiro, a espera por algo que mude o rumo dos dias.

“Like shipwrecked sailors, she turned despairing eyes upon the solitude of her life, seeking afar off some white sail in the mists of the horizon”, como náufragos, ela lançava olhos desesperados sobre a solidão de sua vida, buscando ao longe alguma vela branca nas brumas do horizonte.

Depois vêm o inverno severo, as crises de nervos, as receitas de Charles (valeriana e banhos de cânfora) e a mudança para Yonville (ver **Yonville**), decidida por ele como remédio contra um mal que ele não entende. No meio da arrumação, o buquê de noiva da própria Emma, farpado numa gaveta, vai para o fogo.

“The little pasteboard berries burst, the wire twisted, the gold lace melted; and the shriveled paper corollas, fluttering like black butterflies at the back of the stove, at last flew up the chimney”, as pequenas bagas de papelão estouraram, o arame torceu, a renda dourada derreteu; e as corolas de papel ressecadas, esvoaçando como borboletas negras no fundo do fogão, por fim voaram pela chaminé.

Ela observa a própria história de noiva queimar sem comentário. A Parte I termina com ela grávida, partindo para Yonville em março, sem que uma única palavra sua registre alegria ou medo pela gravidez.

Para pensar: Emma cheira o forro da cigarreira, imagina de quem seria e inventa uma amante que a teria bordado, em cujos pontos "cada picada de agulha" teria fixado uma esperança ou uma lembrança. O que ela faz ao ler uma vida inteira num objeto, e em que isso se parece com o modo como lê os romances?

Para pensar: Em meio à arrumação da mudança, Emma joga o buquê de noiva no fogo e o olha queimar, e as corolas de papel sobem pela chaminé "como borboletas negras". O que significa esse gesto feito sem uma palavra, e por que o narrador o põe justamente quando o casal se prepara para partir?

PARTE II • CAPÍTULO I

O livro passa a Yonville-l'Abbaye (ver **Yonville**), burgo a oito léguas de Rouen, nos confins da Normandia, que o narrador percorre da ponte à igreja, da prefeitura em forma de templo grego à farmácia de **Homais**, declarando que nada ali mudou desde os fatos que vai contar. Na véspera do dia de mercado, a viúva Lefrançois, dona da estalagem do Leão de Ouro, prepara o jantar enquanto Homais discute com ela o bilhar e a religião, e o tesoureiro Binet ocupa às seis em ponto o seu lugar na saleta. O padre **Abade Bournisien** aparece só para buscar o guarda-chuva, e Homais o acusa de hipocrisia assim que ele sai. Por fim chega a diligência Andorinha, atrasada porque a galga de Emma fugiu pelos campos, trazendo os Bovary, **Emma Bovary** e **Charles Bovary**, e o mercador **Lheureux**.

A abertura é geográfica antes de ser narrativa: Yonville fica na fronteira entre Normandia, Picardia e Ilha de França. A edição portuguesa começa depois deste trecho, que vem da tradução inglesa de Eleanor Marx-Aveling:

a bastard land whose language is without accent and its landscape is without character

É a moldura moral do livro: um lugar sem identidade própria, que recebeu uma nova saída e mesmo assim, diz o narrador, ficou estacionária. Nada em Yonville se move, exceto o que os personagens trazem de fora.

No original francês, a data da estrada vem dita sem adorno (em tradução de trabalho: até 1835, não havia estrada praticável para chegar a Yonville):

Jusqu'en 1835, il n'y avait point de route praticable pour arriver à Yonville

A espera pela diligência, na cozinha do Leão de Ouro, apresenta três das figuras que vão organizar toda a Parte II: Homais, cuja farmácia, e não a igreja, é "aquilo que mais atrai a vista" em Yonville, com o nome dele em letras douradas repetido no letreiro da loja e na porta do laboratório, como uma assinatura que se basta a si mesma. Binet, o tesoureiro com o seu torno, é figura de repetição vazia, e o abade Bournisien, que só passa pela cozinha para buscar um guarda-chuva esquecido, recusa a bebida oferecida e sai sem se demorar. É Homais quem fala de religião nesse capítulo, não o padre: assim que o eclesiástico se vai, o farmacêutico o acusa de hipocrisia. A ordem de entrada em cena já avisa quem vai ocupar o lugar de autoridade moral em Yonville.

E o letreiro, que ocupa toda a largura da loja, diz em letras douradas: Homais, farmacêutico.

Para pensar: O narrador percorre Yonville da ponte à igreja e à prefeitura em forma de templo grego, e diz que o que mais atrai o olhar é a farmácia de Homais, com o nome dele em letras douradas no letreiro e de novo na porta do laboratório. Que ordem de valores esse percurso revela, e o que sobra nele para a igreja?

Para pensar: Assim que o abade sai da cozinha do Leão de Ouro, depois de recusar com educação a bebida que lhe ofereceram, Homais chama aquela recusa de "hipocrisia" e fala dos padres que bebem às escondidas. O que a cena sugere sobre quem tem a palavra em Yonville, e por que o padre aparece só de passagem e o farmacêutico em discurso?

PARTE II · CAPÍTULO 2

Os Bovary chegam à estalagem do Leão de Ouro, onde **Homais**, que se convidara a si mesmo, e **Léon** Dupuis, escriturário do tabelião **Guillaumin** e entediado em Yonville (ver **Yonville**), jantam com eles. Durante duas horas e meia à mesa, **Emma Bovary** e Léon descobrem os mesmos gostos, enquanto Homais descreve a Charles os habitantes do lugar e a casa vaga do fugitivo Yanoda, que os Bovary vão ocupar. Léon diz que irá a Paris no ano seguinte terminar o curso de Direito. Na casa nova, ainda em desordem, Emma dorme pela primeira vez em Yonville.

No jantar, Léon e Emma constroem, frase a frase, um repertório comum: o pôr do sol à beira-mar, que Emma diz elevar a alma com ideias de infinito, os lagos e cascatas da Suíça de que Léon ouviu falar, os livros lidos ao canto da lareira em que, diz ele, "o pensamento, enlaçando-se na ficção", se demora nos pormenores, até parecer que é o próprio leitor quem palpita dentro da roupa das personagens. É um catálogo de lugares-comuns do romantismo de folhetim, tanto quanto uma cena de sedução. **Charles Bovary**, ao lado, só consegue oferecer frases práticas ("continuamente obrigado a andar a cavalo"), e o contraste de registro já separa o marido do casal que está se formando à mesa.

o espírito voga mais livremente sobre essa extensão sem limites, cuja contemplação nos eleva a alma e comunica ideias de infinito, de ideal

Ao entrar na casa nova, Emma faz a conta dos lugares desconhecidos em que dormiu (o convento, Tostes, Vaubyessard (ver **La Vaubyessard**), agora Yonville) e conclui que cada um inaugurou uma fase da vida:

Não acreditava que as coisas se pudessem apresentar da mesma maneira em lugares diferentes, e, uma vez que a parte já vivida havia sido má, certamente haveria de ser melhor a que lhe restava para viver.

Para pensar: Durante o jantar, Emma e Léon vão descobrindo gostos idênticos: o pôr do sol à beira-mar, os lagos e cascatas da Suíça, os livros lidos ao canto da lareira. Eles estão descobrindo um ao outro ou recitando o mesmo catálogo? O que muda na cena conforme a resposta?

Para pensar: Ao dormir na casa nova, Emma raciocina que, "uma vez que a parte já vivida havia sido má", a que lhe restava viver "haveria de ser melhor". O que há de lógico e o que há de ilusão nesse

raciocínio, e o que o leitor já viu nos lugares anteriores que ela parece ignorar?

PARTE II • CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte **Léon** cumprimenta **Emma Bovary**, de roupão, na janela, e passa o dia esperando a hora do jantar, enquanto **Homais** se desdobra em favores aos Bovary para ter o médico como aliado. **Charles Bovary**, sem clientes e com o dote esgotado, se consola com a gravidez de Emma, que dá à luz uma menina num domingo, ao nascer do sol, e desmaia ao saber. Depois do batizado, Emma vai ver a filha na casa da ama, Léon a acompanha e voltam juntos pela margem do rio, e ele termina o dia no Pasto, queixando-se do tédio.

O capítulo detalha o cálculo social de Homais: cultivar Charles como aliado depois de ter sido chamado à presença do procurador régio, em Rouen, por exercício ilegal da medicina, garantindo assim silêncio caso o boticário volte a ultrapassar os limites da lei. É o primeiro sinal de que a sociabilidade de Yonville (ver **Yonville**) é feita de interesse disfarçado de boa vizinhança, o mesmo padrão que **Lheureux** vai repetir com o crédito.

Berthe Bovary nasce menina, e Emma desmaia com a notícia.

Ela desejava um rapaz, seria forte e moreno, chamar-se-ia Georges, e esta ideia de ter um filho varão era uma espécie de desejo de desforra de todas as suas frustrações passadas. Um homem, pelo menos, é livre, pode explorar todas as paixões e todas as terras, atravessar os obstáculos, tomar o gosto das venturas mais distantes. Mas uma mulher é continuamente impedida de tudo.

A escolha do nome da filha, Berthe, ouvido em Vaubyessard, onde a marquesa chamou assim uma jovem (ver **La Vaubyessard**), mostra a mesma lógica: nomear por imitação de um mundo que não é o dela. O batismo é uma cena de comédia que expõe a religião de Yonville como cerimônia social, não fé: o avô Bovary batiza a criança com champanhe derramado na cabeça, o **Abade Bournisien** se indigna e quase sai, e é aplacado por súplicas, não por reparação.

No fim do capítulo, Léon, sozinho no Pasto, na encosta de Argueil, resume o próprio tédio: “- Que tédio! - dizia ele para consigo. - Que vida aborrecida!”

Logo em seguida o texto diz de quem Léon se queixa: o farmacêutico, como amigo, e o tabelião **Guillaumin**, de quem é escriturário, como patrão.

Lamentava-se de viver naquela aldeia, tendo Homais como amigo e Guillaumin como patrão.

Para pensar: Emma desejava um filho porque, pensa ela, "Um homem, pelo menos, é livre", e desmaia ao saber que nasceu uma menina. O texto deixa em aberto se isso é um protesto contra a condição das mulheres ou só mais uma fantasia que a realidade desmente: que elementos do capítulo sustentam cada leitura?

Para pensar: Emma escolhe o nome da filha por ter ouvido a marquesa, no baile, chamar assim uma jovem. O que um nome tirado de uma festa a que a menina nunca foi diz sobre o lugar que Emma reserva à filha na sua própria história?

PARTE II · CAPÍTULO 4

Com os primeiros frios, **Emma Bovary** passa a viver na sala e a acompanhar da janela as idas e vindas de **Léon**, enquanto **Homais** aparece todas as noites, durante o jantar, repetindo sempre a mesma saudação. Léon e Emma se aproximam nos serões da casa do farmacêutico, com troca de livros e de pequenos favores, e a vizinhança conclui que se amam. Léon se atormenta sem conseguir declarar-se, escreve cartas que rasga e, quando **Charles Bovary** o convida a visitar doentes, desiste da declaração e parte com ele; Emma, por sua vez, não se pergunta se o ama.

Os serões na casa do farmacêutico (jogos de cartas, dominó, leitura de versos) constroem a intimidade entre Léon e Emma sem que nada aconteça: é a fase da cumplicidade silenciosa, das plantas nas janelas de cada um, do tapete de presente que todo o povoado interpreta como prova de romance antes mesmo de existir romance. Nesse ambiente Flaubert deixa a definição de amor que vai governar a leitura de Emma sobre si mesma, um amor que só existe como acontecimento total, nunca como escolha cotidiana, e por isso incompatível com qualquer marido possível.

o amor, segundo acreditava, devia surgir de repente, com grande tumulto e fulgurações [...] tempestade dos céus que cai sobre a vida e a revolve, arranca as vontades como folhas e arrebatava para o abismo o coração inteiro.

Para pensar: Emma acredita que o amor "devia surgir de repente, com grande tumulto e fulgurações", como uma tempestade que cai sobre a vida. Se é assim, o que ela faz com o que sente por Léon, que cresce devagar, entre jogos de cartas, livros emprestados e pequenos favores?

Para pensar: Léon escreve declarações que rasga em seguida e desiste quando Charles o convida a sair com ele, enquanto Emma não se pergunta se o ama. O que cada um dos dois evita ao não dizer nada, e o que a vizinhança ganha ao falar por eles?

PARTE II · CAPÍTULO 5

Num domingo de fevereiro, com neve, os Bovary, **Homais** e **Léon** vão a meia légua de Yonville (ver **Yonville**) ver uma fiação de linho em construção, e ali **Emma Bovary**, olhando as costas de **Charles Bovary** e depois o rosto de Léon, compara os dois. À noite, sozinha, percebe que ama Léon, e no dia seguinte o mercador **Lheureux** a visita com a caixa de fazendas e lhe oferece crédito, sem que ela compre nada. Nos dias seguintes Emma se torna esposa e mãe exemplar, tira **Berthe Bovary** da ama e volta à igreja, e Yonville lhe admira a economia, a delicadeza e a caridade, o que leva Léon a desistir de conquistá-la. Por trás da virtude, porém, Emma vive de desejo e de raiva de Charles, e à criada Félicité, que a surpreende chorando, diz que são nervos.

É também aqui que Lheureux aparece pela primeira vez como personagem próprio, não só como companheiro de viagem: entra com a caixa verde, exhibe golases bordadas e estolas argelinas, e quando Emma recusa comprar, ele não insiste, apenas semeia o crédito para depois.

- Uma miséria - respondeu -, uma miséria, mas não há pressa, quando desejar, não somos judeus!

A frase é o modelo inteiro do personagem: paciência de credor, nunca de vendedor.

A virtude de fachada tem dois motores no texto: o orgulho de se ver virtuosa e a raiva que a mediocridade da casa alimenta.

a satisfação de poder dizer: "Sou virtuosa", e de olhar para o espelho assumindo poses de resignação

A mediocridade doméstica incitava-a a fantasias luxuosas; a ternura matrimonial, a desejos adúlteros.

Para pensar: O narrador dá à virtude de Emma dois motores: o orgulho de poder dizer "Sou virtuosa" e de olhar o espelho assumindo poses de resignação, e a raiva que a casa lhe provoca. Uma virtude feita para o espelho ainda é virtude, e quem é o seu público?

Para pensar: O narrador diz que a mediocridade doméstica incitava Emma a fantasias luxuosas e a ternura matrimonial, a desejos adúlteros. Por que a ternura de Charles produz nela o contrário do que se esperaria, e o que isso diz sobre o que ela quer de um marido?

PARTE II · CAPÍTULO 6

No começo de abril, ao ouvir as ave-marias, **Emma Bovary** vai à igreja disposta a qualquer devoção e encontra o **Abade Bournisien** ocupado com os meninos do catecismo, sem perceber o que ela procura. Em casa, irritada, ela empurra a filha, que cai e fere a face, e depois acha a menina feia. **Léon**, cansado de amar sem esperança e de Yonville (ver **Yonville**), obtém o consentimento da mãe para ir terminar o curso de Direito em Paris e parte numa despedida contida, na ausência de **Charles Bovary**. Naquela noite **Homais** anuncia que os comícios agrícolas podem vir a ser realizados em Yonville.

A cena com o abade Bournisien é o contraponto exato da retórica do "infinito" que Emma e Léon trocaram no capítulo 2. Emma vai à igreja em busca de alguma coisa (ela mesma não sabe nomear o quê), e encontra um padre distraído pelas travessuras dos meninos do catecismo, que trata a angústia dela como indigestão:

- Sim..., o senhor alivia todas as misérias.

Ela tenta dizer que há quem tenha pão e não tenha outra coisa, ele completa a frase com o fogo para o inverno, e é Emma quem replica "Que importa isso?"; o padre não entende ("Como? Que importa?") e atribui o mal-estar dela à digestão. A cena termina em silêncio mútuo, "frente a frente, sem dizer nada", e o padre volta ao catecismo alegando "o dever acima de tudo". É a instituição religiosa de

Yonville recusando, por incompetência mais do que por má-fé, o pedido de socorro que Emma lhe faz sem conseguir dizê-lo.

De volta da igreja, Emma afasta **Berthe Bovary** com o cotovelo; a menina cai contra a cómoda e corta a face, e Emma diz a Charles que ela caiu a brincar. Velando-lhe o sono, pensa:

“É uma coisa estranha”, pensava Emma, “como esta criança é feia!”

No mesmo capítulo, Léon parte para Paris. A despedida é contida, quase muda: Léon pede para beijar Berthe, Emma encosta a testa no vidro da janela, e o aperto de mão final ganha o nome da formalidade, à inglesa, um gesto sem beijo, o oposto exato do que os dois sentem e não dizem.

- Então, à inglesa – disse ela, abandonando-lhe a sua e esforçando-se por rir.

Para pensar: Emma vai à igreja em busca de algo que não sabe nomear, e o padre, ocupado com os meninos do catecismo, se diz “médico das almas” e atribui o mal-estar dela à digestão. O que ela pede sem conseguir dizer, e o que impede o padre de ouvi-la: distração, incompetência ou o próprio ofício?

Para pensar: Depois de empurrar Berthe, que cai e corta a face, Emma diz a Charles que a menina caiu a brincar e, velando-lhe o sono, pensa: “como esta criança é feia!”. O que a frase revela de Emma, e o que o narrador ganha ao registrar o pensamento sem condená-lo?

PARTE II • CAPÍTULO 7

Depois da partida de **Léon**, **Emma Bovary** passa semanas de luto e de caprichos, até desmaiar e escarrar sangue, e **Charles Bovary** chama a mãe, que a considera ociosa e manda cortar a assinatura da biblioteca de Rouen. Num dia de mercado, o proprietário **Rodolphe Boulanger**, dono de La Huchette, traz um camponês para ser sangrado por Charles e conhece Emma enquanto o aprendiz Justin desmaia. Voltando a pé para casa, Rodolphe decide seduzi-la, e planeja visitas, presentes de caça e os comícios que se aproximam.

Com Léon fora, Emma entra num luto sem funeral: reorganiza a memória dele em imagens cada vez mais bonitas, cultiva o hábito de comprar objetos (estola, caxemira, um genuflexório gótico) como quem tenta preencher com posse o que era ausência de pessoa. A mãe de Charles chega, diagnostica falta de ocupações obrigatórias e de trabalho manual e decide cortar a assinatura da biblioteca de Rouen, tentativa de higiene moral que chega tarde e não entende a causa.

A ausência é o que organiza o desejo de Emma: enquanto Léon esteve ao alcance, ela o reprimiu e se refugiou na virtude, e, ido ele, ela se amaldiçoa por não o ter amado e o recria mais alto, mais belo e mais vago. É o primeiro exemplo do padrão que vai se repetir com Rodolphe: o objeto do desejo de Emma rende mais como imagem do que como pessoa presente.

É nesse vazio que Rodolphe Boulanger entra em cena, trazendo a Charles um camponês que quer ser sangrado porque “sentia formigueiros pelo corpo todo”. A cena clínica (Justin desmaia, e Emma lhe afrouxa a gravata e lhe molha as têmporas com vinagre) é a desculpa de enredo; o que importa é o

monólogo de Rodolphe a caminho de casa, que revela o mecanismo antes mesmo do primeiro encontro a sós: “Pobrezita da mulher! Aposto que anseia pelo amor como uma carpa pela água em cima da mesa da cozinha! Com três palavras de galanteio, tenho a certeza de que até me adorava!” A conclusão dele é seca.

Há-de ser minha!

Rodolphe já sabe, antes de uma conversa a sós com ela, que vai usar exatamente o mesmo vocabulário de infinito e destino que Léon usara com sinceridade. A diferença entre os dois homens não está no que dizem, está no que sabem que estão fazendo enquanto dizem.

Para pensar: Depois que Léon parte, Emma o recria cada vez mais belo e se amaldiçoa por não o ter amado, embora o tivesse evitado enquanto ele estava ao alcance. Por que a ausência faz crescer um desejo que a presença não alimentava, e o que isso diz sobre o que Emma deseja de fato?

Para pensar: Antes de trocar uma palavra com Emma, Rodolphe a compara a uma carpa que anseia pela água "em cima da mesa da cozinha" e decide que será dele. Que tipo de leitor de pessoas é Rodolphe, e em que a imagem dele acerta e em que erra sobre Emma?

PARTE II • CAPÍTULO 8

No dia dos comícios agrícolas, Yonville (ver **Yonville**) se enfeita, a guarda nacional de Buchy e os bombeiros de Binet desfilam, e **Homais**, membro da comissão consultiva, vai ao palanque. No caminho, a dona do Leão de Ouro conta a Homais que **Lheureux** vai levar à penhora o rival Tellier, dono do Café Francês, com letras de câmbio. **Rodolphe Boulanger** se junta a **Emma Bovary** e a conduz à sala de sessões da prefeitura; enquanto o conselheiro Lieuvain, que veio no lugar do prefeito, discursa e o presidente do júri proclama os prêmios de gado, adubo e linho, ele lhe faz a corte, até tomar-lhe a mão. A criada Catherine Leroux recebe a medalha por cinquenta e quatro anos de serviço, e dois dias depois Homais publica no Fanal de Rouen um artigo entusiasmado sobre a festa.

A cena central dos capítulos 1 a 8 da Parte II. Flaubert monta três falas simultâneas na mesma plataforma: o discurso oficial do conselheiro Lieuvain (elogio ao rei, à indústria, à agricultura, ao "dever"), a sedução sussurrada de Rodolphe a Emma (destino, alma gêmea, "quem se surpreenderia com isso"), e o presidente anunciando prêmios de gado e adubo. As três vozes se intercalam frase a frase, sem hierarquia tipográfica: o efeito é que o vocabulário do amor absoluto soa, ao lado dos prêmios de porcos e do elogio ao rei, tão convencional e mecânico quanto os dois outros discursos que o cercam.

Rodolphe formula ali a tese que resume sua moral, e que é também a tese que a construção do capítulo já provou por meios formais.

Ah!, mas é que existem duas [...] a mesquinha, a convencional, a dos homens, a que varia constantemente e berra tão alto que se agita no chão, terra a terra [...] Mas a outra, a eterna, essa circunda tudo e está acima de tudo, como a paisagem que nos rodeia e o céu que nos ilumina.

A ironia é dura: é precisamente citando essa "moral eterna" que ele consoma um adultério calculado como uma venda.

O ponto de contraste que Flaubert planta no meio do próprio comício é Catherine Nicaise Élisabeth Leroux, criada premiada por cinquenta e quatro anos de serviço na mesma fazenda, com uma medalha de prata de vinte e cinco francos.

Aproxime-se, veneranda Catherine-Nicaise-Élisabeth Leroux!

Ela sobe ao palco sem entender por que a multidão a empurra, recebe a medalha e sai murmurando que vai dá-la "ao nosso prior, para dizer missas por mim". Homais, ao lado, chama isso de "fanatismo". A cena é o contrapeso moral do capítulo: ao lado da retórica inflada do amor-destino de Rodolphe e do amor-pátria do conselheiro, a única virtude real e não-encenada do comício (meio século de trabalho sem recompensa) rende vinte e cinco francos e um comentário de desprezo.

Rodolphe segura a mão de Emma exatamente enquanto o presidente anuncia o prêmio da raça porcina.

"Rodolphe apertava-Lhe a mão e sentia-a muito quente e trémula, como uma rola cativa que quer retomar novamente o voo".

A pomba presa é Emma, mas também é a cena inteira: o desejo verdadeiro dela, cercado e enquadrado por três formas de discurso público (estado, comércio, sedução) que competem para nomeá-lo primeiro.

Para pensar: No palanque, o discurso do conselheiro, a corte de Rodolphe e o anúncio dos prêmios de gado e de adubo se alternam frase a frase. O que acontece com as palavras de amor quando ouvidas ao lado de elogios ao rei e de prêmios de adubo, e a quem esse efeito favorece, a Rodolphe ou a Emma?

Para pensar: A criada Catherine Leroux sobe ao estrado sem entender por que a empurram, recebe a medalha por cinquenta e quatro anos de serviço e diz que vai dá-la ao padre para mandar rezar missas. O que o narrador faz com essa figura no meio da retórica do comício, e o que ela tem que nem o conselheiro nem Rodolphe têm?

PARTE II • CAPÍTULO 9

Depois de seis semanas de ausência, **Rodolphe Boulanger** volta e declara-se a **Emma Bovary**, que está só; **Charles Bovary**, que chega no meio da cena, apoia a ideia de que ela monte a cavalo para a saúde e manda fazer o traje de amazona. No começo de outubro os dois cavalgam até a floresta, onde Emma, depois de resistir, cede. Nas semanas seguintes encontram-se numa cabana de tamanqueiros, trocam cartas escondidas numa fresta do terraço e Emma vai de madrugada à casa dele, em La Huchette, até que Rodolphe a adverte de que as visitas a comprometem.

A volta de Rodolphe, depois das seis semanas, é por cálculo frio, não por impulso: ele espera o efeito da ausência trabalhar a favor dele.

Ora, se ela me amou desde o primeiro dia, pela impaciência de me voltar a ver, deve amar-me ainda mais. Portanto, continuemos!

Esse é o registro do romance nesse trecho: o narrador mostra primeiro o cálculo de Rodolphe e depois o discurso sedutor (grandiloquente, cheio de "não se pode lutar contra o Céu"), e é essa dupla camada, o que se calcula e o que se diz, que o leitor vê e Emma não.

Na visita em que volta, ainda em casa de Emma, ele monta a retórica do destino comum.

Somos sempre arrastados pelo que é belo, encantador, adorável!

Diz Rodolphe, e o texto registra que era a primeira vez que Emma ouvia alguém dizer-lhe estas coisas.

Charles, que chega no meio da cena, apoia por conta própria a ideia de Rodolphe, a cavalgada como remédio para as opressões de Emma, e derruba a última objeção dela, a falta de traje de amazona, mandando fazer um:

O fato decidiu-a.

A rendição física vem depois, na cavalgada no bosque. Depois, sozinha diante do espelho, ela repete para si mesma a frase que resume toda a segunda metade do romance:

Tenho um amante! Um amante!

"Deleitando-se nesta ideia como se fosse a da chegada de uma nova puberdade." O amante é, antes de ser Rodolphe, uma categoria: Emma está se vendo dentro do "tipo de mulher apaixonada que tanto invejara" nos romances. A rotina que se segue (as cartas escondidas na fresta do terraço, as visitas de madrugada à Huchette) já mostra o mecanismo que vai se repetir até o **capítulo 15 da Parte II**: o amor precisa de rituais e objetos para não esvaziar.

Para pensar: Rodolphe raciocina que, se Emma o amou desde o primeiro dia, "deve amar-me ainda mais", e conclui: "continuemos!". Por que o narrador mostra primeiro o cálculo dele e só depois a fala sedutora, e o que Emma perde por ouvir apenas a segunda camada?

Para pensar: Depois de ceder, Emma repete diante do espelho "Tenho um amante! Um amante!", deleitando-se com a ideia "como se fosse a da chegada de uma nova puberdade". A quem ela dirige essa frase: a Rodolphe, a si mesma ou às heroínas dos romances que leu?

PARTE II • CAPÍTULO 10

Com o amor, **Emma Bovary** passa a temer ser descoberta: numa manhã, ao voltar da casa de **Rodolphe Boulanger**, quase desmaia de susto ao ver o cano da carabina de Binet, que caçava patos bravos escondido num barril, e à noite o encontra na farmácia comprando produtos para limpar o equipamento de caça, o que lhe custa horas de angústia. Durante o inverno, três ou quatro vezes por semana, Rodolphe a encontra de noite no jardim e, quando chove, no consultório de **Charles Bovary**, onde Emma lhe pergunta se tem a pistola para se defender do marido e ele responde com desdém por Charles. Aos poucos a exaltação de Emma o aborrece, e

ele deixa de disfarçar a indiferença. Na primavera chega a cesta do pai Rouault, com um peru e uma carta, e a lembrança da casa paterna e o gosto de abraçar **Berthe Bovary** levam Emma a um surto de ternura e de arrependimento, a que Rodolphe responde faltando a três encontros.

Certo de ser amado, Rodolphe deixa de se constranger e vai mudando de maneiras, e o texto mede a perda em metáfora de rio:

o grande amor existente entre ambos, e em que ela vivia mergulhada, lhe pareceu diminuir aos seus pés, como a água de um rio absorvida pelo seu próprio leito descobrindo o lodo.

A carta do pai Rouault, que chega com o peru, faz Emma voltar à casa da infância e contar o que gastou desde então:

Que abundância de ilusões! Agora já não lhe restava nenhuma! Gastara-as todas com as aventuras da sua alma, em todas as condições sucessivas, na virgindade, no casamento e no amor, perdendo-as assim continuamente ao longo da vida, como um viajante que deixa parte da sua riqueza em cada estalagem do caminho.

Para pensar: O narrador compara o grande amor de Emma à água de um rio que o próprio leito absorve, "descobrimo o lodo". O amor diminuiu porque Rodolphe mudou, porque Emma esperava demais ou porque é assim que o amor acaba? Que elementos do capítulo sustentam cada resposta?

Para pensar: Depois de contar as ilusões que gastou "na virgindade, no casamento e no amor", Emma pergunta quem a faz tão infeliz e olha em volta: um dia claro, o fogo aceso, a filha rindo sobre o feno. O que a cena sugere sobre a causa da infelicidade dela?

PARTE II • CAPÍTULO II

Homais, leitor de um novo método para curar pés tortos, convence **Emma Bovary** e **Charles Bovary** de que operar o moço de cavalaria **Hippolyte** dará fama ao médico, e vence a resistência do rapaz com a vaidade e a promessa de que o aparelho sairá de graça. Charles corta o tendão de Aquiles e Homais escreve, na mesma noite, um artigo triunfal para o Fanal de Rouen. Cinco dias depois a perna de Hippolyte está inchada e, com o aparelho apertado, acaba gangrenada; o doutor Canivet, chamado de Neufchâtel, a amputa enquanto Charles espera em casa, humilhado, e Emma o olha com desprezo. Charles pede um beijo, ela o rejeita aos gritos e o barômetro cai da parede; à noite, **Rodolphe Boulanger** a reencontra no jardim.

Homais convence Emma e Charles a operar Hippolyte pelo prestígio, não pela cura: quer o artigo no jornal, quer a bola de neve. O convencimento do próprio Hippolyte começa pela vaidade, não pela ciência, e termina no argumento de que não lhe custará dinheiro:

Não és um homem, caramba? Que seria então se tivesses de servir no exército, de combater pela pátria?

O narrador eleva o momento da incisão a uma escala falsamente heroica, comparando Charles a cirurgiões históricos reais, só para deixar a ironia mais funda quando tudo desanda:

Nem Ambroise Paré, aplicando pela primeira vez desde Celso, após quinze séculos de intervalo, a laqueação imediata de uma artéria, nem Dupuytren, quando estava para abrir um abcesso através de uma espessa camada de encéfalo, nem Gensoul, quando fez a primeira ablação do maxilar superior, sentiram provavelmente palpitar tanto o coração

Como Charles diante de Hippolyte. É bathos puro: a mediocridade vestida de grandeza cirúrgica.

Homais escreve e lê em voz alta, na própria noite da operação, o artigo que vai mandar para o jornal:

Apesar dos preconceitos que cobrem ainda uma parte da face da Europa como uma rede, a luz começa contudo a penetrar nos nossos campos.

Relido em voz alta, o artigo dá ao paciente nome, sobrenome e ofício:

operou um pé aleijado a Hippolyte Tautain, moço de cavalaria há vinte e cinco anos no hotel do Leão de Ouro

O texto promete "os cegos verão, os surdos ouvirão e os coxos andarão", linguagem religiosa emprestada para vender ciência. Cinco dias depois a perna incha e, com o aparelho apertado, acaba gangrenada; o doutor Canivet, chamado por último, amputa, e o momento decisivo do capítulo não é médico, é o de Emma observando o marido em pânico. Ali o romance nomeia sem rodeio o que ela já sabia:

Emma, na frente dele, fitava-o, não participava da sua humilhação, mas sentia outra: a de ter imaginado que semelhante homem pudesse ter algum valor, como se não tivesse já verificado dezenas de vezes a sua mediocridade.

A cena termina com Charles pedindo um beijo e Emma explodindo ("Basta!"), e o barômetro caindo da parede: o objeto que antes marcava o tempo da sedução (no capítulo 9, era o barômetro que refletia o sol enquanto Rodolphe falava) agora se espatifa no chão.

Para pensar: Homais convence Hippolyte pela vaidade ("Não és um homem, caramba?") e pela promessa de que não custará dinheiro, e o narrador compara Charles, na hora da incisão, a Ambroise Paré, Dupuytren e Gensoul. O que a comparação grandiosa faz com a operação e com quem a conduz?

Para pensar: Diante de Charles em pânico, Emma sente uma humilhação própria: a "de ter imaginado que semelhante homem pudesse ter algum valor". De quem é a responsabilidade por essa esperança ter existido, e o que o fato de ela ter apostado na operação diz sobre o que espera do marido?

PARTE II • CAPÍTULO 12

Emma Bovary e **Rodolphe Boulanger** voltam a se amar, e ela passa a mandar chamá-lo em plena luz do dia, a queixar-se do marido e a pedir que fujam juntos; ele ri e muda de assunto. Enquanto cobre o amante de presentes comprados a crédito do mercador Lheureux, que

também encomenda a perna de pau de **Hippolyte**, Emma se vê apertada por uma fatura e a paga, por ora, com o dinheiro que o senhor Derozerays manda ao marido. Depois de uma briga com a sogra por causa da criada Félicité, ela implora a Rodolphe que a leve embora, e ele, comovido, aceita; a fuga é marcada, depois de muitos adiamentos, para segunda-feira, 4 de setembro, e Emma encomenda a Lheureux capote, baú e saco de dormir. No sábado da antevéspera, Rodolphe ouve Emma jurar que será feliz com ele e, voltando a pé pela pradaria, decide que não vai partir.

Com o vexame público de **Charles Bovary** ao fundo, Emma se afasta ainda mais dele e intensifica o culto ao amante: unhas cuidadas, perfumes, joias, o quarto preparado como se arranjava uma cortesã que espera um príncipe. Rodolphe, por sua vez, já não distingue Emma das outras mulheres que teve: "o encanto da novidade, pouco a pouco, caindo como a roupa que se despe, deixava a nu a eterna monotonia da paixão".

Rodolphe não separa a paixão de Emma das frases que ouviu de outras, e o narrador responde ao juízo dele: "a palavra humana é como um caldeirão rachado em que se batem melodias para fazer dançar os ursos, quando o que se pretendia era enternecer as estrelas"

É neste capítulo que **Lheureux** volta à cena, o vendedor que nunca reclama dinheiro: encarrega-se da encomenda da perna de pau que Emma oferece a Hippolyte (paga por Charles) e traz de Rouen o pingalim que ela quer dar a Rodolphe, cuja fatura apresenta logo no dia seguinte à entrega. A fatura chega quando as gavetas da secretária de Emma estão vazias:

com uma factura de duzentos e setenta francos, sem contar os centavos

O crédito de Lheureux funciona exatamente como o discurso de Rodolphe: promete sem custo aparente e cobra depois, com juros. É também aqui que nasce o plano de fuga, combinado para 4 de setembro, que Rodolphe vai adiando semana a semana até decidir, sozinho, que não vai.

Com a perna de pau, Hippolyte volta a percorrer a aldeia, e o vexame da operação passa a ter um som que Charles evita:

quando Charles ouvia de longe o bater seco da sua perna de pau sobre a calçada, apressava-se rapidamente a tomar por outro caminho

Os presentes que Rodolphe recebe cobrem por um tempo a mesma falta: o sinete "Amor nel cor", o pingalim, um lenço. Entre eles está uma caixa de charutos (ver **A cigarreira verde**) que o texto liga à que Charles achara na volta do baile do **capítulo 8 da Parte I**:

uma caixa para charutos igualzinha à do visconde, que Charles em tempos achara na estrada e que Emma conservava consigo

Para pensar: Rodolphe, que já ouviu frases iguais de outras mulheres, só vagamente acredita na ingenuidade das de Emma, e o narrador responde que a palavra humana é "como um caldeirão rachado em que se batem melodias para fazer dançar os ursos, quando o que se pretendia era enternecer as estrelas". Em que a frase julga Rodolphe, e em que julga o próprio narrador, que também só tem palavras?

Para pensar: Emma encomenda a Lheureux capote, baú e saco de dormir para a fuga, enquanto Rodolphe, voltando a pé pela pradaria, decide que não partirá. Por que o narrador entrega a decisão dele ao leitor antes de Emma saber, e o que isso muda na leitura dos preparativos dela?

PARTE II • CAPÍTULO 13

Em casa, **Rodolphe Boulanger** relê cartas antigas de mulheres, hesita e escreve a carta de ruptura, que manda no dia seguinte escondida sob folhas de parreira numa cesta de damascos. **Emma Bovary** encontra a carta na sala, corre ao sótão e, depois de uma crise à janela, desce para o jantar, onde **Charles Bovary** lhe fala dos damascos e diz que Rodolphe viajou. Ao ver passar na praça o tálburi azul de Rodolphe, ela cai desacordada; segue-se uma febre cerebral, e durante quarenta e três dias Charles não a deixa um instante, abandona os doentes e chama o doutor Larivière, e, na convalescência, ele começa a se preocupar com a falta de dinheiro.

Rodolphe escreve a carta de rompimento como quem monta um produto: testa frases, descarta a desculpa da fortuna perdida, escolhe a palavra que "produz sempre efeito". "Não!... O que eu desejaria era fazê-la sentar sobre um trono!" ele escreve, sabendo que é mentira. Pouco antes escrevera, na própria carta, a frase que ele mesmo julga "uma palavra que produz sempre efeito":

A culpa é da fatalidade!

A mesma palavra vazia que ele reconhece a si mesmo como eficaz. É a contrapartida exata da retórica do capítulo 9: lá, o destino comum seduzia, aqui, a fatalidade absolve. Ele até simula uma lágrima, pingando água sobre a tinta.

A recepção da carta é o ponto mais físico do romance até aqui. Emma sobe correndo ao sótão fechado, abre a água-furtada e, à beira da queda, pensa:

Porque não acabar com tudo? Quem a impediria?

Só a voz de Charles chamando por ela a detém. É a primeira vez que o romance a mostra à beira de se matar, e a tentação nasce não do luto por Rodolphe em si, mas do colapso completo da fantasia que sustentava a vida de Emma. A crise nervosa que se segue (o desmaio ao ver o tálburi azul de Rodolphe passando na praça, a febre cerebral, com Charles quarenta e três dias à cabeceira) fecha o capítulo com Charles, mais uma vez, dedicado e incapaz de entender o que se passa: quando ela acorda gritando "E a carta? E a carta?", ele só ouve delírio.

Para pensar: Rodolphe escreve a carta de ruptura e escolhe "A culpa é da fatalidade!", palavra que, ele mesmo pensa, "produz sempre efeito". Se a palavra é eficaz e ao mesmo tempo falsa, o que significa que ela funcione sobre Emma e sobre quem a lê?

Para pensar: Na água-furtada, Emma relê a carta e pensa: "Porque não acabar com tudo? Quem a impediria?", e conclui que era livre. Só o grito de Charles a chama de volta: o que o texto sugere ao pôr a interrupção nas mãos do marido que ela despreza?

PARTE II · CAPÍTULO 14

Charles Bovary, que vê as contas se acumularem durante a doença de Emma Bovary, acaba aceitando de Lheureux o capote, o saco de dormir e os dois baús que ela encomendara, e assina uma letra e uma promissória que, somadas, chegam a mil duzentos e cinquenta francos. Convalescente, Emma pede a comunhão ao julgar-se agonizante, vê o céu aberto e decide ser santa: pratica a caridade, compra rosários e lê os livros devotos que o abade Bournisien encomenda ao livreiro do bispo, mas não encontra satisfação. Na primavera, recobra a vontade, manda revolver o jardim, dispensa as visitas e vai menos à igreja. Numa tarde no caramanchão, Homais discute o teatro com o padre e aconselha Charles a levar Emma a Rouen para ouvir o tenor Lagardy, e Charles, à força de insistir, a convence a partir.

A promissória que Lheureux consegue de Charles tem a conta feita no próprio texto:

a soma de mil e setenta francos, o que, com os cento e oitenta já estipulados, perfazia justamente mil duzentos e cinquenta

Recuperando, Emma substitui o amante por Deus com o mesmo vocabulário de êxtase: durante a comunhão, que pede quando se julga agonizante, pensa sentir começar outra existência e ver anjos com asas de fogo descerem para levá-la, exatamente como antes sonhava ser raptada pelo amante para outro país. O Abade Bournisien, sem saber lidar com o fervor dela, escreve a Boulard, livreiro do bispo, pedindo "qualquer obra de qualidade superior, destinada a uma senhora que estava cheia de graça", e o que chega é literatura piedosa de qualidade duvidosa, que Emma lê rápido demais e sem satisfação.

No genuflexório gótico, a devoção repete a linguagem do adultério sem lhe dar a mesma resposta:

Quando se punha de joelhos sobre o genuflexório gótico, dirigia ao Senhor as mesmas palavras de suavidade que antes murmurara ao seu amante, durante as efusões do adultério.

nenhuma delícia descia dos Céus e ela erguia-se dali com os membros fatigados e um vago sentimento de um imenso logro

A devoção dura pouco: ela deixa de lado a caridade extrema (cose roupa para pobres, dá sopa a vadios na cozinha) e passa a querer o jardim revolvido, dispensa as visitas incômodas e, por fim, cede à insistência de Charles, que ouvira de Homais a sugestão de ir ao teatro em Rouen. É o próprio boticário quem planta a ideia que vai devolver Léon à vida de Emma.

Para pensar: Ajoelhada no genuflexório gótico, Emma dirige ao Senhor "as mesmas palavras de suavidade" que murmurara ao amante, e ergue-se com "um vago sentimento de um imenso logro". O que permanece igual quando muda o destinatário do amor, e por que a devoção termina assim?

Para pensar: O abade pede ao livreiro do bispo uma obra "destinada a uma senhora que estava cheia de graça", e chegam manuais e romances piedosos que Emma lê com pressa e sem proveito. O que o texto sugere ao entregar a cura espiritual de Emma a quem não sabe do que ela padece?

PARTE II · CAPÍTULO 15

Em Rouen, na ópera *Lucie de Lammermoor*, **Emma Bovary** se reconhece na heroína e, diante do tenor Lagardy, imagina para si uma vida de amor com o cantor, enquanto **Charles Bovary**, que não acompanha a trama, pede explicações que ela rejeita. No intervalo, ele volta do bufete com a notícia de que encontrou **Léon**, agora escriturário em Rouen, e o traz ao camarote. Emma não ouve mais nada da ópera e, com Léon e Charles, sai antes do fim para tomar sorvete no porto, onde Léon desdenha de Lagardy, Charles lamenta ter perdido o último ato e propõe que ela fique mais um dia em Rouen. Combinam rever-se às seis horas do dia seguinte.

Em Ruão, Emma assiste a *Lucie de Lammermoor* projetando nela mesma a história que a ópera encena: uma noiva que deveria ter resistido ao casamento.

Ah!, se, na frescura da sua beleza, antes da conspiração do casamento e da desilusão do adultério, pudesse ter entregue a sua vida a algum coração grande e sólido, então, com a virtude, a ternura, as volúpias e o dever confundindo-se numa coisa só, nunca teria descido de tão alta felicidade.

A ironia é dupla: ela lamenta não ter resistido ao casamento, mas na lógica do próprio romance o casamento e o adultério nascem do mesmo apetite insaciável por um "coração grande e sólido" que não existe. Diante do tenor Lagardy, ela projeta uma terceira fantasia amorosa, ainda mais irreal que **Rodolphe Boulanger**, porque feita de pura encenação:

Rapta-me, leva-me, fujamos! Para ti, para ti!, todos os meus ardores e todos os meus sonhos!

Pensa, sem que o cantor sequer saiba que ela existe.

E então, no intervalo, Charles anuncia com orgulho de provinciano que encontrou "o senhor Léon", e o antigo escrevente de Yonville (ver **Yonville**) entra no camarote. O reencontro é registrado num só gesto:

Não a voltara a apertar depois daquela noite de Primavera em que chovia sobre as folhas verdes, quando se tinham despedido, de pé, junto da janela.

A ópera havia acabado de mostrar a Emma a forma que sua próxima paixão vai tomar: o capítulo termina com Charles insistindo, sem entender nada do que está fazendo, para que a mulher fique mais um dia em Ruão.

Para pensar: Na ópera, Emma pensa que poderia ter entregue a vida "a algum coração grande e sólido", mas logo conclui que essa felicidade "era uma mentira inventada para causar o desespero de todo o desejo". Qual das duas Emmas tem razão, a que lamenta ou a que desconfia, e por que o narrador deixa os dois pensamentos lado a lado?

Para pensar: Charles traz Léon ao camarote e, no fim, insiste para que Emma fique em Rouen, "desde que tenhas a mínima impressão de que te poderá fazer bem". Que efeito tem pôr nas mãos de Charles, sem que ele perceba, aquilo que Emma passa a desejar?

PARTE III · CAPÍTULO I

Em Rouen, **Léon**, de volta de Paris e já sem a timidez de antes, vai à estalagem da Cruz Vermelha, onde **Emma Bovary** ficou hospedada, e as confidências de melancolia dos dois acabam na declaração dele, que ela afasta sem encerrar: aceita encontrá-lo no dia seguinte, às onze horas, na catedral, depois de escrever uma carta para desfazer o encontro e não a entregar. Na catedral, Emma se ajoelha na capela da Virgem e o suíço, o guia do templo, arrasta os dois por túmulos e relíquias até Léon fugir e mandar buscar um fiacre. Com Emma dentro, o carro de estores descidos percorre Rouen sem destino até as seis da tarde, e dele desce uma mulher de véu.

Léon muda antes de Emma mudar. Depois dos estudos de Direito em Paris, perdeu a timidez de escriturário provinciano e volta a Rouen desprezando tudo o que não fosse a elegância da capital. Na véspera seguiu de longe o casal até a estalagem e passou a noite a meditar num plano. O narrador nomeia o mecanismo antes de encená-lo:

O aprumo depende do meio onde se está: não se fala na sobreloja como no quarto andar

Léon não seduz Emma por impulso, seduz porque calculou o ambiente certo, a mulher do "medicozinho" de província, diante de quem ele finalmente pode brilhar. A conversa entre os dois é toda construída sobre confissões recíprocas de melancolia que nenhum dos dois de fato sente com a intensidade que professa: ele não diz que a esquecera, ela não confessa a paixão por **Rodolphe Boulanger**, e cada um usa a tristeza do outro como espelho para a própria encenação. A cena se passa no quarto da estalagem, com um efeito que o **capítulo 9 da Parte I** já tinha ensaiado com a cigarreira (ver **A cigarreira verde**) do Visconde: o presente se dissolve em nostalgia fabricada.

o passado, o futuro, as reminiscências e os sonhos, tudo se achava confundido na doçura daquele êxtase

No dia seguinte, o encontro marcado na catedral de Rouen é a peça mais irônica do capítulo. Léon chega com flores compradas pela primeira vez na vida para uma mulher, mas Emma se refugia numa capela para rezar, e o desejo de Léon, em vez de crescer, se choca com um guia turístico incansável (o suíço) que insiste em mostrar túmulos e relíquias aos dois. O romance faz o amor competir literalmente com a paróquia pelo tempo do casal, e quem vence não é nenhum dos dois: é a logística.

Léon fugia, porque tinha a impressão de que o seu amor [...] se iria agora evaporar

À porta da igreja, enquanto um garoto vai buscar o carro, Emma hesita e diz que não é decente; Léon a decide com um argumento de lugar:

- *Porquê? - replicou o escriturário. - É coisa corrente em Paris!*

Ao cocheiro, que pergunta para onde, ele não dá destino nenhum:

- Para onde você quiser! – respondeu Léon, empurrando Emma para dentro do carro.

A fuga da igreja termina na cena mais citada do romance: os dois entram num fiacre (ver **O fiacre**) de cortinas fechadas que passa horas cruzando Rouen sem destino, só para que dentro dele aconteça o que a cidade inteira, do lado de fora, só pode imaginar. Flaubert nunca mostra o que se passa dentro do fiacre, mostra só o efeito sobre quem vê de fora, e a imagem resume o capítulo inteiro: o amor de Emma sempre precisa de um espaço fechado, em movimento, sem endereço fixo.

uma carruagem com os estores descidos aparecendo assim constantemente, mais fechada que um túmulo e sacudida como um navio

O único sinal que sai lá de dentro, a meio do dia, também é visto de fora: uma mão, e papéis ao vento. Pelas seis horas o carro para numa ruela do bairro Beauvoisine, e dele desce, sem nome no texto, uma mulher de véu descido que segue sem voltar a cabeça.

uma mão sem luva atravessou as pequenas cortinas de tecido amarelo e lançou fora pedaços de papel rasgado que se dispersaram ao vento

Para pensar: Quando Emma diz que não é decente entrar no fiacre, Léon responde: "É coisa corrente em Paris!", e o narrador diz que essa palavra, "como argumento irresistível", a decidiu. Que tipo de argumento é esse, e por que um lugar basta para decidir uma questão moral?

Para pensar: O narrador nunca mostra o que se passa dentro do fiacre, só a carruagem "mais fechada que um túmulo e sacudida como um navio" e uma mão que lança papéis rasgados pela cortina. O que se ganha ao deixar a cena fora de campo, e o que o leitor faz com a lacuna?

PARTE III • CAPÍTULO 2

Ao voltar a Yonville, Emma Bovary é chamada à farmácia, onde Homais, aos gritos, repreende Justin por ter pegado a chave do cafarnaum, o gabinete onde guarda o frasco azul de arsênico, e confisca do rapaz um livro, O Amor Conjugal, antes de lhe dar a notícia: o pai de Charles Bovary morreu de apoplexia. Em casa, Charles chora enquanto Emma, indiferente, vê no marido um homem fraco e nulo e se lembra de Léon. Com a chegada da viúva Bovary, Lheureux reaparece oferecendo os serviços e insinuando que Charles passe a Emma uma procuração, e Emma leva ao marido o modelo de uma autorização geral para gerir os bens do casal. Para tratar do assunto, convence Charles a deixá-la ir a Rouen consultar Léon, onde passa três dias.

O capítulo muda de registro com brutalidade: a notícia do luto chega por uma comédia de erros na farmácia, e é só em casa que Emma, sem luto nenhum, sente de outro modo o beijo do marido:

ao contacto dos seus lábios, apoderou-se dela a recordação do outro

O que decide o capítulo é a visita de Lheureux, em pleno luto, com a oferta de um serviço que parece só um conselho:

Lheureux planta a procuração entre uma gentileza e outra: “com uma procuração, seria simples, e então poderíamos fazer uns negociozinhos”

Emma aprende rápido e volta ao marido com termos técnicos e o papel pronto. O capítulo planta, sem alarde, o instrumento jurídico que vai devorar a família.

Para pensar: Quando Charles, em lágrimas, a abraça para beijá-la, Emma é tomada pela "recordação do outro" e passa a mão pelo rosto. Que efeito tem o narrador deixar sem nome esse outro, e por que o beijo do marido enlutado o faz voltar?

Para pensar: Lheureux volta várias vezes, sempre com um pretexto novo, "insinuando a Emma alguns conselhos sobre a procuração", e diz que então "poderíamos fazer uns negociozinhos", sem que Emma entenda. Por que a armadilha chega como gentileza e atenção, e o que Emma aprende com esse modo de se aproximar?

PARTE III • CAPÍTULO 3

Em Rouen, **Emma Bovary** e **Léon** passam três dias no Hotel de Boulogne, de persianas fechadas, e à tarde vão de barco jantar numa ilha. Na volta, ao luar, Léon acha no fundo do barco uma fita de seda, e o barqueiro conta que a viu num grupo de folgazões, entre eles um homem alto de bigode a quem chamavam Adolphe ou Dodolphe; Emma estremece. Na despedida, ela manda Léon escrever para a casa da ama, a tia Rolet, num duplo sobrescrito e pergunta se a procuração está mesmo em ordem, e Léon, sozinho nas ruas, estranha tanto empenho.

Os três dias são narrados como uma lua de mel completa, só que entre Emma e Léon, não entre Emma e o marido. O capítulo é curto e funciona como respiro antes da rotina que se instala no capítulo seguinte: aqui ainda há barco, ilha, canção ao luar, o ponto mais alto da curva, o momento em que a fantasia ainda não colidiu com a logística. Só um velho barqueiro, sem saber o que diz, deixa passar um rastro do passado de Emma:

Anda lá, conta-nos qualquer coisa..., Adolphe..., Dodolphe... creio eu.

O nome dito pela metade chama **Rodolphe Boulanger** sem que ninguém o nomeie. Na despedida, o adultério já tem logística de correspondência:

Emma fez-lhe recomendações tão precisas sobre a maneira de utilizar um duplo sobrescrito, que ele ficou muito admirado com a sua astúcia amorosa

Para pensar: Na volta do passeio de barco, o barqueiro cita um folgazão a quem chamavam "Adolphe..., Dodolphe... creio eu", e Emma estremece. Por que um nome dito pela metade, por um estranho, pesa mais do que qualquer lembrança que Emma pudesse contar a Léon?

Para pensar: Emma dá a Léon instruções tão precisas sobre o duplo sobrescrito que ele fica admirado com a sua "astúcia amorosa". O que a rapidez com que ela domina a técnica do segredo diz sobre Emma, e

sobre o que Léon ainda não conhece dela?

PARTE III • CAPÍTULO 4

Léon foge do cartório num sábado e vai a Yonville, onde encontra Emma Bovary à noite, no beco atrás do jardim, debaixo de uma trovoada; ela promete arranjar um modo de se verem toda semana. Contando com dinheiro, Emma compra a crédito de Lheureux cortinas amarelas para o quarto e sonha com um tapete, e a ama, tia Rolet, passa a almoçar todos os dias na casa dela. Para conseguir a licença semanal, Emma finge uma súbita paixão pelo piano, deixa de tocar quando Charles Bovary acha aulas mais baratas e, quando Homais e as visitas lamentam o talento abandonado, é Charles quem volta a propor as aulas, e ela obtém a permissão de ir a Rouen uma vez por semana.

Emma monta o álibi sozinha, e a frase com que fecha o argumento, dita para justificar a insistência nas aulas, é também a lógica do próprio adultério:

as lições [...] só aproveitam se forem seguidas

O adultério só vale a pena se for repetido, com regularidade de assinatura, o que já antecipa o vocabulário comercial que vai dominar os capítulos seguintes.

Para pensar: Para ter licença de ir toda semana a Rouen, Emma finge paixão pelo piano e defende que as lições "só aproveitam se forem seguidas". Que ironia há em que o argumento do álibi sirva também de regra para o próprio adultério?

Para pensar: Depois que Emma deixa de tocar, é Charles quem volta a propor as aulas e quem lhe dá a permissão de ir à cidade. Que parte do segredo de Emma depende da boa vontade do marido, e o que isso diz sobre a cegueira dele: ingenuidade, generosidade ou comodidade?

PARTE III • CAPÍTULO 5

Toda quinta-feira Emma Bovary toma a diligência para Rouen e passa a tarde com Léon no hotel, voltando à noite a Charles Bovary, que nada percebe; quando ele diz que a professora de piano não a conhece, Emma sustenta a mentira com um recibo que aparece dentro da bota dele. Lheureux, que a viu à saída do hotel com Léon, cobra então cerca de dois mil francos em cortinas, tapete e vestidos, indica a venda do pardieiro de Barneville e a faz assinar quatro letras de mil francos, que o banqueiro Vinçart desconta, entregando-lhe só mil e oitocentos francos em dinheiro. Quando uma das letras chega a casa, Charles escreve à mãe, a viúva Bovary vem, arranca-lhe a promessa de anular a procuração e a queima; Emma tem um ataque de nervos, Charles toma o partido dela e, com muitos rogos, a leva ao tabelião para fazer outra. No hotel, Léon, que já copia sonetos para agradá-la, passa a ser a parte dependente do casal.

Este é o capítulo-chave da tese dos capítulos 1 a 6 da Parte III. Flaubert descreve, com detalhe quase burocrático, a rotina das quintas-feiras de Emma: a hora certa da diligência, o mesmo

hotel, o mesmo cabeleireiro, o rodeio por ruelas para não ser vista. Rouen, vista do alto, ainda funciona como Babilônia romântica aos olhos de Emma:

desprendia-se qualquer coisa de vertiginoso daquelas existências amontoadas [...] como se as cento e vinte mil almas que ali palpitavam lhe enviassem [...] o vapor das paixões que ela lhes atribuía

Mas o próprio ritual mata a vertigem, e do lado de fora do quarto de hotel a vida de Emma vira administração de mentiras, a começar pelo recibo da professora de piano que aparece dentro da bota de Charles:

a sua vida não foi mais que uma colecção de mentiras, em que envolvia o seu amor como que em véus, para o esconder

Atrás das quintas-feiras corre a contabilidade de Lheureux: o romantismo de Emma passa a ter, literalmente, uma planilha por trás. A segunda procuração é feita em casa do tabelião **Guillaumin**, que dá à fraqueza de Charles uma desculpa lisonjeira:

- *Compreendo perfeitamente - disse o notário. - Um homem de ciência não pode embarçar-se com pormenores da vida prática.*

A alegria da quinta-feira seguinte, no hotel, mostra o mesmo mecanismo do baile em La Vaubyessard (ver **La Vaubyessard**), nos capítulos 8 e 9 da Parte I: excitação seguida de tédio maior, agora em escala semanal:

tornava-se irritável, gulosa e voluptuosa

O capítulo também inverte os papéis: quando Emma lhe pede versos, Léon copia um soneto de um álbum, mais pelo desejo de lhe agradar do que por vaidade.

era ele quem realmente se comportava como se fosse uma amante

Para pensar: Do alto, Rouen parece a Emma uma Babilônia, como se as "cento e vinte mil almas que ali palpitavam" lhe enviassem o vapor das paixões que ela lhes atribuía. O que a distância faz com a cidade, e o que a rotina das quintas-feiras faz com o amor?

Para pensar: Léon copia um soneto de um álbum porque Emma lhe pede versos, e o narrador diz que era ele quem "se comportava como se fosse uma amante". O que a inversão de papéis mostra sobre o que Emma procura em um amante e sobre o que Léon aceita ser?

PARTE III · CAPÍTULO 6

Homais aparece em Rouen a convite de **Léon**, que lhe devia retribuir os jantares, e o prende por horas em cafés e passeios enquanto **Emma Bovary** o espera, furiosa, no hotel; a relação esfria, e Léon, pressionado por uma carta anônima enviada à mãe e pela advertência do patrão, passa a

ver Emma como um risco para a carreira. Em casa, Emma vive de fornecimentos a crédito e de letras novas (Lheureux passa a de setecentos francos a Vinçart, que a protesta, e a troca por quatro de duzentos e cinquenta), enquanto o tédio com Léon e o fantasma de um amante ideal ocupam as cartas dela. Depois de uma noite de máscaras, no dia da mi-carême, ela volta a Yonville e encontra uma intimação para pagar oito mil francos em vinte e quatro horas. Procurado por ela, Lheureux nega qualquer prazo e fecha a porta.

A cena de Homais em Rouen é cômica na superfície, mas revela o que o casal já perdeu: eles não conseguem mais proteger o próprio tempo juntos de interrupções triviais. O tédio avança até o ponto em que o próprio narrador nomeia o que está acontecendo, na frase mais direta de toda a Parte III sobre o argumento dos capítulos 1 a 6:

Conhecia-se já demasiado para ter aquelas surpresas da posse que lhe centuplicam o gozo. Emma estava tão enfastiada de Léon como este cansado dela. Emma encontrava agora no adultério toda a insipidez do casamento

Nas cartas que continua a escrever a Léon, o destinatário já é outro: “via outro homem, um fantasma construído das suas mais ardentes recordações, das suas mais belas leituras, dos seus mais fortes desejos”

A partir daí o capítulo alterna entre o desgaste sentimental, com um baile de máscaras que termina numa ceia com os amigos de Léon que assusta Emma e a faz desmaiar, e o desfecho do enredo financeiro. Na casa de Lheureux, ela encontra, pela primeira vez sem disfarce, o comerciante que sempre esteve calculando esse momento.

Lheureux responde às súplicas de Emma fechando a porta e dizendo: “Não tenho mais que me ralar com isso!”

O capítulo termina com a porta batida na cara de Emma, imagem que fecha, de modo especular, a generosidade fingida com que Lheureux abriu o negócio no capítulo 2. O que começou como oferta de serviços no luto termina como extorsão fria, sem metáfora nenhuma, dinheiro contra patrimônio.

Para pensar: O narrador diz que Emma "encontrava agora no adultério toda a insipidez do casamento". Se o problema não era o marido, o que era, e o que isso diz sobre o que ela buscava ao trocar de homem?

Para pensar: Nas cartas a Léon, Emma vê "outro homem, um fantasma construído das suas mais ardentes recordações, das suas mais belas leituras, dos seus mais fortes desejos". Se o destinatário já é um fantasma, a quem ela escreve, e que papel resta ao Léon de carne e osso?

PARTE III • CAPÍTULO 7

No dia seguinte à intimação, o oficial de diligências Hareng, com duas testemunhas, faz o inventário dos bens de Emma Bovary, e no domingo ela percorre Rouen atrás de dinheiro: os banqueiros recusam, e Léon, no hotel, promete três mil francos que não consegue, depois de ela lhe sugerir que os tire do cartório. Na volta, Emma julga ver passar o visconde numa carruagem e, na diligência, assiste a Homais dando conselhos e prometendo uma pomada ao

cego da estrada, a quem ela atira cinco francos. Na manhã seguinte o cartaz da venda dos móveis está na praça, e Emma vai a **Guillaumin**, que se aproveita da aflição dela para uma investida e a vê sair; depois implora a Binet, o tesoureiro, que recua horrorizado sob o olhar de duas vizinhas escondidas no sótão, e se refugia na casa da ama, a tia Rolet, até decidir pedir ajuda a **Rodolphe Boulanger**.

O inventário transforma a intimidade de Emma em espetáculo público, o mesmo gesto que o romance inteiro fará com ela até a última linha: expor por fora o que era de dentro.

e a sua vida, até aos recantos mais íntimos, foi, como um cadáver a que se faz a autópsia, exposta de par em par aos olhares daqueles três homens.

Na volta de Rouen, derrotada, Emma julga ver o visconde, e a sensação de abandono deixa de ter fronteira entre o que está dentro e o que está fora dela:

Tudo, quer dentro quer fora dela, a abandonava.

A porta que resta é a do tabelião. Antes do assédio, o narrador avisa por que Guillaumin já conhecia a dívida por dentro:

O doutor Guillaumin já a conhecia, por estar secretamente ligado ao mercador de tecidos, em casa de quem encontrava sempre capitais para os empréstimos hipotecários que o encarregavam de contratar.

A recusa dela é a única vitória moral do capítulo, ainda que estéril: sai de mãos vazias, mas sai.

O senhor aproveita-se impunemente da minha aflição! Eu sou para lastimar, mas não para vender!

A frase de recusa a Guillaumin é o espelho exato do que Rodolphe dirá poucas páginas depois, mas ao contrário: ela recusa vender o corpo, ele recusará emprestar o dinheiro.

O capítulo termina com Emma a caminho de La Huchette, disposta a pedir a Rodolphe o que recusou a Guillaumin.

Para pensar: Durante a penhora, a vida de Emma é exposta "até aos recantos mais íntimos", "como um cadáver a que se faz a autópsia", aos olhares de três homens. O que o narrador sugere ao descrever a perda dos bens como uma violação do corpo, e por que isso se passa diante do oficial de diligências e de duas testemunhas?

Para pensar: Ao recusar o notário, que sabia da dívida por estar secretamente ligado a Lheureux, Emma diz: "Eu sou para lastimar, mas não para vender!". O que a frase recusa e o que aceita, e o que o texto ganha ao dar essa dignidade a Emma precisamente diante de quem lucra com a aflição dela?

PARTE III · CAPÍTULO 8

Emma Bovary vai a La Huchette pedir três mil francos a Rodolphe Boulanger, que recusa com calma, dizendo não os ter; ela o acusa e sai. De volta a Yonville, pede a Justin a chave do cafarnaum e, no gabinete de Homais, come o arsênico do frasco azul; à noite deixa a Charles Bovary uma carta que ele lê quando os vômitos começam. Charles chama o doutor Canivet e o professor Larivière; Berthe Bovary é levada ao leito da mãe e recua assustada; Canivet receita um vomitório e Larivière, ao ver Emma, diz que não há o que fazer e vai almoçar na casa de Homais. Depois da extrema-unção dada pelo Abade Bournisien, o cego passa na rua cantando, Emma ri com um riso atroz e morre.

Rodolphe a recebe com palavras vagas e recusa o dinheiro com calma perfeita. O narrador comenta, e é o comentário, não o personagem, que carrega a ideia mais dura do capítulo: o pedido de dinheiro é o que revela o amor romântico como transação sempre adiada.

Não os tenho, minha querida senhora.

porque um pedido pecuniário é a mais fria e devastadora de todas as tempestades que podem desabar sobre o amor.

De volta a Yonville, Emma não diz a Justin para que quer a chave (logo depois alega precisar matar os ratos); repete o pedido em voz baixa, num tom meigo.

Quero-a! Dá-ma.

No gabinete de Homais, ela vai direto à terceira prateleira e come o arsênico, sem hesitação nem discurso:

retirando-a cheia de um pó branco, pôs-se a comê-lo directamente

O bilhete que deixa é o oposto de tudo que ela disse em vida: não uma explicação, uma ausência de explicação.

Não acusem ninguém...

Na agonia, Emma pede a filha. Berthe chega nos braços da criada, meio a dormir, procura o sapatinho onde costumava receber os presentes, olha a mãe e recua:

- *Tenho medo! – disse a pequena, recuando.*

A agonia é longa e clínica (vômito, convulsão, os médicos sem remédio), até a extrema-unção, em que o padre unge um a um os órgãos que a levaram à ruína: os olhos que cobiçaram, o nariz que respirou perfumes de amante, a boca que mentiu, as mãos que tocaram, os pés que correram atrás do desejo.

primeiro nos olhos, que tanto haviam cobiçado todas as sumptuosidades terrestres, depois nas narinas, ávidas de brisas cálidas e perfumes amorosos, depois na boca, que se abria para a mentira, que gemera de orgulho e gritara de luxúria, depois nas mãos, que se deleitavam com suaves contactos, e, finalmente, nas plantas dos pés, tão rápidos outrora quando corria a saciar os seus desejos e que não voltariam a caminhar.

No fim, o cego que ela vira na estrada passa cantando na rua, e o riso de Emma, atroz e sem sentido para quem a cerca, é a última coisa que ela faz:

E pôs-se a rir, com um riso atroz, frenético, desesperado

O capítulo fecha com uma frase de três palavras para o evento mais longo dele.

Deixara de existir.

Para pensar: O narrador garante sobre Rodolphe: "Não mentia." Se tivesse o dinheiro, dá-lo-ia, e ainda assim o narrador chama o pedido de dinheiro "a mais fria e devastadora de todas as tempestades que podem desabar sobre o amor". Se ele diz a verdade, de que Emma o acusa, e o que o dinheiro revela entre os dois que as palavras de amor tinham escondido?

Para pensar: Na extrema-unção, o padre unge os olhos que cobiçaram, as narinas ávidas de perfumes amorosos, a boca que se abria para a mentira, as mãos e os pés tão rápidos. Esse inventário do corpo de Emma é um julgamento, uma paixão ou uma despedida?

PARTE III • CAPÍTULO 9

Morta **Emma Bovary**, **Charles Bovary** precisa ser arrastado para fora do quarto, e **Homais** volta às suas ocupações, inclusive a de espalhar que Emma tomou arsênico por açúcar; é o padre quem convence Charles a decidir o enterro, e ele escreve que a quer enterrada de vestido de noiva, sapatos brancos e grinalda, em três caixões, de carvalho, mogno e chumbo. Em duas noites de velório, Homais e o **Abade Bournisien** discutem religião e celibato sem se escutar e adormecem diante do corpo, que a viúva Bovary, Félicité e a estalajadeira vestem para o enterro, e Homais corta à tesourada a mecha de cabelo que Charles pede. Os operários encaixam o caixão de carvalho nos outros dois, e o tio Rouault chega e desmaia na praça quando vê o pano preto.

Charles cai em um luto sem forma (frases repetidas, olhar vazio); Homais volta ao trabalho no mesmo dia, porque a farmácia e o jornal não param por causa de uma morte alheia. Junto do corpo, à noite, farmacêutico e padre discutem religião citando autoridades um contra o outro sem se escutar, cada um armado da própria estante. A primeira troca já mostra o método dos dois:

quanto aos textos, é só abrir a história, sabe-se que foram falsificados pelos Jesuítas.

Depois que Charles sai do quarto, a disputa recomeça e cada um recomenda ao outro a sua estante:

Leia Voltaire! [...] Leia Holbach, leia a Enciclopédia!

A cena é o retrato mais econômico do romance sobre o que Homais e Bournisien têm em comum: nenhum dos dois está falando com o outro, os dois estão citando para vencer.

Na noite seguinte, depois de nova discussão (o celibato dos padres, a confissão), os dois adormecem um diante do outro, tão parados quanto o cadáver que velavam, prova final de que o debate não movia nada, nem eles mesmos. Ao amanhecer do enterro, os operários encaixam o caixão de carvalho dentro dos outros dois, como Charles pedira na carta, e foi preciso encher os vãos com a lã de um colchão.

Para pensar: Junto ao corpo de Emma, Homais e o abade discutem, e cada um recomenda ao outro a sua estante: "Leia Voltaire!", "Leia as Cartas de Alguns Judeus Portugueses!". Se nenhum escuta o outro, por que a discussão se dá diante do cadáver, e o que o corpo faz na cena?

Para pensar: Charles escreve que quer Emma enterrada com o vestido de noiva, sapatos brancos e uma grinalda, em três caixões, de carvalho, de mogno e de chumbo, e as pessoas se admiram de suas "ideias românticas". O que essa vontade diz sobre o que Charles sabe e não sabe de Emma, e o que o romance faz com o primeiro vestido dela?

PARTE III · CAPÍTULO 10

O tio Rouault, que recebeu a carta do boticário trinta e seis horas depois da morte, chega a cavalo a Yonville em desespero. Na igreja, entre os cantos, Hippolyte aparece com a perna nova, e Charles Bovary, que se esforça por mostrar coragem, atira uma moeda de cinco francos ao chantre que faz a coleta; o cortejo sai da igreja ao som do De profundis e atravessa o campo até a cova. Abade Bournisien lança a primeira pazada de terra sobre o caixão, Homais passa o hissope e Charles, que tenta se jogar na cova, é retirado. Em casa, o tio Rouault se despede sem querer ver a neta, e à noite o jovem Justin chora sobre a sepultura, até Lestiboudois flagrá-lo saltando o muro.

O pai de Emma Bovary, Rouault, cavalga em pânico e desespero até Yonville (uma das poucas dores no livro que não carrega nenhum cálculo). Antes do enterro, na missa, um dos presentes se anuncia pelo som de um pau ferrado nas lajes da igreja:

Era Hippolyte, o moço do Leão de Ouro. Pusera a sua perna nova.

No funeral, o som do caixão contra a terra é a única nota de transcendência que o capítulo permite, e vem de baixo, não de cima.

a madeira do caixão, atingida pelas pedras, fez aquele formidável ruído que nos parece ser o retumbar da eternidade.

Para pensar: Em plena igreja, um pau ferrado bate nas lajes e o narrador explica: "Era Hippolyte, o moço do Leão de Ouro. Pusera a sua perna nova." O que essa intromissão tira ou dá ao funeral, e quem na igreja, além do leitor, sabe de onde vem aquela perna?

Para pensar: O ruído da madeira do caixão atingida pelas pedras é descrito como "o retumbar da eternidade", com um "nos parece" que inclui o leitor. O que significa dar a eternidade ao som da terra sobre o caixão, e por que o narrador faz essa concessão a quem lê?

PARTE III • CAPÍTULO II

Charles Bovary, endividado, vê Lheureux e Vinçart retomarem a cobrança e a casa se esvaziar: Félicité foge com Théodore levando o guarda-roupa de Emma Bovary, ele vende a prata e os móveis, menos o quarto dela, e acaba rompendo com a mãe. Responde com felicitações à participação do casamento de Léon, acha a carta de ruptura de Rodolphe no sótão e depois, na escrivaninha, as cartas de Léon e o retrato de Rodolphe. Ao encontrar Rodolphe Boulanger numa feira, diz que não lhe quer mal e que foi culpa da fatalidade, e no dia seguinte morre no caramanchão, segurando uma mecha de cabelo de Emma. Berthe Bovary é mandada à avó e depois a uma tia pobre, que a põe numa fábrica de fiação. Homais, por seu lado, vence o cego com uma campanha no jornal, fixa o epitáfio do túmulo de Emma, afugenta três médicos de Yonville e acaba por receber a Legião de Honra.

O capítulo abre com Berthe, a quem ninguém conta a morte da mãe:

Ela perguntou pela mamã. Responderam-lhe que estava ausente e que Lhe traria brinquedos.

A ironia mais fria do capítulo não é dita por ninguém sobre Emma: é a linha que o próprio Charles escreve, sem saber, ao responder à participação de casamento do antigo amante da mulher.

Como a minha pobre mulher se teria sentido feliz!

Charles ainda não sabe que Léon foi amante de Emma quando escreve isto na carta de felicitação ao casamento dele.

Charles acha, por acaso, no sótão, a velha carta de ruptura de Rodolphe, caída no chão entre umas caixas, e a lê como sinal de um amor platônico; só mais tarde, ao abrir a escrivaninha de Emma, encontra as cartas de Léon e o retrato de Rodolphe.

Coragem, Emma! Tenha coragem! Não quero fazer a infelicidade da sua existência

Quando encontra Rodolphe por acaso, tempos depois, Charles não o acusa. Absolve, e a única frase de efeito que produz na vida inteira soa vazia até para quem a ouve.

Foi culpa da fatalidade!

No dia seguinte, morre sozinho no jardim, segurando uma mecha do cabelo de Emma, e a filha pequena o encontra achando que ele brinca.

E, acreditando que ele estivesse a brincar, empurrou-o levemente. Caiu no chão. Estava morto.

Berthe, a filha, é mandada para a avó, depois para uma tia pobre.

Essa tia é pobre e manda a pequena trabalhar numa fábrica de fiação para ganhar a vida.

E o livro fecha em Homais: o único personagem dos capítulos 7 a 11 da Parte III que nunca amou ninguém o bastante para arriscar algo por isso, e o único recompensado.

Acaba de receber a Legião de Honra.

Para pensar: Charles encontra Rodolphe, diz que não lhe quer mal e acrescenta: "Foi culpa da fatalidade!", e o narrador observa que Rodolphe, "que manobrou aquela fatalidade", achou a frase indulgente demais. A mesma palavra serve a quem engana e a quem perdoa: o que isso diz sobre ela e sobre os dois homens?

Para pensar: O romance termina com uma frase sobre Homais: "Acaba de receber a Legião de Honra." Ela vem depois da morte de Emma e de Charles e da fábrica de fiação onde Berthe é posta a trabalhar. Que juízo sobre o mundo o livro entrega ao dar a última frase a esse homem?

DESEJO

O primeiro desejo do romance é o de **Charles Bovary**, que no capítulo 2 da Parte I passa a voltar ao Bertaux sem se perguntar por que vai com prazer, e no capítulo 3, já viúvo, acaba pedindo a filha do fazendeiro em casamento. O de **Emma Bovary** ganha forma no baile de **La Vaubyessard**, no capítulo 8: os retratos de linhagem, o duque que viveu na corte, o champanhe gelado, as romãs, a valsa com o Visconde. De volta a Tostes, no capítulo 9, ela cheira o forro da cigarreira achada na estrada (ver **A cigarreira verde**), percorre com o dedo um mapa de Paris e assina revistas de moda.

Na Parte II o desejo troca de objeto sem trocar de forma. No capítulo 3 Emma queria um filho homem, e o texto chama essa vontade de desforra de todas as frustrações passadas; no capítulo 5, enquanto **Yonville** a admira como esposa e mãe exemplar, a ternura do marido a incita a desejos adúlteros. Quando **Léon** parte, no capítulo 7, ela o recria na lembrança mais belo do que era, e no mesmo capítulo **Rodolphe Boulanger**, que acaba de conhecê-la, decide seduzi-la, certo de que ela anseia pelo amor como uma carpa pela água. O comício do capítulo 8 e a cavalgada do capítulo 9 cumprem o plano, e diante do espelho Emma repete que tem um amante.

Na Parte III, o fiacre (ver **O fiacre**) do capítulo 1 leva o desejo para dentro de um carro de estores descidos que roda por Rouen até as seis da tarde. A última cena do tema é a extrema-unção do capítulo 8: o padre unge os olhos que cobiçaram as suntuosidades da terra, as narinas, a boca, as mãos e os pés que corriam a saciar os desejos.

O desejo de Emma nunca se fixa numa pessoa: fixa-se numa imagem (o Visconde, Paris, a mulher apaixonada dos romances) e rende mais na ausência do que na presença, como mostra Léon recriado no capítulo 7 da Parte II. Por isso cada homem alcançado decepciona, e a satisfação recua para o próximo. Flaubert não fecha esse desejo com um sermão, fecha no corpo, na unção que percorre um a um os órgãos por onde ele entrou.

O desejo de Charles vem antes do de Emma, e vem sem nome.

O motivo das visitas é um desejo que Charles ainda não reconhece. “Quant à Charles, il ne chercha point à se demander pourquoi il venait aux Bertaux avec plaisir”, quanto a Charles, não procurou perguntar a si mesmo por que ia aos Bertaux com prazer.

Parte I, capítulo 2

A noite do baile é a medida de tudo o que Emma vai querer depois.

*“Her journey to Vaubyessard had made a hole in her life, like one of those great crevices that a storm will sometimes make in one night in mountains”, sua viagem a Vaubyessard (ver **La Vaubyessard**) tinha aberto um buraco em sua vida, como uma daquelas grandes fendas que uma tempestade às vezes abre numa única noite nas montanhas.*

Parte I, capítulo 8

O desejo do filho homem diz o que Emma acha que falta à vida de mulher.

“Ela desejava um rapaz, seria forte e moreno, chamar-se-ia Georges, e esta ideia de ter um filho varão era uma espécie de desejo de desforra de todas as suas frustrações passadas. Um homem, pelo menos, é livre, pode explorar todas as paixões e todas as terras, atravessar os obstáculos, tomar o gosto das venturas mais distantes. Mas uma mulher é continuamente impedida de tudo.”

Parte II, capítulo 3

A virtude de fachada alimenta o desejo que finge conter.

“A mediocridade doméstica incitava-a a fantasias luxuosas; a ternura matrimonial, a desejos adúlteros.”

Parte II, capítulo 5

A união final faz o inventário do desejo pelo corpo.

“primeiro nos olhos, que tanto haviam cobiçado todas as sumptuosidades terrestres, depois nas narinas, ávidas de brisas cálidas e perfumes amorosos, depois na boca, que se abria para a mentira, que gemera de orgulho e gritara de luxúria, depois nas mãos, que se deleitavam com suaves contactos, e, finalmente, nas plantas dos pés, tão rápidos outrora quando corria a saciar os seus desejos e que não voltariam a caminhar.”

Parte III, capítulo 8

SONHO E FANTASIA

O repertório de **Emma Bovary** se forma no convento, no capítulo 6 da Parte I: os romances que uma velha costureira contrabandeia para o convento, Walter Scott, os livros de lembranças com gravuras. Antes disso o leitor já viu querer casar-se à meia-noite, à luz de tochas, no capítulo 3. Casada, ela imagina no capítulo 7 a lua de mel que não teve, em terras de nomes sonoros, e depois do baile de **La Vaubyessard**, no capítulo 8, a fantasia ganha objetos: no capítulo 9 a cigarreira (ver **A cigarreira verde**) vira uma história de amor bordada por uma amante, Paris vira um mapa percorrido com o dedo, o Visconde vira um rosto.

Na Parte II, o jantar com **Léon** no capítulo 2 é uma troca de lugares-comuns de leitura, e Emma conclui que um lugar novo há de trazer uma vida melhor. No capítulo 4 ela espera que o amor chegue como tempestade; no capítulo 7, com Léon longe, o recria mais alto e mais vago. Depois de ceder a **Rodolphe Boulanger**, no capítulo 9, lembra-se das heroínas adúlteras dos livros que lera, e no capítulo 10 faz a conta das ilusões gastas. No capítulo 12 sonha a fuga a galope para um país novo, enquanto **Charles Bovary**, ao lado, sonha o futuro da filha. No capítulo 15, na ópera, ela se reconhece em Lucie de Lammermoor e imagina uma vida de amor com o tenor.

Na Parte III a fantasia não desaparece com o amante novo. No capítulo 3, ao luar, Emma canta no barco; no capítulo 5, Rouen vista do alto é uma Babilônia de paixões que ela atribui às cento e vinte mil almas da cidade; no capítulo 6, escrevendo a Léon, ela já vê outro homem, feito de recordações e de leituras.

A fantasia de Emma não é fuga ocasional, é o modo como ela percebe tudo: ela não vê o que tem diante dos olhos, vê o que leu. O romance mostra o custo pela alternância, sonho e desmentido,

desmentido e sonho maior, e o desmentido nunca ensina nada. O fantasma do capítulo 6 da Parte III é o ponto de chegada: o amante ideal já não precisa de corpo, e nenhum homem real pode competir com ele.

O temperamento que o convento forma procura emoção, não o mundo.

“She wanted to get some personal profit out of things, and she rejected as useless all that did not contribute to the immediate desires of her heart, being of a temperament more sentimental than artistic, looking for emotions, not landscapes”, ela queria tirar das coisas algum proveito pessoal, e rejeitava como inútil tudo que não contribuísse para os desejos imediatos do coração, sendo de temperamento mais sentimental que artístico, em busca de emoções, não de paisagens.

Parte I, capítulo 6

Um objeto achado na estrada basta para Emma inventar uma paixão inteira.

“A breath of love had passed over the stitches on the canvas; each prick of the needle had fixed there a hope or a memory, and all those interwoven threads of silk were but the continuity of the same silent passion”, um sopro de amor passara sobre os pontos da tela; cada picada da agulha ali fixara uma esperança ou uma lembrança, e todos aqueles fios de seda entrelaçados eram apenas a continuidade da mesma paixão silenciosa.

Parte I, capítulo 9

A conta das ilusões vem com a imagem do viajante que paga em cada estalagem.

“Que abundância de ilusões! Agora já não lhe restava nenhuma! Gastara-as todas com as aventuras da sua alma, em todas as condições sucessivas, na virgindade, no casamento e no amor, perdendo-as assim continuamente ao longo da vida, como um viajante que deixa parte da sua riqueza em cada estalagem do caminho.”

Parte II, capítulo 10

Na ópera, a fantasia já dispensa até que o outro saiba que ela existe.

“Rapta-me, leva-me, fujaamos! Para ti, para ti!, todos os meus ardores e todos os meus sonhos!”

Parte II, capítulo 15

O amante ideal das cartas é feito do que Emma leu e desejou.

Nas cartas que continua a escrever a Léon, o destinatário já é outro: “via outro homem, um fantasma construído das suas mais ardentes recordações, das suas mais belas leituras, dos seus mais fortes desejos”

Parte III, capítulo 6

DINHEIRO E RIQUEZA

O dinheiro entra no romance antes de **Emma Bovary**. No capítulo 2 da Parte I, a fortuna anunciada de Héloïse, a primeira mulher de **Charles Bovary**, se revela mentira quando o tabelião que a guardava foge com o dinheiro do escritório e a casa de Dieppe aparece hipotecada até os alicerces. No capítulo 8, o baile de **La Vaubyessard** mostra a Emma a riqueza como espetáculo: o champanhe gelado, as romãs que ela nunca tinha visto e os abacaxis que nunca tinha provado.

Na Parte II aparece o homem que vai decidir o enredo. **Lheureux** visita Emma no capítulo 5 com a caixa de fazendas, não insiste na venda e semeia o crédito. No capítulo 12 chega a fatura de duzentos e setenta francos pelos presentes que ela dá a **Rodolphe Boulanger**, e no capítulo 14 Charles assina um título pelos objetos da fuga que não houve e, ao tomar mil francos emprestados, outro que leva a dívida a mil duzentos e cinquenta francos.

Na Parte III a dívida toma conta do livro. No capítulo 2, em pleno luto pelo pai de Charles, Lheureux sugere a procuração; no 4, Emma compra cortinas a crédito; no 5, assina quatro letras de mil francos, e Lheureux lhe traz mil e oitocentos francos em vez de dois mil, porque o banqueiro Vinçart ficou com duzentos; no 6, chega a intimação de oito mil francos em vinte e quatro horas, e Lheureux fecha a porta. No capítulo 7 o oficial de diligências faz o inventário da casa, e Emma bate em vão à porta de Léon, do tabelião **Guillaumin** e de Binet; no 8, Rodolphe recusa os três mil francos, e ela come o arsênico. No capítulo 11, Charles vende a prata e os móveis, **Berthe Bovary** acaba numa fábrica de fiação e **Homais** recebe a Legião de Honra.

Lheureux nunca discute moral, e é ele, não um marido traído nem um padre, quem leva Emma à morte. A exaltação e a dívida crescem juntas: o crédito que compra os cenários do amor é o mesmo que a mata, e o pedido de dinheiro a Rodolphe é a prova que o amor romântico não aguenta. O desfecho distribui o dinheiro com ironia: a filha da mulher que gastou em luxo vai ganhar a vida numa fiação, e o homem que nunca arriscou nada é condecorado.

O crédito de Lheureux começa como gentileza.

“- Uma miséria - respondeu -, uma miséria, mas não há pressa, quando desejar, não somos judeus!”

Parte II, capítulo 5

A procuração entra no livro como um conselho.

Lheureux planta a procuração entre uma gentileza e outra: “com uma procuração, seria simples, e então poderíamos fazer uns negocinhos”

Parte III, capítulo 2

O inventário expõe a vida de Emma como um corpo aberto.

“e a sua vida, até aos recantos mais íntimos, foi, como um cadáver a que se faz a autópsia, exposta de par em par aos olhares daqueles três homens.”

Parte III, capítulo 7

O narrador diz o que o pedido de dinheiro faz ao amor.

“porque um pedido pecuniário é a mais fria e devastadora de todas as tempestades que podem desabar sobre o amor.”

Parte III, capítulo 8

A última conta é paga pela filha.

“Essa tia é pobre e manda a pequena trabalhar numa fábrica de fiação para ganhar a vida.”

Parte III, capítulo 11

CASAMENTO

O romance abre com casamentos arranjados por outros. No capítulo 1 da Parte I, a mãe de **Charles Bovary** escolhe para ele a viúva Dubuc, mais velha e com renda; no capítulo 2 essa mulher o faz jurar sobre o livro de orações que não voltará ao Bertaux, e morre depois que a fortuna se revela falsa. No capítulo 3 o noivado com **Emma Bovary** se combina entre Charles e o pai Rouault, pelo sinal do postigo, e Emma, que queria casar à meia-noite com tochas, não é entendida. O capítulo 4 é a festa camponesa, e na manhã seguinte é Charles quem parece a virgem da véspera.

Em Tostes, no capítulo 5, o buquê da noiva morta ainda está no quarto, e Emma se pergunta o que seria feito do seu se ela morresse; a felicidade que o casamento devia trazer não vem, e ela conclui que se enganou ao julgar-se apaixonada. No capítulo 7 a conversa de Charles é banal como uma calçada, e ela se pergunta por que se casou; no capítulo 9 o próprio buquê de noiva vai para o fogo. Na Parte II, no capítulo 5, Emma se faz esposa exemplar enquanto a ternura do marido a empurra para o adultério; no 11, depois da operação desastrada de **Hippolyte**, ela despreza Charles; no 15, diante de Lucie de Lammermoor, lamenta não ter entregado a vida a um coração grande antes do casamento.

Na Parte III o casamento vira cobertura. Emma inventa as aulas de piano no capítulo 4, sustenta-as com um recibo falso no capítulo 5 e faz Charles refazer a procuração que a sogra queimou. No capítulo 6 encontra no adultério a insipidez do casamento. Morta, Charles a manda enterrar, no capítulo 9, de vestido de noiva; no capítulo 11, ainda sem saber de nada, manda felicitações pelo casamento de **Léon**, depois acha as cartas e o retrato, e morre segurando uma mecha do cabelo dela.

Ninguém no livro se casa por escolha clara: Charles casa duas vezes conduzido, primeiro pela mãe e depois por um desejo que não nomeia, e Emma casa com um vocabulário. Dois buquês e um vestido dão o desenho do tema, o buquê da morta achado no quarto, o de Emma queimado na mudança e o vestido de noiva no caixão: o casamento em que Charles acreditou até o fim existiu só para ele. E o adultério, que devia ser a saída, termina como cópia do que ela fugia.

Antes do casamento, Emma já quer outro casamento.

O noivado se arranja entre os dois homens, e o desejo de Emma já aparece fora da medida do mundo dela. “Emma eût, au contraire, désiré se marier à minuit, aux flambeaux; mais le père Rouault ne comprit rien à cette idée”, Emma teria preferido, ao contrário, casar-se à meia-noite, à luz de tochas; mas o pai Rouault não entendeu nada dessa ideia.

Parte I, capítulo 3

O casamento é medido contra as palavras dos livros, e perde.

O casamento não entrega o que o amor prometia, e Emma conclui que errou ao julgar-se apaixonada. *“Avant qu'elle se mariât, elle avait cru avoir de l'amour; mais le bonheur qui aurait dû résulter de cet amour n'étant pas venu, il fallait qu'elle se fût trompée, songeait-elle. Et Emma cherchait à savoir ce que l'on entendait au juste dans la vie par les mots de félicité, de passion et d'ivresse, qui lui avaient paru si beaux dans les livres”,* antes de casar-se, ela acreditara ter amor; mas, como a felicidade que deveria resultar desse amor não veio, era preciso que se tivesse enganado, pensava. E Emma procurava saber o que se entendia ao certo, na vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que lhe haviam parecido tão belas nos livros.

Parte I, capítulo 5

O buquê de noiva queima sem comentário de Emma.

“The little pasteboard berries burst, the wire twisted, the gold lace melted; and the shriveled paper corollas, fluttering like black butterflies at the back of the stove, at last flew up the chimney”, as pequenas bagas de papelão estouraram, o arame torceu, a renda dourada derreteu; e as corolas de papel ressecadas, esvoaçando como borboletas negras no fundo do fogão, por fim voaram pela chaminé.

Parte I, capítulo 9

O desprezo pelo marido se volta contra a própria esperança dela.

“Emma, na frente dele, fitava-o, não participava da sua humilhação, mas sentia outra: a de ter imaginado que semelhante homem pudesse ter algum valor, como se não tivesse já verificado dezenas de vezes a sua mediocridade.”

Parte II, capítulo 11

O adultério repete o que devia substituir.

“Conhecia-se já demasiado para ter aquelas surpresas da posse que lhe centuplicam o gozo. Emma estava tão enfasiada de Léon como este cansado dela. Emma encontrava agora no adultério toda a insipidez do casamento”

Parte III, capítulo 6

LINGUAGEM E NARRAÇÃO

O romance começa com um "nós", o de um colega de classe que vê **Charles Bovary** entrar como aluno novo, e com um boné descrito peça por peça; quando o menino grita o próprio nome, a turma ouve "Charbovari" (capítulo 1 da Parte I). No capítulo 5, **Emma Bovary** procura saber o que se entendia, na vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que lhe tinham parecido tão belas nos livros. No capítulo 7, a conversa de Charles é banal como uma calçada, por onde as ideias de todo mundo desfilam com roupa de todo dia.

Na Parte II, **Yonville** é apresentada no capítulo 1 como terra cuja língua não tem sotaque, e o nome de **Homais** se repete em letras douradas no letreiro da farmácia. No capítulo 2, Emma e **Léon** trocam um repertório de pores do sol, lagos suíços e leituras ao pé do fogo. O capítulo 8 monta o comício em três vozes intercaladas, o discurso do conselheiro Lieuvain, os prêmios de gado e adubo e a corte de **Rodolphe Boulanger**, que fala das duas morais. No capítulo 11, Homais publica no Fanal de Rouen o artigo sobre a operação de **Hippolyte**, e o narrador compara Charles a Ambroise Paré e a Dupuytren. No capítulo 12 Rodolphe já não distingue as frases de Emma das que ouviu de outras mulheres, e no 13 escreve a carta de ruptura testando expressões, até chegar a "A culpa é da fatalidade!", que julga de efeito garantido.

Na Parte III, o fiacre (ver **O fiacre**) do capítulo 1 é narrado só de fora, pelo que veem os passantes de Rouen. No capítulo 11, diante de Rodolphe, Charles diz a única grande frase que o narrador lhe atribui na vida inteira, e é a mesma fatalidade da carta.

A linguagem no livro é sempre de segunda mão: os romances emprestam palavras a Emma, o discurso oficial ao conselheiro, o jornal a Homais, e Rodolphe escolhe as que produzem efeito. O caldeirão rachado do capítulo 12 da Parte II é o momento em que o narrador sai da ironia para dizer o preço disso, porque quem sente de verdade também só dispõe das frases gastas. A fatalidade que passa da carta de Rodolphe para a boca de Charles mostra que o lugar-comum sobrevive às pessoas que o usam.

A conversa de Charles dá a medida do lugar-comum.

"Charles's conversation was commonplace as a street pavement, and everyone's ideas trooped through it in their everyday garb, without exciting emotion, laughter, or thought", a conversa de Charles era banal como uma calçada, e as ideias de todo mundo desfilavam por ela com suas roupas de todo dia, sem despertar emoção, riso ou pensamento.

Parte I, capítulo 7

No comício, Rodolphe seduz com a retórica das duas morais.

"Ah!, mas é que existem duas [...] a mesquinha, a convencional, a dos homens, a que varia constantemente e berra tão alto que se agita no chão, terra a terra [...] Mas a outra, a eterna, essa circunda tudo e está acima de tudo, como a paisagem que nos rodeia e o céu que nos ilumina."

Parte II, capítulo 8

O narrador responde ao cinismo de Rodolphe com a imagem do caldeirão.

Rodolphe não separa a paixão de Emma das frases que ouviu de outras, e o narrador responde ao juízo dele: "a palavra humana é como um caldeirão rachado em que se batem melodias para fazer dançar os ursos, quando o que se pretendia era enternecer as estrelas"

Parte II, capítulo 12

A frase de efeito da carta de ruptura.

"A culpa é da fatalidade!"

A mesma frase volta na boca de Charles.

“Foi culpa da fatalidade!”

RELIGIÃO

A religião de **Emma Bovary** começa no convento, no capítulo 6 da Parte I: ela gosta da igreja pelas flores e do langor místico dos perfumes do altar, inventa pecados para ficar mais tempo no confessionário e acaba se revoltando contra os mistérios da fé. Na Parte II, **Yonville** tem dois portavozes do assunto. No capítulo 1, **Homais** discute religião com a estalajadeira e acusa de hipocrisia o **Abade Bournisien** assim que ele sai; no capítulo 3, no batizado de Berthe, o avô Bovary derrama champanhe na cabeça da criança, e o padre se indigna com a zombaria do sacramento.

No capítulo 6 da Parte II, ao ouvir as ave-marias, Emma vai à igreja disposta a qualquer devoção e encontra Bournisien ocupado com os meninos do catecismo; quando ela tenta dizer o que sente, ele pergunta se não é da digestão e receita chá. No capítulo 14, depois do abandono de **Rodolphe Boulanger**, ela pede a comunhão julgando-se à morte, quer tornar-se santa, compra rosários e dirige a Deus as palavras que murmurava ao amante, enquanto o padre encomenda ao livreiro do bispo livros piedosos que ela lê sem proveito. No capítulo 1 da Parte III, no encontro marcado com **Léon** na catedral de Rouen, ela reza na capela da Virgem pedindo socorro, e o guia da igreja os arrasta por túmulos até Léon fugir com ela para o fiacre.

O fim do livro passa pelos ritos. No capítulo 8, Emma beija o crucifixo com o maior beijo de amor que jamais dera e recebe a extrema-unção; no 9, Homais e Bournisien velam o corpo discutindo religião, celibato e confissão, cada um com a sua estante, até adormecerem um diante do outro; no 10, o cortejo sai ao som do *De profundis*, e o som das pedras no caixão parece o retumbar da eternidade.

Emma pede à religião o que pede aos romances, sensação, e a religião de Yonville não tem com que responder: o padre trata a alma como estômago, e o farmacêutico só quer vencer a discussão. As duas cenas de devoção sincera, a do capítulo 6 e a do capítulo 14 da Parte II, terminam iguais, sem resposta. O beijo no crucifixo usa o vocabulário do amor até o último gesto, e o livro não diz se alguém o recebeu.

No convento, Emma ama a igreja pelo que ela dá aos sentidos.

A fé do convento cai pelo mesmo critério. “This nature, positive in the midst of its enthusiasms, that had loved the church for the sake of the flowers, and music for the words of the songs, and literature for its passionnal stimulus, rebelled against the mysteries of faith”, esta natureza, positiva no meio dos seus entusiasmos, que amara a igreja pelas flores, a música pelas letras das canções e a literatura pelo estímulo passionnal, revoltou-se contra os mistérios da fé.

Emma pede socorro a Bournisien, e a resposta dele é de ofício.

“– Sim..., o senhor alivia todas as misérias.”

Parte II, capítulo 6

A devoção repete a língua do adultério.

“Quando se punha de joelhos sobre o genuflexório gótico, dirigia ao Senhor as mesmas palavras de suavidade que antes murmurara ao seu amante, durante as efusões do adultério.”

Parte II, capítulo 14

A extrema-unção nomeia os pecados pelos órgãos.

“primeiro nos olhos, que tanto haviam cobiçado todas as sumptuosidades terrestres, depois nas narinas, ávidas de brisas cálidas e perfumes amorosos, depois na boca, que se abria para a mentira, que gera de orgulho e gritara de luxúria, depois nas mãos, que se deleitavam com suaves contactos, e, finalmente, nas plantas dos pés, tão rápidos outrora quando corria a saciar os seus desejos e que não voltariam a caminhar.”

Parte III, capítulo 8

Diante do corpo, farmacêutico e padre recomendam um ao outro a própria estante.

“Leia Voltaire! [...] Leia Holbach, leia a Enciclopédia!”

Parte III, capítulo 9

AMOR

Emma Bovary conhece o amor pelos livros antes de conhecê-lo pela vida. No capítulo 6 da Parte I, a perturbação da novidade, quando Charles Bovary aparece no Bertaux, basta para convencê-la de que sente a paixão que vira nos romances; no capítulo 5, a felicidade que esse amor devia trazer não vem, e ela conclui que se enganou; no capítulo 7, tenta amar o marido recitando versos ao luar e não sente nada.

Na Parte II o amor tem dois rostos. Com Léon, ele nasce de gostos trocados no jantar do capítulo 2, é definido no capítulo 4 como tempestade que deve cair dos céus, é reconhecido por Emma no capítulo 5 e reprimido na virtude, e termina no capítulo 6 num aperto de mão à inglesa. Com Rodolphe Boulanger, é uma corte de comício no capítulo 8, uma rendição na floresta no capítulo 9, um rio que baixa até mostrar o lodo no capítulo 10, um plano de fuga no capítulo 12 e uma carta de ruptura no 13. No capítulo 14 Emma dirige a Deus as palavras do amante, e no 15, na ópera, reencontra Léon.

Na Parte III, Léon a leva da catedral ao fiacre no capítulo 1, e os três dias do capítulo 3 são uma lua de mel. No capítulo 5 os papéis se invertem, e é Léon quem se porta como amante dela; no 6, os dois estão cansados um do outro, e Emma encontra no adultério a insipidez do casamento. No capítulo 8, Rodolphe recusa o dinheiro que salvaria Emma, e ela, já agonizante, dá ao crucifixo o maior beijo de amor da vida. Restam os que a amaram sem que ela visse: no capítulo 10, Charles tenta se atirar na cova e Justin chora de noite sobre o túmulo; no 11, Charles escreve, nas felicitações pelo casamento de Léon, que a pobre mulher teria ficado feliz, e morre segurando uma mecha do cabelo dela.

O livro tem dois amores que não se encontram. O de Emma é uma forma à procura de conteúdo: muda de homem e conserva o vocabulário, e por isso nenhum dos três a satisfaz. O de Charles não tem vocabulário nenhum e não muda de objeto, nem depois que ele descobre as cartas. Flaubert dá o amor mais constante ao homem menos capaz de dizê-lo, e é justamente esse que Emma nunca vê.

O amor que Emma espera vem dos livros, e tem forma de tempestade.

“o amor, segundo acreditava, devia surgir de repente, com grande tumulto e fulgurações [...] tempestade dos céus que cai sobre a vida e a revolve, arranca as vontades como folhas e arrebatava para o abismo o coração inteiro.”

Parte II, capítulo 4

Com Rodolphe, o amor baixa até mostrar o fundo.

“o grande amor existente entre ambos, e em que ela vivia mergulhada, lhe pareceu diminuir aos seus pés, como a água de um rio absorvida pelo seu próprio leito descobrindo o lodo.”

Parte II, capítulo 10

Com Léon, os papéis se invertem.

“era ele quem realmente se comportava como se fosse uma amante”

Parte III, capítulo 5

O pedido de dinheiro é a prova que o amor de Rodolphe não aguenta.

“porque um pedido pecuniário é a mais fria e devastadora de todas as tempestades que podem desabar sobre o amor.”

Parte III, capítulo 8

O amor de Charles fala sem saber o que diz.

“Como a minha pobre mulher se teria sentido feliz!”

Parte III, capítulo 11

PERSONAGENS

EMMA BOVARY

QUEM É

Filha de Rouault, de cuja fazenda **Charles Bovary** a tira para casar depois de enviuvar, e mãe de **Berthe Bovary**. O guia da obra a resume como uma mulher educada por romances que espera da vida o que só existe em romance. O **capítulo 6 da Parte I** volta ao convento para mostrar de onde vem esse vocabulário: a devoção consumida pelas flores, pelas letras das canções e pelo langor místico, e os romances baratos contrabandeados por uma costureira, lidos sem distinguir um registro do outro.

“She wanted to get some personal profit out of things, and she rejected as useless all that did not contribute to the immediate desires of her heart, being of a temperament more sentimental than artistic, looking for emotions, not landscapes”, ela queria tirar das coisas algum proveito pessoal, e rejeitava como inútil tudo que não contribuísse para os desejos imediatos do coração, sendo de temperamento mais sentimental que artístico, em busca de emoções, não de paisagens.

Parte I, capítulo 6

TRAJETÓRIA

No **capítulo 4 da Parte I** casa com Charles; no **capítulo 5 da Parte I**, no quarto do casal, vê o buquê de flores de laranjeira da noiva morta e imagina o que seria feito do seu se ela morresse. No **capítulo 7 da Parte I** tenta amar o marido por teoria, recitando versos ao luar. No **capítulo 8 da Parte I**, o baile em **La Vaubyessard** lhe mostra por uma noite o que falta, e ela guarda **A cigarreira verde** que Charles acha na estrada de volta.

*“Her journey to Vaubyessard had made a hole in her life, like one of those great crevices that a storm will sometimes make in one night in mountains”, sua viagem a Vaubyessard (ver **La Vaubyessard**) tinha aberto um buraco em sua vida, como uma daquelas grandes fendas que uma tempestade às vezes abre numa única noite nas montanhas.*

Parte I, capítulo 8

No **capítulo 9 da Parte I**, em Tostes, abandona o desenho, o bordado e o piano, espera alguma coisa que mude o rumo dos dias e joga no fogo o próprio buquê de noiva, achado numa gaveta durante os preparativos da mudança. Parte grávida para **Yonville**.

“What was the good of playing? Who would hear her?”, de que adiantava tocar? Quem a ouviria?

Parte I, capítulo 9

“Like shipwrecked sailors, she turned despairing eyes upon the solitude of her life, seeking afar off some white sail in the mists of the horizon”, como naufragos, ela lançava olhos desesperados sobre a solidão de sua vida, buscando ao longe alguma vela branca nas brumas do horizonte.

Parte I, capítulo 9

No **capítulo 2 da Parte II** constrói com **Léon**, no jantar de chegada, um repertório comum de pores do sol, lagos da Suíça e livros lidos junto à lareira. No **capítulo 3 da Parte II** desmaia quando sabe que teve uma menina, porque queria um filho homem.

“Ela desejava um rapaz, seria forte e moreno, chamar-se-ia Georges, e esta ideia de ter um filho varão era uma espécie de desejo de desforra de todas as suas frustrações passadas. Um homem, pelo menos, é livre, pode explorar todas as paixões e todas as terras, atravessar os obstáculos, tomar o gosto das venturas mais distantes. Mas uma mulher é continuamente impedida de tudo.”

Parte II, capítulo 3

No **capítulo 4 da Parte II**, nos serões em casa de **Homais**, forma com Léon uma cumplicidade em que nada acontece, e é nesse ambiente que o texto registra a ideia de amor que ela traz.

“o amor, segundo acreditava, devia surgir de repente, com grande tumulto e fulgurações [...] tempestade dos céus que cai sobre a vida e a revolve, arranca as vontades como folhas e arrebatava para o abismo o coração inteiro.”

Parte II, capítulo 4

No **capítulo 6 da Parte II** vai à igreja procurar o **Abade Bournisien**, que trata a angústia dela como fome ou frio. Léon parte para Paris sem se declarar; no **capítulo 7 da Parte II**, na ausência dele, ela se amaldiçoa por não o ter amado; apagada a saudade, consola-se comprando um genuflexório gótico, um vestido de caxemira azul e a mais bonita das estolas de Lheureux. No comício do **capítulo 8 da Parte II**, **Rodolphe Boulanger** lhe segura a mão enquanto o presidente anuncia os prêmios de gado.

“Rodolphe apertava-Lhe a mão e sentia-a muito quente e trémula, como uma rola cativa que quer retomar novamente o voo”.

Parte II, capítulo 8

No **capítulo 9 da Parte II** cede a Rodolphe na cavalgada no bosque e, sozinha diante do espelho, repete a frase que a põe dentro do tipo de mulher apaixonada que invejava nos romances.

“Tenho um amante! Um amante!”

Parte II, capítulo 9

No **capítulo 11 da Parte II**, depois da operação de **Hippolyte**, olha o marido em pânico, e o texto nomeia o que ela pensa dele.

“Emma, na frente dele, fitava-o, não participava da sua humilhação, mas sentia outra: a de ter imaginado que semelhante homem pudesse ter algum valor, como se não tivesse já verificado dezenas de vezes a sua mediocridade.”

Parte II, capítulo 11

No **capítulo 12 da Parte II** passa a comprar a crédito de **Lheureux** e combina com Rodolphe uma fuga para 4 de setembro. No **capítulo 13 da Parte II**, a carta de ruptura a leva ao sótão, à beira da água-furtada, e só a voz de Charles chamando por ela a detém; seguem uma febre cerebral e quarenta e três

dias com Charles à cabeceira. No **capítulo 14 da Parte II** vêm a devoção da convalescença e, por sugestão de Homais, a ida à ópera; no **capítulo 15 da Parte II**, em Rouen, projeta no tenor Lagardy uma nova fantasia, e Léon reaparece.

“Porque não acabar com tudo? Quem a impediria?”

Parte II, capítulo 13

“Rapta-me, leva-me, fujamos! Para ti, para ti!, todos os meus ardores e todos os meus sonhos!”

Parte II, capítulo 15

No **capítulo 1 da Parte III** reencontra Léon em Rouen e sai com ele da catedral para O fiacre; no **capítulo 2 da Parte III** obtém de Charles a procuração; no **capítulo 3 da Parte III** passa três dias com ele no Hotel de Boulogne; nos capítulos 4 e 5 da Parte III inventa aulas de piano com Mademoiselle Lempereur para ir a Rouen toda quinta-feira, e no **capítulo 5 da Parte III** assina as letras de câmbio de Lheureux.

“a sua vida não foi mais que uma colecção de mentiras, em que envolvia o seu amor como que em véus, para o esconder”

Parte III, capítulo 5

“Conhecia-se já demasiado para ter aquelas surpresas da posse que lhe centuplicam o gozo. Emma estava tão enfasiada de Léon como este cansado dela. Emma encontrava agora no adultério toda a insipidez do casamento”

Parte III, capítulo 6

No **capítulo 6 da Parte III** chega a intimação de oito mil francos em vinte e quatro horas, e Lheureux lhe fecha a porta.

No **capítulo 7 da Parte III** a casa é penhorada, e ela pede dinheiro a Léon e depois ao tabelião Guillaumin, e recusa o assédio dele. No **capítulo 8 da Parte III**, pede-o por fim a Rodolphe, ouve a recusa dele, entra no laboratório de Homais e come o arsênico do frasco azul.

“O senhor aproveita-se impunemente da minha aflição! Eu sou para lastimar, mas não para vender!”

Parte III, capítulo 7

“retirando-a cheia de um pó branco, pôs-se a comê-lo directamente”

Parte III, capítulo 8

“Não acusem ninguém...”

Parte III, capítulo 8

Bournisien a unge na extrema-unção, órgão por órgão, e o **capítulo 8 da Parte III** fecha com uma frase de três palavras.

“Deixara de existir.”

Parte III, capítulo 8

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ela são Desejo, Sonho e fantasia, Casamento, Amor, Religião e Dinheiro e riqueza. A leitura do **capítulo 6 da Parte I** sobre o que a formação do convento lhe deu:

O efeito é uma sensibilidade treinada para reconhecer apenas emoções em forma de clichê, e é a chave de leitura do capítulo e do livro inteiro: Emma não é sensível ao mundo, é sensível ao que o mundo pode lhe dar de sensação.

Parte I, capítulo 6

E as duas leituras do índice da obra que a põem dos dois lados da distinção entre vício e incontinência:

No adultério, Emma está do lado do vício: o mal não se mostra a ela como mal, porque o vocabulário dos romances o vestiu de virtude, e diante do espelho ela o celebra.

Madame Bovary

*Na devoção depois de Rodolphe, no **capítulo 14 da Parte II**, e nos momentos em que reconhece a filha, ela se arrepende e tenta voltar, que é o sinal do incontinente pelo critério de Tomás. As duas fases convivem, e nenhuma explica a outra.*

Madame Bovary

Duas vezes o romance põe na cabeça de Emma uma pergunta do mesmo feitio: "Quem a ouviria?", quando ela abandona a música em Tostes, e "Quem a impediria?", no sótão, depois da carta de Rodolphe. Na primeira não há resposta; na segunda a resposta vem de fora, pela voz de Charles chamando por ela.

RELAÇÕES

- **Charles Bovary**: o marido, que só descobre os amantes depois da morte dela.
- **Léon**: a cumplicidade sem declaração da Parte II e o amante de Rouen da Parte III.
- **Rodolphe Boulanger**: o amante da Parte II, autor da carta de ruptura e da última recusa.
- **Lheureux**: o credor que financia os dois adultérios e cobra a dívida.
- **Homais**: o vizinho farmacêutico, que sugere a ópera e de cujo laboratório sai o arsênico.
- **Abade Bournisien**: o padre que não ouve a pergunta dela e lhe dá a extrema-unção.
- **Guillaumin**: o tabelião cujo assédio ela recusa.
- **Berthe Bovary**: a filha.
- **Hippolyte**: o operado de Charles, a quem ela oferece a perna de pau que Charles paga.
- Símbolos ligados a ela: **La Vaubyessard**, **A cigarreira verde**, **Yonville** e **O fiacre**.

CHARLES BOVARY

QUEM É

Médico de província, marido de **Emma Bovary** e pai de **Berthe Bovary**. Entra no romance como "novo aluno", ridicularizado por um boné que o narrador descreve com a mesma atenção que depois dedica a Emma.

"one of those poor things, in fine, whose dumb ugliness has depths of expression, like an imbecile's face", uma daquelas pobres criaturas, enfim, cuja feiura muda tem profundezas de expressão, como o rosto de um imbecil.

Parte I, capítulo 1

O ponto central dos três primeiros capítulos: Charles nunca decide nada por vontade própria. Ele obedece à mãe, depois à primeira esposa, depois, no capítulo seguinte, ao próprio desejo pela primeira vez na vida, sem perceber a diferença.

Parte I, capítulo 1

TRAJETÓRIA

No **capítulo 1 da Parte I** cresce entre um pai que quer um filho espartano e uma mãe que sonha um filho ilustre, e o pai, por indiferença, vence até os doze anos do menino, quando a mãe impõe os estudos.

"with cheek a man always gets on in the world", com descaramento um homem sempre se dá bem no mundo.

Parte I, capítulo 1

No **capítulo 1 da Parte I** reprova o primeiro exame de medicina, passa no segundo por repetição e casa com a viúva mais velha e rica que a mãe escolhe; quando ela morre, no **capítulo 2 da Parte I**, volta à fazenda dos Rouault e casa com Emma, no **capítulo 4 da Parte I**. Vê no quarto, no **capítulo 5 da Parte I**, o buquê da noiva morta e o leva ao sótão. Em Tostes, no **capítulo 7 da Parte I**, o narrador mede a distância entre ele e a mulher pela conversa.

"Charles's conversation was commonplace as a street pavement, and everyone's ideas trooped through it in their everyday garb, without exciting emotion, laughter, or thought", a conversa de Charles era banal como uma calçada, e as ideias de todo mundo desfilavam por ela com suas roupas de todo dia, sem despertar emoção, riso ou pensamento.

Parte I, capítulo 7

No **capítulo 8 da Parte I**, na volta do baile em **La Vaubyessard**, acha na estrada **A cigarreira verde**. No fim do **capítulo 9 da Parte I** decide a mudança para **Yonville** como remédio contra um mal que não entende.

No **capítulo 2 da Parte II** só oferece frases práticas no jantar em que Emma e **Léon** constroem o seu repertório; no **capítulo 3 da Parte II**, **Homais**, que já fora chamado à presença do procurador régio por exercício ilegal da medicina, o cultiva como aliado para garantir o silêncio dele. No **capítulo 7 da Parte II** a mãe de Charles chega, diagnostica na nora falta de trabalho manual e corta a assinatura da biblioteca de Rouen.

No **capítulo 11 da Parte II** Homais o convence a operar o pé torto de **Hippolyte**, e o narrador eleva a incisão a uma escala de cirurgias históricas.

“Nem Ambroise Paré, aplicando pela primeira vez desde Celso, após quinze séculos de intervalo, a laqueação imediata de uma artéria, nem Dupuytren, quando estava para abrir um abcesso através de uma espessa camada de encéfalo, nem Gensoul, quando fez a primeira ablação do maxilar superior, sentiram provavelmente palpitar tanto o coração”

Parte II, capítulo 11

Cinco dias depois começa a crise, a perna gangrena e Canivet amputa. Charles pede um beijo a Emma, ela explode, e o barômetro cai da parede. No **capítulo 13 da Parte II**, quando ela acorda perguntando pela carta de Rodolphe, ele só ouve delírio. Na ópera em Rouen, no **capítulo 15 da Parte II**, encontra Léon e insiste para que a mulher fique mais um dia.

No **capítulo 2 da Parte III** o pai dele morre, e Charles, incapaz de lidar com papelada, cede quando Emma, aconselhada por **Lheureux**, lhe traz o modelo de uma procuração geral para ela gerir e administrar os interesses do casal. No **capítulo 5 da Parte III**, quando a mãe descobre a procuração e a queima, ele toma pela primeira vez o partido da esposa contra a mãe e assina uma segunda procuração.

No **capítulo 9 da Parte III** cai num luto sem forma; no **capítulo 11 da Parte III** afunda nas dívidas que Emma deixou e responde com felicitações à participação do casamento de **Léon**.

“Como a minha pobre mulher se teria sentido feliz!”

Parte III, capítulo 11

Charles ainda não sabe que Léon foi amante de Emma quando escreve isto na carta de felicitação ao casamento dele.

Parte III, capítulo 11

Depois acha no sótão a carta de ruptura de **Rodolphe Boulanger**, que lê como prova de um amor platônico; só mais tarde, na escrivania de Emma, encontra as cartas de Léon e o retrato de Rodolphe.

“Coragem, Emma! Tenha coragem! Não quero fazer a infelicidade da sua existência”

Parte III, capítulo 11

Encontra Rodolphe por acaso e não o acusa.

“Foi culpa da fatalidade!”

Parte III, capítulo 11

No dia seguinte morre sozinho no jardim, segurando uma mecha do cabelo de Emma, e a filha o encontra.

“E, acreditando que ele estivesse a brincar, empurrou-o levemente. Caiu no chão. Estava morto.”

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Casamento, Lealdade e traição, Honra e reputação e Perda e luto. A leitura da nota dos capítulos 7 a 11 da Parte III que o põe no polo oposto ao do cálculo:

O eixo não é vício contra virtude. É cálculo contra compromisso. *Rodolphe Boulanger* e *Léon* calculam e recusam; *Charles Bovary*, medíocre mas fiel, não calcula e é destruído por isso.

Parte III, caps. 7-11 - O Triunfo de Homais

A frase com que Charles absolve Rodolphe no último encontro, "Foi culpa da fatalidade!", é quase a mesma que Rodolphe escreve, no capítulo 13 da Parte II, na própria carta de ruptura: "A culpa é da fatalidade!". A palavra que serviu a Rodolphe para se absolver diante de Emma volta pela boca do marido, que só conheceu a carta.

RELAÇÕES

- **Emma Bovary**: a mulher, cujos amantes ele só descobre depois da morte dela, pelas cartas.
- **Homais**: o vizinho que o cultiva como aliado e o leva à operação.
- **Hippolyte**: o paciente da operação que vira vexame público.
- **Rodolphe Boulanger**: o autor da carta que ele acha e o homem que ele absolve.
- **Léon**: o rapaz que ele reencontra na ópera e a quem felicita pelo casamento.
- **Lheureux**: o credor cuja procuração ele aceita sem entender, e cujo cálculo o arruína depois da morte de Emma.
- **Berthe Bovary**: a filha, que o encontra morto.
- Símbolos ligados a ele: **A cigarreira verde**, que ele acha, e **Yonville**, para onde ele decide mudar.

RODOLPHE BOULANGER

QUEM É

O primeiro amante de **Emma Bovary**, a quem ela visita de madrugada em La Huchette. Entra em cena trazendo a Charles um camponês que quer ser sangrado porque "sentia formigueiros pelo corpo todo", e no caminho de volta decide a sedução antes de trocar uma frase a sós com ela.

"Há-de ser minha!"

Parte II, capítulo 7

TRAJETÓRIA

No capítulo 8 da Parte II faz a corte a Emma durante o comício agrícola, entre o discurso do conselheiro Lieuvain e o anúncio dos prêmios, e dispensa **Lheureux**, que tenta entrar na conversa.

"Ah!, mas é que existem duas [...] a mesquinha, a convencional, a dos homens, a que varia constantemente e berra tão alto que se agita no chão, terra a terra [...] Mas a outra, a eterna, essa circunda tudo e está acima de tudo, como a paisagem que nos rodeia e o céu que nos ilumina."

Parte II, capítulo 8

“Rodolphe apertava-Lhe a mão e sentia-a muito quente e trémula, como uma rola cativa que quer retomar novamente o voo”.

Parte II, capítulo 8

No capítulo 9 da Parte II fica seis semanas sem voltar, esperando que a ausência trabalhe a seu favor.

“Ora, se ela me amou desde o primeiro dia, pela impaciência de me voltar a ver, deve amar-me ainda mais. Portanto, continuemos!”

Parte II, capítulo 9

Na visita em que volta, ainda em casa dela, diz a frase depois da qual o texto registra que era a primeira vez que Emma ouvia alguém dizer-lhe estas coisas; a rendição vem depois, na cavalgada no bosque.

“Somos sempre arrastados pelo que é belo, encantador, adorável!”

Parte II, capítulo 9

No capítulo 12 da Parte II, com o tempo, deixa de distinguir Emma das outras mulheres que teve. Adia a fuga combinada semana a semana até ela ficar marcada para 4 de setembro, e decide sozinho não ir. No capítulo 13 da Parte II escreve a carta de ruptura testando frases pelo efeito e pinga água sobre a tinta para simular uma lágrima.

“A culpa é da fatalidade!”

Parte II, capítulo 13

Depois da carta, Emma desmaia ao ver o tálburi azul dele passando na praça.

No capítulo 8 da Parte III Emma vai a La Huchette disposta a pedir a ele o que recusou a Guillaumin. Ele a recebe com afeto encenado e recusa com calma, e o narrador comenta o pedido.

“Não os tenho, minha querida senhora.”

Parte III, capítulo 8

“porque um pedido pecuniário é a mais fria e devastadora de todas as tempestades que podem desabar sobre o amor.”

Parte III, capítulo 8

No capítulo 11 da Parte III, depois da morte de Emma, Charles acha a carta de ruptura caída no chão do sótão e, tempos depois, encontra Rodolphe por acaso e o absolve.

“Foi culpa da fatalidade!”

Parte III, capítulo 11

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Desejo, Linguagem e narração, Verdade e mentira e Lealdade e traição. o guia da obra registra que o vocabulário romântico de **Léon** reaparece quase idêntico na boca dele, e a nota do **capítulo 7 da Parte III** lê a recusa dele como espelho invertido da recusa de Emma a Guillaumin:

A frase de recusa a Guillaumin é o espelho exato do que Rodolphe dirá poucas páginas depois, mas ao contrário: ela recusa vender o corpo, ele recusará emprestar o dinheiro.

Parte III, capítulo 7

A carta de ruptura é lida duas vezes no romance, por duas pessoas: Emma a recebe e sobe ao sótão, à beira da água-furtada; Charles a acha depois da morte dela e a lê como prova de um amor platônico. O mesmo texto, escrito testando frases pelo efeito, produz nos dois leitores efeitos opostos.

RELAÇÕES

- **Emma Bovary**: a amante da Parte II, a quem recusa o dinheiro no **capítulo 8 da Parte III**.
- **Léon**: o outro amante, que usa o mesmo vocabulário.
- **Charles Bovary**: o marido, que lê a carta dele e o absolve.
- **Lheureux**: dispensado por ele no comício; fornece o pingalim que Emma lhe dá.
- **Guillaumin**: o tabelião do **capítulo 7 da Parte III**; a recusa de Emma a ele é lida como espelho invertido da recusa de Rodolphe.

LÉON

QUEM É

Escrevente em **Yonville** quando **Emma Bovary** chega, depois estudante em Paris, e o amante dela em Rouen na Parte III. O sobrenome é Dupuis, e em Yonville é escriturário do tabelião **Guillaumin**. o guia da obra o liga a **Rodolphe Boulanger** pelo vocabulário: o que Léon diz com sinceridade reaparece quase idêntico na boca do outro.

TRAJETÓRIA

No **capítulo 2 da Parte II** constrói com Emma, no jantar de chegada, um repertório comum: o mar, cuja contemplação, diz ela, "nos eleva a alma e comunica ideias de infinito", os lagos e cascatas da Suíça de que ele ouviu falar, e os livros em que, diz ele, "o pensamento, enlaçando-se na ficção", se demora nos pormenores. No fim do **capítulo 3 da Parte II**, sozinho no Pasto, no alto da encosta de Argueil, resume o próprio tédio; a frase fecha o parágrafo da nota desse capítulo que trata do nome e do batismo de Berthe.

No fim do capítulo, Léon, sozinho no Pasto, na encosta de Argueil, resume o próprio tédio: "– Que tédio! – dizia ele para consigo. – Que vida aborrecida!"

Parte II, capítulo 3

No **capítulo 4 da Parte II**, nos serões em casa de **Homais**, forma com Emma uma cumplicidade sem acontecimento: as plantas nas janelas, o tapete de presente que o povoado lê como prova de romance. Acha-a "tão virtuosa e inacessível" que abandona toda esperança, hesita, escreve cartas que rasga e

parte para Paris sem se declarar. Na despedida, no **capítulo 6 da Parte II**, pede para beijar **Berthe Bovary**.

“– Então, à inglesa – disse ela, abandonando-lhe a sua e esforçando-se por rir.”

Parte II, capítulo 6

No **capítulo 15 da Parte II** reaparece no intervalo da ópera em Rouen, anunciado por **Charles Bovary**.

“Não a voltara a apertar depois daquela noite de Primavera em que chovia sobre as folhas verdes, quando se tinham despedido, de pé, junto da janela.”

Parte II, capítulo 15

No **capítulo 1 da Parte III** volta de Paris sem a timidez de escriturário e calcula a cena da sedução, depois de seguir de longe o casal até a estalagem na véspera e passar a noite a meditar num plano.

“O aprumo depende do meio onde se está: não se fala na sobreloja como no quarto andar”

Parte III, capítulo 1

Leva à catedral as primeiras flores que compra na vida para uma mulher, mas Emma se refugia numa capela para rezar e um guia incansável insiste em mostrar túmulos e relíquias. Ele foge da igreja com ela, e a fuga termina em **O fiacre**.

“Léon fugia, porque tinha a impressão de que o seu amor [...] se iria agora evaporar”

Parte III, capítulo 1

Passa com ela três dias no Hotel de Boulogne, no **capítulo 3 da Parte III**, e as quintas-feiras em Rouen. Quando Emma lhe pede versos, copia um soneto de um álbum, mais pelo desejo de lhe agradar do que por vaidade, e o **capítulo 5** inverte os papéis.

“era ele quem realmente se comportava como se fosse uma amante”

Parte III, capítulo 5

No **capítulo 6 da Parte III** Homais o arrasta por horas em Rouen enquanto Emma espera, e o tédio chega aos dois.

“Conhecia-se já demasiado para ter aquelas surpresas da posse que lhe centuplicam o gozo. Emma estava tão enfastiada de Léon como este cansado dela. Emma encontrava agora no adultério toda a insipidez do casamento”

Parte III, capítulo 6

No **capítulo 7 da Parte III** Emma lhe pede dinheiro depois da penhora, e ele promete e falha. Depois da morte dela se casa, e, no **capítulo 11 da Parte III**, Charles lhe escreve a felicitação sem saber quem ele foi.

Charles ainda não sabe que Léon foi amante de Emma quando escreve isto na carta de felicitação ao casamento dele.

Parte III, capítulo 11

“Como a minha pobre mulher se teria sentido feliz!”

Parte III, capítulo 11

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Amor, Linguagem e narração, Sonho e fantasia e Casamento. A nota dos capítulos 1 a 6 da Parte III, na seção “Léon, espelho invertido de Emma”, o lê como uma versão mais fraca do mesmo mecanismo dela, ambição sentimental sem coragem para sustentá-la, e registra que ele busca em Emma o vocabulário que a profissão de escriturário nunca lhe deu.

A separação e o reencontro com Emma são registrados pelo mesmo gesto, o aperto de mão: a despedida “à inglesa”, sem beijo, no capítulo 6 da Parte II, e a mão dele, que ela “não voltara a apertar” desde aquela noite junto da janela, no intervalo da ópera do capítulo 15.

RELAÇÕES

- **Emma Bovary**: a cumplicidade sem declaração da Parte II e o adultério da Parte III.
- **Rodolphe Boulanger**: o outro amante, com o mesmo vocabulário.
- **Charles Bovary**: o marido, que o reencontra na ópera e o felicita pelo casamento.
- **Guillaumin**: o patrão em Yonville.
- **Homais**: o anfitrião dos serões de Yonville e quem o arrasta em Rouen.
- **Berthe Bovary**: a criança que ele pede para beijar na despedida.
- Símbolos ligados a ele: **O fiacre** e **Yonville**.

HOMAIS

QUEM É

O farmacêutico de **Yonville**, vizinho dos Bovary, já chamado uma vez à presença do procurador régio, em Rouen, por exercício ilegal da medicina, que escreve artigos para o *Fanal de Rouen*. A farmácia dele, e não a igreja do outro lado da rua, é o que mais atrai a vista na vila, com o nome dele em letras douradas no letreiro e repetido sobre a porta do laboratório.

“E o letreiro, que ocupa toda a largura da loja, diz em letras douradas: Homais, farmacêutico.”

Parte II, capítulo 1

TRAJETÓRIA

No capítulo 1 da Parte II é ele quem primeiro fala de religião, acusando de hipocrisia o **Abade Bournisien** assim que este sai da estalagem. No capítulo 3 da Parte II cultiva **Charles Bovary** como aliado, para garantir silêncio caso volte a ultrapassar os limites da lei; no capítulo 4 da Parte II, recebe nos serões de casa **Emma Bovary** e **Léon** e repete todo dia o mesmo “boa noite a todos”. No início do capítulo 8 da Parte II chama de “fanatismo” o gesto de Catherine Leroux de dar a medalha ao pároco.

No **capítulo 11 da Parte II** convence Charles a operar o pé torto de **Hippolyte** pelo artigo no jornal, e convence o próprio Hippolyte pela vaidade.

“Não és um homem, caramba? Que seria então se tivesses de servir no exército, de combater pela pátria?”

Parte II, capítulo 11

Na noite da operação lê em voz alta o artigo que vai mandar ao jornal.

“Apesar dos preconceitos que cobrem ainda uma parte da face da Europa como uma rede, a luz começa contudo a penetrar nos nossos campos.”

Parte II, capítulo 11

A perna gangrena e é amputada, e a nota dos capítulos 9 a 15 da Parte II registra que ele sai do episódio sem dano. Na convalescença de Emma, no **capítulo 14 da Parte II**, é ele quem sugere a ida ao teatro em Rouen, onde ela reencontra Léon.

No **capítulo 2 da Parte III**, ao dar a notícia da morte do pai de Charles, grita antes sobre arsênico e sobre um livro proibido que Justin escondia. No **capítulo 6 da Parte III** aceita o convite que Léon, por delicadeza, lhe faz em troca dos jantares em casa dele, vai a Rouen e o arrasta por horas enquanto Emma espera.

No **capítulo 8 da Parte III** Emma come o arsênico do frasco azul no laboratório dele. No **capítulo 9 da Parte III**, logo depois da morte dela, volta para casa para escrever cartas e um artigo para o *Fanal*; mais tarde, diante do cadáver, diz não ter medo, porque "fazíamos ponche no anfiteatro das dissecações". No velório discute com Bournisien.

“Leia Voltaire! [...] Leia Holbach, leia a Enciclopédia!”

Parte III, capítulo 9

A cena é o retrato mais econômico do romance sobre o que Homais e Bournisien têm em comum: nenhum dos dois está falando com o outro, os dois estão citando para vencer.

Parte III, capítulo 9

No enterro, no **capítulo 10 da Parte III**, lamenta não ter preparado "algumas palavras". No **capítulo 11 da Parte III** tenta compor o epitáfio a partir de "Sta viator", não completa a frase clássica e fica com "Amabilem conjugem calcas". Faz da cegueira do mendigo campanha pessoal de vingança. A última linha do livro é sobre ele.

“Acaba de receber a Legião de Honra.”

Parte III, capítulo 11

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Ciência e técnica, Honra e reputação, Religião e Ambição. A leitura da nota dos capítulos 7 a 11 da Parte III sobre o que o desfecho diz através dele:

O romance não termina com uma condenação da paixão de Emma. Termina com uma condenação mais ampla e mais fria: a de um mundo em que a mediocridade prudente (Homais) sobrevive e prospera, e o amor, tanto o ilegítimo (Rodolphe, Léon) quanto o legítimo (Charles), é descartado ou destruído, cada um a seu modo.

Parte III, caps. 7-11 - O Triunfo de Homais

O percurso de Homais no romance vai de um texto sobre si a outro: o nome em letras douradas no letreiro da farmácia, quando a família Bovary chega a Yonville, o artigo que ele mesmo escreve e lê em voz alta na noite da operação, e a Legião de Honra registrada na última linha.

RELAÇÕES

- **Charles Bovary**: o médico que ele cultiva como aliado e leva à operação.
- **Emma Bovary**: a vizinha, a quem sugere a ópera e que morre com o arsênico do laboratório dele.
- **Léon**: o frequentador dos serões, a quem arrasta em Rouen.
- **Abade Bournisien**: o adversário de religião, da estalagem ao velório.
- **Hippolyte**: o paciente da operação que ele promove.
- Símbolo ligado a ele: **Yonville**.

HEUREUX

QUEM É

O comerciante de tecidos que vende a crédito a **Emma Bovary** e cobra a dívida que a leva à penhora. no guia da obra o chama de personagem que decide o desfecho e que nunca discute moral. no guia ele é apresentado como prestativo e paciente.

TRAJETÓRIA

No **capítulo 5 da Parte II** aparece pela primeira vez como personagem próprio, não só como companheiro de viagem: entra com a caixa verde, exhibe echarpes e colares e, quando Emma recusa comprar, não insiste.

“- Uma miséria - respondeu -, uma miséria, mas não há pressa, quando desejar, não somos judeus!”

Parte II, capítulo 5

No início do **capítulo 8 da Parte II** acompanha **Rodolphe Boulanger** e Emma no passeio, tenta entrar na conversa e é despachado por Rodolphe.

No **capítulo 12 da Parte II** encarrega-se da encomenda da perna de pau que Emma oferece a **Hippolyte**, paga por Charles, e traz de Rouen o pingalim que ela quer dar a Rodolphe; no dia seguinte apresenta a fatura, e Emma acaba pagando com o dinheiro que Derozerays mandara a Charles.

No **capítulo 2 da Parte III** aparece em casa durante o luto pelo pai de **Charles Bovary** e sugere a Emma que o marido lhe passe uma procuração. Nos capítulos **4 e 5 da Parte III** vende a ela cortinas e tapete, intermedeia a venda de um terreno em Barneville e a faz assinar letras de câmbio, trocando parte da dívida por dinheiro vivo que paga as quintas-feiras em Rouen. No **capítulo 6 da Parte III** chega a intimação de oito mil francos em vinte e quatro horas, e ele fecha a porta às súplicas de Emma.

Lheureux responde às súplicas de Emma fechando a porta e dizendo: “Não tenho mais que me ralar com isso!”

Parte III, capítulo 6

A escalada tem quatro degraus, em quatro capítulos: a procuração no capítulo 2, as cortinas e o tapete a crédito no capítulo 4, o terreno de Barneville e as letras de câmbio no capítulo 5, a intimação de oito mil francos no capítulo 6, crescendo no mesmo ritmo em que o tédio do adultério avança.

Parte III, caps. 1-6 - O Romantismo Vira Contabilidade

No capítulo 7 da Parte III o oficial de diligências Hareng chega para inventariar a casa, e a nota dos capítulos 7 a 11 da Parte III conta o cálculo de Lheureux como o primeiro dos cálculos alheios que arruinam Charles depois da morte de Emma.

“e a sua vida, até aos recantos mais íntimos, foi, como um cadáver a que se faz a autópsia, exposta de par em par aos olhares daqueles três homens.”

Parte III, capítulo 7

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Dinheiro e riqueza e Desejo. A nota dos capítulos 9 a 15 da Parte II, na seção “O crédito como sedução paralela”, lê o crédito dele como a mesma promessa do discurso de Rodolphe: nada custa agora, tudo se resolve depois, com juros.

Lheureux é quem financia os dois adultérios de Emma de ponta a ponta: está no comício em que a sedução de Rodolphe começa, vende o pingalim que ela dá a Rodolphe, e são as letras de câmbio dele que sustentam a vida de Emma no tempo das quintas-feiras com Léon em Rouen, quando ela completa quase sempre a despesa que Léon não consegue pagar sozinho.

RELAÇÕES

- **Emma Bovary**: a cliente e devedora.
- **Charles Bovary**: o marido que cede à procuração sem entender o que cede e herda as dívidas.
- **Rodolphe Boulanger**: quem o dispensa no comício, e para quem Emma compra o chicote.
- **Léon**: o amante cujos encontros o dinheiro dele financia.
- **Hippolyte**: o destinatário da perna de pau cuja encomenda passa por ele.

ABADE BOURNISSEN

QUEM É

O padre de Yonville. Entra no capítulo 1 da Parte II na cozinha da estalagem do Leão de Ouro só para pedir à dona que lhe mande ao presbitério o guarda-chuva que esquecera no convento de Ernemont, recusa a bebida oferecida e sai sem se demorar; assim que ele se vai, Homais o acusa de hipocrisia.

TRAJETÓRIA

No capítulo 3 da Parte II se indigna no batismo de **Berthe Bovary**, quando o avô Bovary derrama champanhe na cabeça da criança, quase sai e é aplacado por súplicas. No capítulo 6 da Parte II Emma

Bovary vai à igreja procurá-lo e o encontra distraído com as travessuras dos meninos do catecismo. Quando ele se diz "o médico das almas", é ela quem responde:

“- Sim..., o senhor alivia todas as misérias.”

Parte II, capítulo 6

Emma tenta falar das que têm pão e não têm outra coisa; ele completa a frase com o fogo para o inverno, e é ela quem replica "Que importa isso?", pergunta que ele não entende ("Como? Que importa?") e logo atribui à digestão. Os dois ficam "frente a frente, sem dizer nada", e ele volta ao catecismo alegando "o dever acima de tudo".

No capítulo 14 da Parte II, durante a devoção da convalescença de Emma, não se sente versado no fervor dela e escreve a Boulard, livreiro do bispo, pedindo "qualquer obra de qualidade superior, destinada a uma senhora que estava cheia de graça"; chega um embrulho de livros piedosos feito ao acaso, que ela lê com precipitação e que a irrita.

No capítulo 8 da Parte III dá a Emma a extrema-unção.

“primeiro nos olhos, que tanto haviam cobiçado todas as sumptuosidades terrestres, depois nas narinas, ávidas de brisas cálidas e perfumes amorosos, depois na boca, que se abria para a mentira, que gemera de orgulho e gritara de luxúria, depois nas mãos, que se deleitavam com suaves contactos, e, finalmente, nas plantas dos pés, tão rápidos outrora quando corria a saciar os seus desejos e que não voltariam a caminhar.”

Parte III, capítulo 8

No velório, no capítulo 9 da Parte III, discute religião com Homais junto do corpo, cada um citando a própria estante: de um lado Voltaire, D'Holbach e a Enciclopédia; do outro as "Cartas de Alguns Judeus Portugueses" e "A Razão do Cristianismo" de Nicolau. Na noite seguinte voltam a discutir, agora o celibato dos padres e a confissão, e acabam adormecendo um diante do outro, sem se mexer mais do que o cadáver ao lado.

A cena é o retrato mais econômico do romance sobre o que Homais e Bournisien têm em comum: nenhum dos dois está falando com o outro, os dois estão citando para vencer.

Parte III, capítulo 9

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Religião e Dever. A nota dos capítulos 1 a 8 da Parte II, na seção "A igreja que não escuta", lê a cena do capítulo 6 da Parte II como o ponto em que o romance fecha a porta da religião institucional como resposta ao vazio de Emma, e o guia da obra a lê como a cena em que o padre devolve Emma às sombras, tratando a angústia dela como fome ou frio.

As duas conversas longas de Bournisien no romance terminam do mesmo modo, sem palavra: com Emma, na igreja, os dois "frente a frente, sem dizer nada"; com Homais, no velório, os dois adormecidos um diante do outro junto do corpo dela.

RELAÇÕES

- **Emma Bovary**: a paroquiana que o procura no **capítulo 6 da Parte II** e a quem dá a extrema-unção.
- **Homais**: o adversário de religião, da estalagem ao velório.
- **Berthe Bovary**: a criança do batismo.
- Símbolo ligado a ele: **Yonville**.

BERTHE BOVARY

QUEM É

A filha de **Emma Bovary** e **Charles Bovary**. Aparece em poucas cenas: o nascimento e o batismo no **capítulo 3 da Parte II**, o empurrão da mãe no **capítulo 6 da Parte II**, a agonia de Emma no **capítulo 8 da Parte III**, a morte do pai e o destino final no **capítulo 11 da Parte III**.

TRAJETÓRIA

No **capítulo 3 da Parte II** nasce menina, e Emma, que queria um filho homem, desmaia com a notícia.

“Ela desejava um rapaz, seria forte e moreno, chamar-se-ia Georges, e esta ideia de ter um filho varão era uma espécie de desejo de desforra de todas as suas frustrações passadas. Um homem, pelo menos, é livre, pode explorar todas as paixões e todas as terras, atravessar os obstáculos, tomar o gosto das venturas mais distantes. Mas uma mulher é continuamente impedida de tudo.”

Parte II, capítulo 3

O nome vem de uma jovem que Emma ouviu a marquesa chamar assim em **La Vaubyessard**. No batismo, o avô Bovary derrama champanhe na cabeça da criança e o **Abade Bournisien** quase sai.

No **capítulo 6 da Parte II**, quando Emma volta da igreja, a menina se agarra aos joelhos dela; Emma a repele com o cotovelo, Berthe cai contra a cómoda e corta a face, e a mãe diz a Charles que ela caiu a brincar. Velando-lhe o sono, Emma pensa nela assim:

““É uma coisa estranha”, pensava Emma, “como esta criança é feia!””

Parte II, capítulo 6

No mesmo capítulo, na partida para Paris, **Léon** pede para beijá-la.

No **capítulo 8 da Parte III**, na agonia do envenenamento, Emma pede que lhe tragam a filha. Berthe chega meio a dormir, procura os presentes de Ano Novo e estranha os olhos grandes, a palidez e o suor da mãe.

“- Tenho medo! - disse a pequena, recuando.”

Parte III, capítulo 8

No **capítulo 11 da Parte III**, depois da morte de Emma, ninguém lhe conta o que aconteceu.

“Ela perguntou pela mamã. Responderam-lhe que estava ausente e que Lhe traria brinquedos.”

Parte III, capítulo 11

É ela quem encontra o pai morto no jardim, achando que ele brinca.

“E, acreditando que ele estivesse a brincar, empurrou-o levemente. Caiu no chão. Estava morto.”

Parte III, capítulo 11

É mandada para a avó, que morre no mesmo ano, e depois para uma tia pobre.

“Essa tia é pobre e manda a pequena trabalhar numa fábrica de fiação para ganhar a vida.”

Parte III, capítulo 11

TEMAS QUE ENCARNA

O tema-padrão que passa por ela é Família. o guia da obra conta, entre os sinais de arrependimento de Emma, os momentos em que ela reconhece a filha, e a nota dos capítulos 7 a 11 da Parte III registra a leitura moralizante segundo a qual Berthe paga pelos pecados dos pais, para em seguida mostrar que essa leitura não explica **Rodolphe Boulanger** e **Léon**.

Berthe começa e termina o romance em duas pontas sociais: o nome, ouvido da boca de uma marquesa no castelo do baile, e o último registro sobre ela, uma fábrica de fiação.

RELAÇÕES

- **Emma Bovary**: a mãe, que queria um filho, que a repele no **capítulo 6 da Parte II** e que a chama na agonia.
- **Charles Bovary**: o pai, que ela encontra morto.
- **Léon**: pede para beijá-la na despedida.
- **Abade Bournisien**: o padre do batismo.
- Símbolo ligado a ela: **La Vaubyessard**, de onde vem o nome.

HIPPOLYTE

QUEM É

Hippolyte Tautain, moço de cavalaria da estalagem do Leão de Ouro, em **Yonville**, o homem do pé boto operado por **Charles Bovary** no **capítulo 11 da Parte II**.

TRAJETÓRIA

No **capítulo 11 da Parte II Homais** convence Charles a operá-lo pelo prestígio, e convence o próprio Hippolyte pela vaidade.

“Não és um homem, caramba? Que seria então se tivesses de servir no exército, de combater pela pátria?”

Parte II, capítulo 11

O narrador compara o momento da incisão aos cirurgões históricos.

“Nem Ambroise Paré, aplicando pela primeira vez desde Celso, após quinze séculos de intervalo, a laqueação imediata de uma artéria, nem Dupuytren, quando estava para abrir um abcesso através de

uma espessa camada de encéfalo, nem Gensoul, quando fez a primeira ablação do maxilar superior, sentiram provavelmente palpitar tanto o coração”

Parte II, capítulo 11

Homais escreve na mesma noite o artigo para o jornal, que dá ao paciente nome, sobrenome e ofício.

“operou um pé aleijado a Hippolyte Tautain, moço de cavalaria há vinte e cinco anos no hotel do Leão de Ouro”

Parte II, capítulo 11

Cinco dias depois começa a crise, a perna gangrena e Canivet amputa a coxa; durante a amputação, um grito lancinante atravessa o silêncio da vila e chega à casa dos Bovary. No capítulo 12 da Parte II Emma Bovary lhe oferece uma perna de pau, cuja encomenda passa por Lheureux e que Charles paga; Hippolyte, sem coragem de usar todos os dias uma perna tão bonita, pede outra mais simples, e volta a percorrer a aldeia.

“quando Charles ouvia de longe o bater seco da sua perna de pau sobre a calçada, apressava-se rapidamente a tomar por outro caminho”

Parte II, capítulo 12

Na Parte III ainda carrega as malas de Emma com a perna postiça (capítulo 2) e, na noite do envenenamento, parte para Neufchâtel quando Charles escreve ao doutor Canivet (capítulo 8). No capítulo 10 da Parte III aparece na missa do enterro de Emma.

“Era Hippolyte, o moço do Leão de Ouro. Pusera a sua perna nova.”

Parte III, capítulo 10

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Ciência e técnica e Honra e reputação. A nota dos capítulos 9 a 15 da Parte II, na seção "O público que desmascara o privado", lê a cirurgia como o experimento em que a mediocridade de Charles, que Emma já sabia em segredo, vira fato registrado em jornal e comentado na praça. A mesma nota registra que Homais sai do desastre sem dano.

RELAÇÕES

- **Charles Bovary**: o médico que o opera, paga a perna de pau e depois foge do som dela na rua.
- **Homais**: quem promove a operação e escreve o artigo.
- **Emma Bovary**: quem lhe oferece a perna de pau, e a cujo enterro ele vai com a perna nova.
- **Lheureux**: quem se encarrega da encomenda da perna de pau.
- Símbolo ligado a ele: **Yonville**.

QUILLAUMIN

QUEM É

O tabelião de **Yonville**, patrão de **Léon**, que é escriturário no cartório dele, e o homem a quem **Emma Bovary** pede dinheiro depois da penhora, no capítulo 7 da Parte III. O texto o descreve sempre

absorvido no trabalho, de óculos de aros de ouro e suíças ruivas, sem entender nada das delicadezas do espírito.

TRAJETÓRIA

Aparece primeiro no **capítulo 2 da Parte II** como o tabelião de quem Léon é escriturário, e no fim do **capítulo 3 da Parte II** como o patrão de quem Léon se queixa, sozinho no Pasto.

“Lamentava-se de viver naquela aldeia, tendo Homais como amigo e Guillaumin como patrão.”

Parte II, capítulo 3

No **capítulo 6 da Parte II** é na carruagem dele que Léon parte para Rouen.

As procurações passam por ele. No **capítulo 2 da Parte III**, onde Emma leva a Charles o modelo da primeira procuração, quando ele pergunta onde ela o arranhou, ela responde "Foi no Guillaumin" e acrescenta, logo em seguida, que não confia nele. Depois que a sogra queima essa procuração, a segunda é feita no cartório dele, no **capítulo 5 da Parte III**, e o tabelião dá à fraqueza de Charles uma desculpa lisonjeira.

“- Compreendo perfeitamente - disse o notário. - Um homem de ciência não pode embaraçar-se com pormenores da vida prática.”

Parte III, capítulo 5

No **capítulo 7 da Parte III**, entre a promessa falhada de Léon e a recusa de **Rodolphe Boulanger**, é Félicité quem sugere a Emma procurá-lo. O narrador avisa que ele já conhecia a dívida por dentro, por estar ligado a **Lheureux**.

“O doutor Guillaumin já a conhecia, por estar secretamente ligado ao mercador de tecidos, em casa de quem encontrava sempre capitais para os empréstimos hipotecários que o encarregavam de contratar.”

Parte III, capítulo 7

Recebe Emma ao almoço, lamenta não ter administrado o dinheiro dela em especulações, pega-lhe a mão e, quando ela insiste no dinheiro, cede "à irrupção de um desejo demasiado forte": diz que sim, arrasta-se de joelhos até ela e agarra-a pela cintura. Ela recusa.

“O senhor aproveita-se impunemente da minha aflição! Eu sou para lastimar, mas não para vender!”

Parte III, capítulo 7

Sozinho, consola-se pensando que os chinelos que calça foram um presente de amor e que uma aventura daquelas o arrastaria longe demais. Emma, depois de passar ainda pela casa de Binet, vai a La Huchette pedir a Rodolphe o dinheiro que não aceitou de Guillaumin.

TEMAS QUE ENCARNA

O tema-padrão que passa por ele é Dinheiro e riqueza. A leitura do **capítulo 7 da Parte III** que liga a cena dele à de Rodolphe:

A frase de recusa a Guillaumin é o espelho exato do que Rodolphe dirá poucas páginas depois, mas ao contrário: ela recusa vender o corpo, ele recusará emprestar o dinheiro.

Parte III, capítulo 7

RELAÇÕES

- **Emma Bovary**: a quem ele assedia e por quem é recusado.
- **Léon**: o escrivão do cartório dele no capítulo 2 da Parte II; no capítulo 7 da Parte III, a promessa falhada que vem antes da visita de Emma.
- **Charles Bovary**: o marido cuja segunda procuração é feita no cartório dele.
- **Lheureux**: o comerciante a quem está secretamente ligado nos empréstimos hipotecários.
- **Rodolphe Boulanger**: a recusa seguinte; a nota do capítulo 7 da Parte III lê a recusa de Emma a Guillaumin como espelho invertido da recusa de Rodolphe a ela.

SÍMBOLOS

LA VAUBYESSARD

O QUE É

O castelo do Marquês de Andervilliers e o baile a que Emma Bovary e Charles Bovary vão no capítulo 8 da Parte I, convidados por um acaso quase cômico: cerejas do jardim de Tostes. A nota do capítulo 8 da Parte I o trata como o que muda o eixo do romance, e a nota dos capítulos 1 a 9 da Parte I resume: o baile não seduz Emma, envenena.

ONDE APARECE

No capítulo 8 da Parte I o que pesa não é o Visconde, que mal fala com Emma até a valsa final, mas o excesso material e social do castelo: os retratos com séculos de linhagem, o champanhe gelado que a faz estremecer inteira, a valsa que aprende ali mesmo e o duque de Laverdière à mesa.

“He had lived at court and slept in the bed of queens!”, ele tinha vivido na corte e dormido na cama de rainhas!

Parte I, capítulo 8

Na volta, Charles acha na estrada A cigarreira verde. Já em casa, no fim do mesmo capítulo, o baile deixa de ser lembrança e vira uma fenda na vida de Emma, aberta num tédio que o capítulo 7 da Parte I já descrevia; no capítulo 9 da Parte I, vira doença.

“Her journey to Vaubyessard had made a hole in her life, like one of those great crevices that a storm will sometimes make in one night in mountains”, sua viagem a Vaubyessard (ver La Vaubyessard) tinha aberto um buraco em sua vida, como uma daquelas grandes fendas que uma tempestade às vezes abre numa única noite nas montanhas.

Parte I, capítulo 8

“her life was cold as a garret whose dormer window looks on the north, and ennui, the silent spider, was weaving its web in the darkness in every corner of her heart”, sua vida era fria como um sótão cuja clarabóia dá para o norte, e o tédio, aranha silenciosa, tecia sua teia na escuridão de cada canto do seu coração.

Parte I, capítulo 7

No capítulo 3 da Parte II o nome de Berthe Bovary vem de uma jovem que Emma ouviu a marquesa chamar assim em Vaubyessard. No capítulo 5 da Parte III o padrão do baile, excitação seguida de tédio maior, reaparece em escala semanal nas quintas-feiras de Rouen.

“tornava-se irritável, gulosa e voluptuosa”

Parte III, capítulo 5

O QUE SIGNIFICA

A nota dos capítulos 1 a 9 da Parte I lê o baile pelos dois lados. A favor de Emma, a distinção de classe que a cena mostra, marcada pela pele e pelo cheiro dos ricos, confirma que a fome dela tem objeto real. Contra a leitura da sociedade provinciana como causa, o baile deveria satisfazer, porque dá a Emma exatamente o mundo que faltava, e faz o oposto: aumenta a fome. Daí a tese de que o problema está na estrutura do desejo dela. A mesma nota registra que a Parte I planta aqui o padrão de excitação seguida de tédio maior, que se repete em cada caso amoroso. O guia da obra o lê pela caverna de Platão:

O baile não tira Emma da caverna. É a fogueira tomada pelo Sol, uma sombra mais luminosa, e por isso envenena em vez de libertar. Toda vez que a realidade dói, ela faz o gesto do prisioneiro:

Madame Bovary

Do castelo Emma leva duas coisas que o romance acompanha depois: a cigarreira, achada na estrada de volta, e o nome da filha, ouvido de uma marquesa. A primeira fica com ela; a segunda passa a Berthe, cujo último registro é uma fábrica de fiação.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Desejo, Sonho e fantasia, Classe social.
- Personagens: Emma Bovary, Charles Bovary, Berthe Bovary.
- Símbolos vizinhos: A cigarreira verde, o objeto que sai do baile, e Yonville, para onde a família se muda depois do tédio de Tostes.

YONVILLE

O QUE É

A vila para onde Charles Bovary muda a família no fim da Parte I, como remédio contra um mal de Emma Bovary que ele não entende. Fica na fronteira entre Normandia, Picardia e Ilha de França, e é o palco da Parte II e do desfecho da Parte III.

ONDE APARECE

A abertura do capítulo 1 da Parte II é geográfica antes de ser narrativa, citada da tradução inglesa porque a edição portuguesa começa depois deste trecho.

“a bastard land whose language is without accent and its landscape is without character”

Parte II, capítulo 1

A vila recebeu uma nova saída, a estrada de 1835, e mesmo assim, diz o narrador, ficou estacionária. No mesmo capítulo o elenco já está à mesa na estalagem do Leão de Ouro, e a farmácia, não a igreja do outro lado da rua, é o que mais atrai a vista.

“E o letreiro, que ocupa toda a largura da loja, diz em letras douradas: Homais, farmacêutico.”

Parte II, capítulo 1

A nota dos capítulos 1 a 8 da Parte II registra a imobilidade como estrutura: em Yonville "nada, com efeito, mudou", o relógio do quarto de Emma "continuava o seu tiquetaque" enquanto ela se afunda na poltrona, e Homais repete "boa noite a todos" todo dia. No capítulo 11 da Parte II o vexame da

operação de **Hippolyte** é comentado na praça. A nota dos capítulos 1 a 6 da Parte III lê Rouen, com a rotina das quintas-feiras, como uma Yonville paralela. No **capítulo 8 da Parte III** Emma volta a Yonville depois da recusa de **Rodolphe Boulanger** e come o arsênico no laboratório de Homais, e o livro fecha na vila, no **capítulo 11 da Parte III**, com o farmacêutico condecorado.

“Acaba de receber a Legião de Honra.”

Parte III, capítulo 11

O QUE SIGNIFICA

A nota do **capítulo 1 da Parte II** chama a vila de moldura moral do livro, um lugar sem identidade própria onde nada se move, exceto o que os personagens trazem de fora. A imobilidade do cenário é o que torna visível cada pequena mudança em Emma: sem esse fundo estático, a curva dela, de esperança a desilusão a nova esperança, não teria contraste.

As partes passadas em Yonville abrem com uma chegada e fecham com uma condecoração: a família Bovary chega no **capítulo 1 da Parte II**, e a última linha registra a Legião de Honra de Homais, cuja farmácia era o que mais atraía a vista naquela chegada. Da família que chegou, ninguém fica: Emma e Charles morrem, e **Berthe Bovary** vai para a avó e depois para uma tia pobre.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Indivíduo e sociedade, Tempo, Honra e reputação.
- Personagens: **Homais**, **Abade Bournisien**, **Lheureux**, **Léon**, **Emma Bovary**, **Charles Bovary**.
- Símbolos vizinhos: **La Vaubyessard**, o mundo de que Emma vem com fome, e **O fiacre**, o espaço sem endereço fixo da Parte III.

A CIGARREIRA VERDE

O QUE É

Uma cigarreira debruada de seda verde, com um brasão no centro, que **Charles Bovary** acha caída na estrada, entre as patas do cavalo, na volta do baile em **La Vaubyessard**. **Emma Bovary** a atira para o fundo do armário e a guarda. O livro não diz como ela foi parar na estrada nem de quem era: no **capítulo 9 da Parte I** a posse é só uma pergunta de Emma, que se pergunta se seria do Visconde e imagina que fosse presente de uma amante dele; no **capítulo 12 da Parte II**, ao registrar uma segunda caixa de charutos, a narração a chama de "a do visconde". A nota do **capítulo 8 da Parte I** a chama de primeiro objeto fetiche do romance, o primeiro fragmento físico de uma vida que não é a dela e que ela passa a habitar por procuração, e a do **capítulo 9 da Parte I** diz que o Visconde dá ao desejo dela um rosto; a nota do **capítulo 1 da Parte III** a chama de "a cigarreira do Visconde".

ONDE APARECE

No **capítulo 8 da Parte I** Charles a acha na estrada. No **capítulo 9 da Parte I** Emma a abre sozinha, cheira o forro, pergunta-se de quem seria e inventa a história do dono.

“A breath of love had passed over the stitches on the canvas; each prick of the needle had fixed there a hope or a memory, and all those interwoven threads of silk were but the continuity of the same silent passion”, um sopro de amor passara sobre os pontos da tela; cada picada da agulha ali fixara uma

esperança ou uma lembrança, e todos aqueles fios de seda entrelaçados eram apenas a continuidade da mesma paixão silenciosa.

Parte I, capítulo 9

No capítulo 12 da Parte II ela não reaparece, mas serve de molde: entre os presentes que Rodolphe Boulanger recebe de Emma está uma segunda caixa de charutos, que o texto diz ser igual à primeira, registrando que Emma continuava a guardar a que Charles achara. São dois objetos, não um.

“uma caixa para charutos igualzinha à do visconde, que Charles em tempos achara na estrada e que Emma conservava consigo”

Parte II, capítulo 12

No capítulo 1 da Parte III ela volta como termo de comparação: o efeito da cena no quarto do hotel com Léon é o que o capítulo 9 da Parte I já tinha ensaiado com a cigarreira, o presente que se dissolve em nostalgia fabricada.

“o passado, o futuro, as reminiscências e os sonhos, tudo se achava confundido na doçura daquele êxtase”

Parte III, capítulo 1

O QUE SIGNIFICA

A nota dos capítulos 1 a 9 da Parte I tira dela dois sentidos. O primeiro é o mecanismo do objeto que substitui a pessoa ausente: a cigarreira, depois cada amante. O segundo é o argumento contra a leitura de Emma como vítima só da pobreza do mundo: ela constrói uma biografia sentimental completa para o dono de um objeto achado, sem saber quem ele é, e o problema aparece como incapacidade de habitar qualquer mundo real. A mesma nota sugere a frase da paixão silenciosa como legenda sobre desejo por objetos e desejo por pessoas.

Quem acha a cigarreira é Charles, não Emma: o primeiro objeto da vida que Emma passa a habitar por procuração chega às mãos dela pelas do marido.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Desejo, Sonho e fantasia.
- Personagens: Emma Bovary, Charles Bovary, Rodolphe Boulanger, que recebe a segunda caixa de charutos.
- Símbolos vizinhos: La Vaubyessard, de onde ela sai.

O FIACRE

O QUE É

A carruagem de cortinas fechadas em que Emma Bovary e Léon passam horas cruzando Rouen e os arredores sem destino, no capítulo 1 da Parte III. O fiacre aparece só nessa cena, e a nota desse capítulo a chama de a mais citada do romance.

ONDE APARECE

No **capítulo 1 da Parte III** o fiacre é o fim da fuga da catedral, onde o encontro marcado se chocara com a reza de Emma e com um guia incansável.

“Léon fugia, porque tinha a impressão de que o seu amor [...] se iria agora evaporar”

Parte III, capítulo 1

À porta da igreja, enquanto um garoto vai buscar o carro, Emma hesita e diz que não é decente. Léon a decide com um argumento de lugar, não de sentimento.

“– Porquê? – replicou o escriturário. – É coisa corrente em Paris!”

Parte III, capítulo 1

Ao cocheiro, que pergunta para onde, Léon não dá destino nenhum, e o carro passa a obedecer só a uma voz que, de dentro, manda seguir.

“– Para onde você quiser! – respondeu Léon, empurrando Emma para dentro do carro.”

Parte III, capítulo 1

Quem vê o carro é a cidade, de fora.

“uma carruagem com os estores descidos aparecendo assim constantemente, mais fechada que um túmulo e sacudida como um navio”

Parte III, capítulo 1

O único sinal que sai lá de dentro, a meio do dia, também é visto de fora: uma mão sem luva e papéis rasgados ao vento. Pelas seis horas o carro para numa ruela do bairro Beauvoisine, e desce dele uma mulher de véu descido, que o texto não nomeia.

“uma mão sem luva atravessou as pequenas cortinas de tecido amarelo e lançou fora pedaços de papel rasgado que se dispersaram ao vento”

Parte III, capítulo 1

O QUE SIGNIFICA

A nota do **capítulo 1 da Parte III** registra que Flaubert nunca mostra o que se passa dentro do fiacre, só o efeito sobre quem vê de fora, e lê a imagem como resumo do capítulo: o amor de Emma sempre precisa de um espaço fechado, em movimento, sem endereço fixo. Na seção "Geografia como sintoma", a nota dos capítulos 1 a 6 da Parte III põe o fiacre errante ao lado da rotina fixa das quintas-feiras do **capítulo 5** (mesma diligência, mesmo cabeleireiro, mesmo caminho) como o mesmo padrão em duas escalas: Emma não sabe habitar um lugar, só atravessá-lo em busca de sensação. O material anotado não acompanha o fiacre além dessa cena.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Desejo, Sexualidade.
- Personagens: **Emma Bovary**, **Léon**.
- Símbolos vizinhos: **Yonville**, o lugar fixo de onde Emma sai para Rouen toda quinta-feira.

DISCUSSÕES

PARTE I, CAPÍTULO 1

O narrador examina o boné de Charles peça por peça e diz que a sua "feiura muda" tem "profundezas de expressão", como o rosto de um imbecil. Por que o romance abre com um objeto que parece dizer mais do que o rapaz que o carrega?

Charles imagina que o casamento com a viúva escolhida pela mãe o tornará mais livre, mas é a mulher quem passa a mandar nele. O que essa sequência mostra sobre o modo como Charles entra em cada fase da vida e sobre quem decide por ele?

PARTE I, CAPÍTULO 2

O narrador diz que Charles "não procurou perguntar a si mesmo" por que ia com prazer aos Bertaux, e que, se pensasse nisso, atribuiria o zelo à gravidade do caso. O que significa um desejo que se recusa a ser nomeado, e quem o percebe antes do próprio Charles?

Quando se descobre que a fortuna anunciada da primeira esposa era mentira, o casamento desmorona e ela morre logo depois. O que o narrador sugere sobre aquilo que sustentava esse casamento, e como isso se compara com o que leva Charles de volta aos Bertaux?

PARTE I, CAPÍTULO 3

Numa tarde de calor, com a casa vazia, Emma serve o licor, quase não põe nada no próprio copo, ri por não sentir nada e lambe o fundo dele, enquanto Charles a olha em silêncio. Quem conduz essa cena, e o que ela mostra sobre o desejo de cada um dos dois?

Emma teria preferido casar-se "à meia-noite, à luz de tochas", e o pai dela não compreendeu nada dessa ideia. O que esse desejo revela sobre o que ela espera do casamento, e por que o narrador o registra só de passagem, no meio dos preparativos de todos os outros?

PARTE I, CAPÍTULO 4

O confeitiro de Yvetot traz de sobremesa um templo de papelão com colunatas, um torreão de bolo e, no alto, um Cupido num balanço de chocolate, e os convidados soltam gritos de admiração. O que essa peça diz sobre a ideia de amor que circula no casamento, e por que o narrador a descreve andar por andar?

No dia seguinte, o narrador diz que é Charles quem se tomaria pela "virgem da véspera", enquanto a noiva não deixa transparecer nada. O que essa inversão revela sobre os dois, e por que a cena chega até nós pelo olhar dos convidados?

PARTE I, CAPÍTULO 5

No quarto do casal, Charles leva para o sótão o buquê de flores de laranjeira da primeira esposa sem perceber nada, e Emma se pergunta o que fariam com o dela "se por acaso viesse a morrer". Por que o romance liga casamento e morte por meio de um objeto, e por que é Emma quem faz essa ligação?

Emma conclui que errou ao julgar-se apaixonada, porque a felicidade que devia nascer do amor não veio, e passa a procurar o que se entende "ao certo" por felicidade, paixão e embriaguez, palavras que lhe haviam parecido tão belas nos livros. O erro está no casamento, em Emma ou nas palavras?

PARTE I, CAPÍTULO 6

No convento, Emma amava a igreja pelas flores e a música pelas palavras das canções, e inventava pequenos pecados para ficar mais tempo ajoelhada no confessionário. Isso é devoção ou apetite? O que muda na leitura da cena se a resposta for apetite?

Emma procura "emoções, não paisagens", e rejeita como inútil tudo o que não serve aos desejos imediatos do coração. Que tipo de observadora do mundo isso produz, e o que ela deixa de ver?

PARTE I, CAPÍTULO 7

A conversa de Charles é "plana como uma calçada de rua", e as ideias de todo mundo desfilam por ela "sem despertar emoção, riso ou devaneio". Essa monotonia está em Charles, em Emma, ou no que ela espera de uma conversa?

O narrador compara a vida de Emma a um sótão cuja janelinha dá para o norte, onde o tédio, "aranha silenciosa", tece a sua teia em cada canto do coração. Por que a imagem do narrador é mais dura do que qualquer queixa que Emma faça em voz alta?

PARTE I, CAPÍTULO 8

Emma passa o baile diante de retratos antigos, de champanhe gelado e de romãs e abacaxis que nunca tinha visto, e depois valsa, embora não soubesse valsar, com um homem que mal conhece. Em que sentido o baile a seduz mais pelas coisas do que pelas pessoas?

Depois do baile, Emma sente que a viagem abriu "um buraco" em sua vida, como as grandes fendas que uma tempestade abre numa só noite nas montanhas. O que precisava faltar a essa vida para que uma única noite bastasse para rasgá-la?

PARTE I, CAPÍTULO 9

Emma cheira o forro da cigareira, imagina de quem seria e inventa uma amante que a teria bordado, em cujos pontos "cada picada de agulha" teria fixado uma esperança ou uma lembrança. O que ela faz ao ler uma vida inteira num objeto, e em que isso se parece com o modo como lê os romances?

Em meio à arrumação da mudança, Emma joga o buquê de noiva no fogo e o olha queimar, e as corolas de papel sobem pela chaminé "como borboletas negras". O que significa esse gesto feito sem uma palavra, e por que o narrador o põe justamente quando o casal se prepara para partir?

PARTE II, CAPÍTULO 1

O narrador percorre Yonville da ponte à igreja e à prefeitura em forma de templo grego, e diz que o que mais atrai o olhar é a farmácia de Homais, com o nome dele em letras douradas no letreiro e de novo na porta do laboratório. Que ordem de valores esse percurso revela, e o que sobra nele para a igreja?

Assim que o abade sai da cozinha do Leão de Ouro, depois de recusar com educação a bebida que lhe ofereceram, Homais chama aquela recusa de "hipocrisia" e fala dos padres que bebem às escondidas. O que a cena sugere sobre quem tem a palavra em Yonville, e por que o padre aparece só de passagem e o farmacêutico em discurso?

PARTE II, CAPÍTULO 2

Durante o jantar, Emma e Léon vão descobrindo gostos idênticos: o pôr do sol à beira-mar, os lagos e cascatas da Suíça, os livros lidos ao canto da lareira. Eles estão descobrindo um ao outro ou recitando o mesmo catálogo? O que muda na cena conforme a resposta?

Ao dormir na casa nova, Emma raciocina que, "uma vez que a parte já vivida havia sido má", a que lhe restava viver "haveria de ser melhor". O que há de lógico e o que há de ilusão nesse raciocínio, e o que o leitor já viu nos lugares anteriores que ela parece ignorar?

PARTE II, CAPÍTULO 3

Emma desejava um filho porque, pensa ela, "Um homem, pelo menos, é livre", e desmaia ao saber que nasceu uma menina. O texto deixa em aberto se isso é um protesto contra a condição das mulheres ou só mais uma fantasia que a realidade desmente: que elementos do capítulo sustentam cada leitura?

Emma escolhe o nome da filha por ter ouvido a marquesa, no baile, chamar assim uma jovem. O que um nome tirado de uma festa a que a menina nunca foi diz sobre o lugar que Emma reserva à filha na sua própria história?

PARTE II, CAPÍTULO 4

Emma acredita que o amor "devia surgir de repente, com grande tumulto e fulgurações", como uma tempestade que cai sobre a vida. Se é assim, o que ela faz com o que sente por Léon, que cresce devagar, entre jogos de cartas, livros emprestados e pequenos favores?

Léon escreve declarações que rasga em seguida e desiste quando Charles o convida a sair com ele, enquanto Emma não se pergunta se o ama. O que cada um dos dois evita ao não dizer nada, e o que a vizinhança ganha ao falar por eles?

PARTE II, CAPÍTULO 5

O narrador dá à virtude de Emma dois motores: o orgulho de poder dizer "Sou virtuosa" e de olhar o espelho assumindo poses de resignação, e a raiva que a casa lhe provoca. Uma virtude feita para o espelho ainda é virtude, e quem é o seu público?

O narrador diz que a mediocridade doméstica incitava Emma a fantasias luxuosas e a ternura matrimonial, a desejos adúlteros. Por que a ternura de Charles produz nela o contrário do que se esperaria, e o que isso diz sobre o que ela quer de um marido?

PARTE II, CAPÍTULO 6

Emma vai à igreja em busca de algo que não sabe nomear, e o padre, ocupado com os meninos do catecismo, se diz "médico das almas" e atribui o mal-estar dela à digestão. O que ela pede sem conseguir dizer, e o que impede o padre de ouvi-la: distração, incompetência ou o próprio ofício?

Depois de empurrar Berthe, que cai e corta a face, Emma diz a Charles que a menina caiu a brincar e, velando-lhe o sono, pensa: "como esta criança é feia!". O que a frase revela de Emma, e o que o narrador ganha ao registrar o pensamento sem condená-lo?

PARTE II, CAPÍTULO 7

Depois que Léon parte, Emma o recria cada vez mais belo e se amaldiçoa por não o ter amado, embora o tivesse evitado enquanto ele estava ao alcance. Por que a ausência faz crescer um desejo que a presença

não alimentava, e o que isso diz sobre o que Emma deseja de fato?

Antes de trocar uma palavra com Emma, Rodolphe a compara a uma carpa que anseia pela água "em cima da mesa da cozinha" e decide que será dele. Que tipo de leitor de pessoas é Rodolphe, e em que a imagem dele acerta e em que erra sobre Emma?

PARTE II, CAPÍTULO 8

No palanque, o discurso do conselheiro, a corte de Rodolphe e o anúncio dos prêmios de gado e de adubo se alternam frase a frase. O que acontece com as palavras de amor quando ouvidas ao lado de elogios ao rei e de prêmios de adubo, e a quem esse efeito favorece, a Rodolphe ou a Emma?

A criada Catherine Leroux sobe ao estrado sem entender por que a empurram, recebe a medalha por cinquenta e quatro anos de serviço e diz que vai dá-la ao padre para mandar rezar missas. O que o narrador faz com essa figura no meio da retórica do comício, e o que ela tem que nem o conselheiro nem Rodolphe têm?

PARTE II, CAPÍTULO 9

Rodolphe raciocina que, se Emma o amou desde o primeiro dia, "deve amar-me ainda mais", e conclui: "continuemos!". Por que o narrador mostra primeiro o cálculo dele e só depois a fala sedutora, e o que Emma perde por ouvir apenas a segunda camada?

Depois de ceder, Emma repete diante do espelho "Tenho um amante! Um amante!", deleitando-se com a ideia "como se fosse a da chegada de uma nova puberdade". A quem ela dirige essa frase: a Rodolphe, a si mesma ou às heroínas dos romances que leu?

PARTE II, CAPÍTULO 10

O narrador compara o grande amor de Emma à água de um rio que o próprio leito absorve, "descobrimo o lodo". O amor diminuiu porque Rodolphe mudou, porque Emma esperava demais ou porque é assim que o amor acaba? Que elementos do capítulo sustentam cada resposta?

Depois de contar as ilusões que gastou "na virgindade, no casamento e no amor", Emma pergunta quem a faz tão infeliz e olha em volta: um dia claro, o fogo aceso, a filha rindo sobre o feno. O que a cena sugere sobre a causa da infelicidade dela?

PARTE II, CAPÍTULO 11

Homais convence Hippolyte pela vaidade ("Não és um homem, caramba?") e pela promessa de que não custará dinheiro, e o narrador compara Charles, na hora da incisão, a Ambroise Paré, Dupuytren e Gensoul. O que a comparação grandiosa faz com a operação e com quem a conduz?

Diante de Charles em pânico, Emma sente uma humilhação própria: a "de ter imaginado que semelhante homem pudesse ter algum valor". De quem é a responsabilidade por essa esperança ter existido, e o que o fato de ela ter apostado na operação diz sobre o que espera do marido?

PARTE II, CAPÍTULO 12

Rodolphe, que já ouviu frases iguais de outras mulheres, só vagamente acredita na ingenuidade das de Emma, e o narrador responde que a palavra humana é "como um caldeirão rachado em que se batem

melodias para fazer dançar os ursos, quando o que se pretendia era enternecer as estrelas". Em que a frase julga Rodolphe, e em que julga o próprio narrador, que também só tem palavras?

Emma encomenda a Lheureux capote, baú e saco de dormir para a fuga, enquanto Rodolphe, voltando a pé pela pradaria, decide que não partirá. Por que o narrador entrega a decisão dele ao leitor antes de Emma saber, e o que isso muda na leitura dos preparativos dela?

PARTE II, CAPÍTULO 13

Rodolphe escreve a carta de ruptura e escolhe "A culpa é da fatalidade!", palavra que, ele mesmo pensa, "produz sempre efeito". Se a palavra é eficaz e ao mesmo tempo falsa, o que significa que ela funcione sobre Emma e sobre quem a lê?

Na água-furtada, Emma relê a carta e pensa: "Porque não acabar com tudo? Quem a impediria?", e conclui que era livre. Só o grito de Charles a chama de volta: o que o texto sugere ao pôr a interrupção nas mãos do marido que ela despreza?

PARTE II, CAPÍTULO 14

Ajoelhada no genuflexório gótico, Emma dirige ao Senhor "as mesmas palavras de suavidade" que murmurara ao amante, e ergue-se com "um vago sentimento de um imenso logro". O que permanece igual quando muda o destinatário do amor, e por que a devoção termina assim?

O abade pede ao livreiro do bispo uma obra "destinada a uma senhora que estava cheia de graça", e chegam manuais e romances piedosos que Emma lê com pressa e sem proveito. O que o texto sugere ao entregar a cura espiritual de Emma a quem não sabe do que ela padece?

PARTE II, CAPÍTULO 15

Na ópera, Emma pensa que poderia ter entregue a vida "a algum coração grande e sólido", mas logo conclui que essa felicidade "era uma mentira inventada para causar o desespero de todo o desejo". Qual das duas Emmas tem razão, a que lamenta ou a que desconfia, e por que o narrador deixa os dois pensamentos lado a lado?

Charles traz Léon ao camarote e, no fim, insiste para que Emma fique em Rouen, "desde que tenhas a mínima impressão de que te poderá fazer bem". Que efeito tem pôr nas mãos de Charles, sem que ele perceba, aquilo que Emma passa a desejar?

PARTE III, CAPÍTULO 1

Quando Emma diz que não é decente entrar no fiacre, Léon responde: "É coisa corrente em Paris!", e o narrador diz que essa palavra, "como argumento irresistível", a decidiu. Que tipo de argumento é esse, e por que um lugar basta para decidir uma questão moral?

O narrador nunca mostra o que se passa dentro do fiacre, só a carruagem "mais fechada que um túmulo e sacudida como um navio" e uma mão que lança papéis rasgados pela cortina. O que se ganha ao deixar a cena fora de campo, e o que o leitor faz com a lacuna?

PARTE III, CAPÍTULO 2

Quando Charles, em lágrimas, a abraça para beijá-la, Emma é tomada pela "recordação do outro" e passa a mão pelo rosto. Que efeito tem o narrador deixar sem nome esse outro, e por que o beijo do marido

enlutado o faz voltar?

Lheureux volta várias vezes, sempre com um pretexto novo, "insinuando a Emma alguns conselhos sobre a procuração", e diz que então "poderíamos fazer uns negociozinhos", sem que Emma entenda. Por que a armadilha chega como gentileza e atenção, e o que Emma aprende com esse modo de se aproximar?

PARTE III, CAPÍTULO 3

Na volta do passeio de barco, o barqueiro cita um folgazão a quem chamavam "Adolphe..., Dodolphe... creio eu", e Emma estremece. Por que um nome dito pela metade, por um estranho, pesa mais do que qualquer lembrança que Emma pudesse contar a Léon?

Emma dá a Léon instruções tão precisas sobre o duplo sobrescrito que ele fica admirado com a sua "astúcia amorosa". O que a rapidez com que ela domina a técnica do segredo diz sobre Emma, e sobre o que Léon ainda não conhece dela?

PARTE III, CAPÍTULO 4

Para ter licença de ir toda semana a Rouen, Emma finge paixão pelo piano e defende que as lições "só aproveitam se forem seguidas". Que ironia há em que o argumento do álibi sirva também de regra para o próprio adultério?

Depois que Emma deixa de tocar, é Charles quem volta a propor as aulas e quem lhe dá a permissão de ir à cidade. Que parte do segredo de Emma depende da boa vontade do marido, e o que isso diz sobre a cegueira dele: ingenuidade, generosidade ou comodidade?

PARTE III, CAPÍTULO 5

Do alto, Rouen parece a Emma uma Babilônia, como se as "cento e vinte mil almas que ali palpitavam" lhe enviassem o vapor das paixões que ela lhes atribuía. O que a distância faz com a cidade, e o que a rotina das quintas-feiras faz com o amor?

Léon copia um soneto de um álbum porque Emma lhe pede versos, e o narrador diz que era ele quem "se comportava como se fosse uma amante". O que a inversão de papéis mostra sobre o que Emma procura em um amante e sobre o que Léon aceita ser?

PARTE III, CAPÍTULO 6

O narrador diz que Emma "encontrava agora no adultério toda a insipidez do casamento". Se o problema não era o marido, o que era, e o que isso diz sobre o que ela buscava ao trocar de homem?

Nas cartas a Léon, Emma vê "outro homem, um fantasma construído das suas mais ardentes recordações, das suas mais belas leituras, dos seus mais fortes desejos". Se o destinatário já é um fantasma, a quem ela escreve, e que papel resta ao Léon de carne e osso?

PARTE III, CAPÍTULO 7

Durante a penhora, a vida de Emma é exposta "até aos recantos mais íntimos", "como um cadáver a que se faz a autópsia", aos olhares de três homens. O que o narrador sugere ao descrever a perda dos bens como uma violação do corpo, e por que isso se passa diante do oficial de diligências e de duas testemunhas?

Ao recusar o notário, que sabia da dívida por estar secretamente ligado a Lheureux, Emma diz: "Eu sou para lastimar, mas não para vender!". O que a frase recusa e o que aceita, e o que o texto ganha ao dar essa dignidade a Emma precisamente diante de quem lucra com a aflição dela?

PARTE III, CAPÍTULO 8

O narrador garante sobre Rodolphe: "Não mentia." Se tivesse o dinheiro, dá-lo-ia, e ainda assim o narrador chama o pedido de dinheiro "a mais fria e devastadora de todas as tempestades que podem desabar sobre o amor". Se ele diz a verdade, de que Emma o acusa, e o que o dinheiro revela entre os dois que as palavras de amor tinham escondido?

Na extrema-unção, o padre unge os olhos que cobiçaram, as narinas ávidas de perfumes amorosos, a boca que se abria para a mentira, as mãos e os pés tão rápidos. Esse inventário do corpo de Emma é um julgamento, uma compaixão ou uma despedida?

PARTE III, CAPÍTULO 9

Junto ao corpo de Emma, Homais e o abade discutem, e cada um recomenda ao outro a sua estante: "Leia Voltaire!", "Leia as Cartas de Alguns Judeus Portugueses!". Se nenhum escuta o outro, por que a discussão se dá diante do cadáver, e o que o corpo faz na cena?

Charles escreve que quer Emma enterrada com o vestido de noiva, sapatos brancos e uma grinalda, em três caixões, de carvalho, de mogno e de chumbo, e as pessoas se admiram de suas "ideias românticas". O que essa vontade diz sobre o que Charles sabe e não sabe de Emma, e o que o romance faz com o primeiro vestido dela?

PARTE III, CAPÍTULO 10

Em plena igreja, um pau ferrado bate nas lajes e o narrador explica: "Era Hippolyte, o moço do Leão de Ouro. Pusera a sua perna nova." O que essa intromissão tira ou dá ao funeral, e quem na igreja, além do leitor, sabe de onde vem aquela perna?

O ruído da madeira do caixão atingida pelas pedras é descrito como "o retumbar da eternidade", com um "nos parece" que inclui o leitor. O que significa dar a eternidade ao som da terra sobre o caixão, e por que o narrador faz essa concessão a quem lê?

PARTE III, CAPÍTULO 11

Charles encontra Rodolphe, diz que não lhe quer mal e acrescenta: "Foi culpa da fatalidade!", e o narrador observa que Rodolphe, "que manobrara aquela fatalidade", achou a frase indulgente demais. A mesma palavra serve a quem engana e a quem perdoa: o que isso diz sobre ela e sobre os dois homens?

O romance termina com uma frase sobre Homais: "Acaba de receber a Legião de Honra." Ela vem depois da morte de Emma e de Charles e da fábrica de fiação onde Berthe é posta a trabalhar. Que juízo sobre o mundo o livro entrega ao dar a última frase a esse homem?

PARTE I - O BAILE COMO VENENO

- Se Emma tivesse casado com um homem à altura do vocabulário romanesco dela, o tédio teria desaparecido, ou o vocabulário sempre exigiria mais do que qualquer casamento real pode dar?
- O narrador nunca condena Charles diretamente, só o mostra. Até que ponto essa objetividade do estilo indireto livre é ela mesma um julgamento, mais cruel por não se assumir como tal?

PARTE II, CAPS. 1-8 - O COMÍCIO E A SEDUÇÃO

- Se Léon tivesse ficado em Yonville em vez de partir para Paris, ele teria se tornado, com o tempo, um Rodolphe? O capítulo 5 já mostra Léon achando Emma "tão virtuosa e inacessível" que abandona toda esperança, o mesmo movimento retórico que qualquer sedutor faz para justificar a espera.
- Por que Flaubert põe Catherine Leroux logo depois que Rodolphe se cala e os dedos dos dois se entrelaçam, e não em outro ponto do comício?

PARTE II, CAPS. 9-15 - A MEDIOCRIDADE EXPOSTA

- Por que Emma lê no fracasso de Charles a confirmação de uma mediocridade "já verificada dezenas de vezes", em vez de reconhecer, na escolha de Rodolphe, uma mediocridade equivalente na sua capacidade de julgar as pessoas, que o plano de fuga frustrado logo depois vai expor?
- O que muda, estruturalmente, entre a fantasia de Emma sobre Rodolphe (cap. 9) e sobre Lagardy (cap. 15), já que as duas nascem do mesmo apetite? Ela aprendeu algo com o intervalo, ou só trocou de objeto?

PARTE III, CAPS. 1-6 - O ROMANTISMO VIRA CONTABILIDADE

- Se o problema não é Charles nem Léon, mas a estrutura do desejo de Emma (como a Parte I já sugeria), o que aconteceria se ela chegasse a viver com um "amante ideal"? O capítulo 6 responde por antecipação: ela já imagina esse amante, e o imaginado é mais vívido, e mais seguro, do que qualquer homem real que ela tenha tido.
- Por que o romance faz a dívida crescer exatamente no mesmo ritmo que o tédio? É coincidência de enredo ou Flaubert está dizendo algo sobre a economia do próprio romantismo, que sempre precisa de mais insumo (roupa, tapete, viagem) para produzir a mesma dose de sensação?

PARTE III, CAPS. 7-11 - O TRIUNFO DE HOMAIS

- Se o eixo é cálculo contra compromisso, onde fica Emma? Ela também calcula (usa Léon, tenta usar Rodolphe, procura **Guillaumin** e Binet com a própria aflição), mas calcula mal e tarde demais, sempre depois de já ter se comprometido de verdade com o desejo. É a pior combinação possível: compromisso emocional real, cálculo social incompetente.
- O epitáfio que Homais tenta compor para o túmulo de Emma (cap. XI) é uma comédia à parte: ele quer "Sta viator" (Para, viajante), não consegue completar a frase clássica, e a solução que adota, "Amabilem conjugem calcas", significa literalmente "pisas uma esposa amável". A erudição decorativa de Homais falha exatamente no momento em que tenta dizer algo sério, e ninguém percebe.